

907 - OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS
GERD A BORNHEIM

OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS: Aos filósofos pré-socráticos - vale dizer, aqueles pensadores que antecederam historicamente Platão e Aristóteles, os dois vultos cardeais da filosofia grega - pode-se aplicar, com a maior das propriedades, o epíteto de "pais da filosofia ocidental". Conquanto lhes conheçamos as doutrinas somente através de fragmentos esparsos, e malgrado o caráter por vezes enigmático de sua linguagem, representam eles, mercê da profundidade e da acuidade de muitas de suas formulações, a aurora do pensamento filosófico do Ocidente. Daí não estranhar o interesse sempre crescente que têm despertado no atualidade, suscitando, de Nietzsche a Heidegger, variadas interpretações e abrindo novas perspectivas à compreensão da problemática da filosofia. Neste volume que a Editora Cultrix ora incorpora à sua série de clássicos, estão reunidos todos os fragmentos considerados autênticos dos pré-socráticos, bem como breve seleção doxográfica acerca de cada um deles. A tradução dos textos foi criteriosamente realizada pelo Prof. Gerd A. Bornheim, que é também responsável pela introdução geral da coletânea e pelas notas biográficas acerca dos dezessete filósofos aqui representados, a saber: Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaximenes de Mileto, Xenófanes de Cólofon, Heraclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, Alcmeão de Cróton, Parmênides de Eléia, Zenão de Eléia, Melisso de Samos, Empédocles de Agrigento, Filolau de Cróton, Arquitas de Tarento, Anaxágoras de Clazomena, Diógenes de Apolônia, Leucipo de Abdera e Demócrito de Abdera. Pelo cuidado com que foi preparado e pela importância de que se reveste o seu conteúdo, **OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS** irá certamente interessar a alunos e professores das nossas Faculdades de Filosofia, bem como a todos os leitores desejosos de ampliar sua cultura filosófica. Ilustração da Capa: Demócrito (Museu Nacional de Nápoles)

ÍNDICE

Introdução 7

Advertência sobre a presente edição 17

Seleção bibliográfica 19

TALES DE MILETO 22

Doxografia 22

ANAXIMANDRO DE MILETO 24

Fragmentos 25

Doxografia 25

ANAXIMENES DE MILETO 28

Fragmento 28

Doxografia 28

XENÓFANES DE CÓLOFON 30

Fragmentos 30

Doxografia 34

HERACLITO DE ÉFESO 35

Fragmentos 36

Doxografia 43

PITÁGORAS DE SAMOS 47

Doxografia 48

ALCMEÃO DE CRÓTON 51

Fragmentos 51

Doxografia 51

PARMÊNIDES DE ELÉIA 53

Fragmentos 54

Doxografia 58

ZENÃO DE ELÉIA 60

Fragmentos 60

Doxografia 61

MELISSO DE SAMOS 64

Fragmentos 64

Doxografia 66

EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO 67

Fragmentos 68

Doxografia 82

FILOLAU DE CRÓTON 85

Fragmentos 85

Doxografia 88

ARQUITAS DE TARENTO 89

Fragmentos 89

ANAXÁGORAS DE CLAZOMENA 93

Fragmentos 93

Doxografia 97

DIÓGENES DE APOLÔNIA 99

Fragmentos 99

Doxografia 102

LEUCIPO DE ABDERA 103

Fragmento 103

Doxografia 103

Fragmentos 105

DEMÓCRITO DE ABDERA 108

Fragmentos 108

Doxografia 125

INTRODUÇÃO: Se compreendermos a Filosofia em um sentido amplo como concepção da vida e do mundo -, poderemos dizer que sempre houve Filosofia. De fato, ela responde a uma exigência da própria natureza humana; o homem, imerso no mistério do real, vive a necessidade de encontrar uma razão de ser para o mundo que o cerca e para os enigmas de sua existência. Neste sentido, todo povo, por primitivo que seja, possui uma concepção do mundo. Mas se compreendermos a Filosofia em um sentido próprio, isto é, como o resultado de uma atividade da razão humana que se defronta com a totalidade do real, torna-se impossível pretender que a Filosofia tenha estado presente em todo e qualquer tipo de cultura. O que a História nos mostra é exatamente o contrário: a Filosofia é um produto da cultura grega, devendo-se reconhecer que se trata de uma das mais importantes contribuições daquele povo antigo ao mundo ocidental. 7

A Filosofia teve o seu início nas colônias da Grécia, nos séculos VI e V a.C. Assim, a filosofia grega se desenvolve da periferia para o centro, concentrando-se em Atenas somente mais tarde, com os sofistas e os filósofos chamados socráticos. E aqui devemos acenar a um primeiro problema importante: o da origem da filosofia grega e a influência do Oriente. A florescente navegação e a rica atividade comercial das colônias jônicas da Ásia Menor punha-as em contato com os povos do Egito, da Fenícia e da Mesopotâmia, e a influência destes povos vizinhos sobre o processo de formação da filosofia grega não pode ser ignorada. 7

A opinião dos autores sobre este problema, sobretudo no século passado, debatia-se entre duas teses extremas: a primeira afirma que a Grécia trouxera do Oriente todos os principais conteúdos de sua cultura, e assim sendo, seria ela destituída de originalidade maior, mesmo em relação à Filosofia. E a segunda tese faz o elogio do "milagre grego", defende a independência do gênio helênico, considerando-o uma espécie de produto exótico dentro do panorama -bárbaro dos povos antigos. São teses exacerbadas, que hoje vêm sendo substituídas por uma visão mais equilibrada. 7

Sem dúvida, os gregos sofreram a influencia de outros povos. Todo povo desenvolve certas idéias sobre a vida e o mundo, desdobra certas concepções sobre a alma, sobre a origem do mundo a partir do caos, sobre os ciclos cósmicos e a unidade do universo, esc. Estas idéias, sob a forma de mitos, estão presentes nas mais antigas religiões. Povos mais adiantados, como o do Egito e de outros países do Oriente Médio, chegaram até mesmo a desenvolver uma matemática, uma astronomia, uma medicina na. Que o contato com todos estes povos não poderia deixar os gregos imunes, é óbvio. Muitos dos temas que vão ocupar os filósofos gregos estão longe de poderem ser considerados originais. Mas a despeito disto, pode-se dizer que os gregos constituem uma exceção e que nos legaram uma cultura altamente original. 8

Esta originalidade pode ser constatada em dois pontos básicos: a) se certas elementos "bárbaros" penetraram na Grécia, isto não autoriza a inferir que todo o conteúdo do pensamento grego seja alienígena. Receberam, sem dúvida, certas idéias gerais, mas . mais ou menos comuns de resto aos povos primitivos; dos povos mais adiantados, receberam certa ciência - mas seria absurdo pretender que se tenham limitado ao recebido de fora. Estes Conteúdos todos funcionaram mais como um ponto de partida, que de forma alguma é incompatível com a rica Contribuição do próprio povo grego. Se compararmos a cultura grega com as outras culturas da época, as diferenças revelam-se mais acentuadas do que o que passam ter de comum. b) Por maior que tenha sido o impacto do não-grego sobre o grego, o surto da Filosofia jamais se poderia explicar pela simples coincidência de conteúdos. O que importa, salientar é que se instaura na Grécia um tipo de comportamento humano mais acentuadamente racional. É este maior respeito à dimensão especificamente racional do homem, sem o qual é impossível pensar o surto da Filosofia, que caracteriza o Povo grego. Evidentemente, neste ponto também se devem evitar categorias absolutas; não se trata de contrapor as gregos aos outros povos, como se estes fossem destituídos de racionalidade. Mas diante do real, os gregos não se limitaram a uma atividade prática ou a um comportamento religioso; ao lado disto, souberam assumir um comportamento propriamente filosóficos a pergunta filosófica exige uma postura mais puramente , intelectual. Sem esta maior autonomia do comportamento racional, não se poderia compreender o surto da filosofia grega. Por isto, em seu sentido forte e especifica, a Filosofia é um produto original da cultura grega. Cremos que Nietzsche resumiu o problema através de uma frase famosa: "Outros povos nas deram santos, os gregos nos deram sábios."

Mas a instauração deste comportamento racional coloca ainda outras questões não menos complexas e difíceis de serem resolvidas. Devemos fazer também uma breve referência ao problema das supostas religiões do pensamento grego, ou ao problema das relações entre Religião e Filosofia na Grécia. 9

Mais uma vez, o surto da Filosofia só pode ser compreendido através de certas características muito peculiares à religião grega. Não se trata de afirmar que a Religião tenha sido a causa da instauração da Filosofia; também não se trata tão-só de reconhecer a coincidência de certos Conteúdos. O problema consiste muito mais em compreender como estes conteúdos foram transferidos de um contexto mítico para o domínio da pergunta racional. Quando Tales afirma que a água é o elemento primordial de todas as coisas, há nisto uma clara ressonância do mito homérico, que mergulha por sua vez nas mais primitivas crenças religiosas. Mas tal ressonância não autoriza a dizer que a afirmação do mundo natural implica a recusa de uma realidade sobrenatural. Sem dúvida, as colônias em que se desenvolveu a filosofia pré-socrática não se caracterizavam pela intensa religiosidade da Grécia peninsular - que se extasiava, na mesma época, com a tragédia. Não é, contudo, a falta de religiosidade que explica o surto da Filosofia. Trata-se muito mais de outro tipo de religiosidade, que obrigava o homem das colônias a viver mais por si mesmo e a desenvolver uma certa ousadia intelectual. O itinerário do pensamento pré-socrático não se desdobra do "mito ao logos", mas de um logos", mítico para a conquista de um logos", mais acentuadamente noético.

Por outro lado, se quisermos explicar tal ousadia devemos atentar a um rasgo fundamental da religiosidade grega: o homem grego não compreende os seus deuses como pertencentes a um mundo sobrenatural; deparamos com uma religião que desconhece o dogma ou qualquer tipo de verdade que não encontre os seus fundamentos na própria ordem natural. Os deuses gregos apresentam-se com uma evidencia que os prende à ordem natural das coisas. Não existe o exclusivismo do Deus hebraica ou muçulmano, que SO reconhece o homem quando este se converte. Longe de se limitarem a uma igreja ou aos privilégios de um povo escolhido, os deuses gregos são reconhecidos em sua presença puramente natural na ardem do mundo. E esta presença natural que empresta aos deuses gregos uma universalidade ímpar. Os deuses existem assim como existem as plantas, as pedras, o amor, os homens, o riso, o choro, a justiça. 10

A partir de tais supostas religiosos compreende-se que aos poucos uma atitude filosófica diante do real se tornasse viável, que o homem passasse a afirmar-se como um ser que por suas próprias forças questiona o real. Claro que a autonomia da pergunta filosófica só pode surgir ao cabo de um longo itinerário. Se em Homero o poeta se esconde, anônimo atrás dos feitos dos deuses e dos heróis, Hesíodo se apresenta como homem, e quase que constrói a seu modo uma teogonia. Desta forma, a atividade racional do homem se afirma com uma intensidade crescente, até atingir, ao tempo dos pré-socráticos, o seu primeiro momento de maturidade. Burnet chama a atenção para o fato de que os primeiras filósofos usam até mesmo a palavra deus em um sentido não-religioso ¹. Se o pensamento filosófico é em certa medida condicionado pela Religião, esta passa agora a sofrer o impacto da Filosofia. 10

¹ J. Burnet, L'Aurore de ta Philosophie Grecque, ed. francesa. de Aug. Reymond, Payot, Paris, 1952, pág. 75.

Aristóteles, em sua *Metafísica*, chamou os filósofos pré-socráticos de *physikoi*, físicos. A expressão não é incorreta, mas presta-se facilmente a equívocos. A "física" pré-socrática nada tem a ver com a física na acepção moderna da palavra, assim como a *physis* não pode ser traduzida sem mais pela palavra natureza. Hoje, a natureza tende, a confundir-se sempre mais com o objeto das ciências da natureza, com algo que pode ser dominado pelo homem, que pode ser posto a seu serviço e canalizado, em termos de técnica. Desta forma, a natureza transforma-se em expressão da vontade de poder.¹¹

Mas não é dentro desta perspectiva que podemos aceder ao conceito pré-socrático da natureza. A física dos primeiros filósofos gregos não é uma disciplina que se contraponha a outras disciplinas, como a Lógica, a Ética ou a Física tal como se a compreende hoje. Se chamarmos, com Aristóteles, de física a filosofia pré-socrática devemos entender por esta expressão o saber do ente na sua totalidade. 11

Como a *physis* é o conceito fundamental de todo o pensamento pré-socrático, cabem aqui algumas breves observações introdutórias ao tema. 11

Etimologicamente, *physis* é um abstrato formado pelo sufixo *sis* e pela raiz verbal *phy*; na voz ativa: *phúein*, na voz média: *phúesthai*. Patzer analisa a palavra em, função de Homero, e constata que estas duas formas verbais são aplicadas preferencialmente ao mundo vegetal. Na voz ativa significa produzir (como o bosque que na primavera produz folhas), e na voz média significa crescer (aos ciclopes, "tudo cresce sem semente e sem arado")² (2). O reino vegetal seria, assim, o originário o, estendendo-se, mais tarde, o significado do verbo a ponto de assumir uma amplitude máxima. Jaeger diz que a palavra *physis* designa o processo de surgir e desenvolver-se, razão pela qual os gregos a usavam freqüentemente com um genitivo. E acrescenta Jaeger: "Mas a palavra abarca também a fonte originária das coisas, aquilo a partir do qual se desenvolvem e pelo qual se renova constantemente o seu desenvolvimento; com outras palavras, a realidade subjacente às coisas de nossa experiência"³. Burnet, por sua vez, afirma que "na língua filosófica grega, *physis* designa sempre o que é primário, fundamental e persistente, em oposição ao que é secundário, derivado e transitório"⁴. 11

² H. Patzer, *Physis. Grundlegung zu einer Geschichte des Wortes*. Habilitationsschrift, Marburg, 1940, pág. 3 ss.

³ Werner Jaeger, *La Teologia de los primeros Filósofos griegos*, trad. de José Gaos, México, Fondo de Cultura Económica, 1952, pág. 26.

⁴ Op. cit., pág. 13.

Já por estas sumárias indicações percebe-se a densidade filosófica que acompanha a palavra *physis* conceito complexo do qual depende a compreensão que se possa ter do pensamento pré-socrático. Insistindo um pouco mais no problema, podemos destacar três aspectos fundamentais da *physis*: 12

1) A palavra *physis* indica aquilo que por si brota, se abre, emerge, o desabrochar que surge de si próprio e se manifesta neste desdobramento, pondo-se no manifesto. Trata-se, pois, de um conceito que nada tem de estático, que se caracteriza por uma dinamicidade profunda, genética. "Dizer que o Oceano e a gênese de todas as coisas é virtualmente o mesmo que dizer que é a *physis* de "Mas as coisas", afirma Werner Jaeger referindo-se a Homero⁵. Neste sentido, a *physis* encontra em si mesma a sua gênese; ela é *arké*, princípio de tudo aquilo que vem a ser. O pôr-se no manifesto encontra na *physis* a força que leva a ser manifesto. Por isto pode Heidegger dizer que "a *physis* é o própria Ser, graças ao qual o ente se torna e permanece observável»⁶. 12

2) Em nossos dias, a natureza se contrapõe ao psíquico, ao anímico, ao espiritual, qualquer seja o sentido que se empreste a estas palavras. Mas para os gregos, mesmo depois do período pré-socrático, o psíquico também pertence à *physis*. Esta importante dimensão da *physis* pode ser melhor compreendida a partir de sua gênese mitológica. Já afirmamos que os deuses gregos não são entidades sobrenaturais, pois são compreendidos como parte integrante da natureza. Em Homero, por exemplo, a presença dos deuses aparece como superior aos homens e ao mesmo tempo como algo que lhes é próximo: os deuses estão presentes em tudo o que acontece e tudo acontece como que através dos deuses. Esta presença transparece ainda em Tales, na frase que lhe é atribuída: "tudo está cheio de deuses". Evidentemente, com o surto da Filosofia a atitude do homem frente às coisas sofre uma transformação, acentuando-se a exigência de racionalidade. Segundo Jaeger, Tales emprega a palavra *deus* "em um sentido um tanto distinto daquele em que a empregariam a maioria dos homens"⁷. Os deuses de Tales não vivem em uma região longínqua, separada, pois tudo, todo o mundo que rodeia o homem e que se oferece ao seu pensamento, está cheio de deuses e dos efeitos de seu poder. "Tudo está cheio de misteriosas forças vivas; a distinção entre a natureza animada e a inanimada não tem fundamento algum; tudo tem uma alma"⁸. Esta idéia da alma, de forças misteriosas que habitam a *physis*, transforma a esta em algo de inteligente, empresta-lhe certa espiritualidade, afastando-a do sem-sentido, anárquico e caótico. Veja-se, como exemplo, o fragmento 67, de Heráclito: "Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome. Mas toma formas variadas, assim como o fogo, quando misturado com essências, toma a nome segundo o perfume de cada uma delas." Ou ainda o fragmento 64: "O relâmpago (que é a arma de Zeus) governa o universo." Esta idéia de que o deus pertence em algum sentido à *physis* é característica de todo o pensamento pré-socrático, e continua nua vi mesma em Demócrito, como o atestam os fragmentos 18, 21, 112 e 129. À *physis* pertence, portanto, um princípio, inteligente, que é reconhecido através de suas manifestações e ao qual se emprestam os mais variados nomes: Espírito, Pensamento, Inteligência, *logos*", etc. 12

⁵ Op. cit., pág. 26.

⁶ Martin Heidegger, *Einfuehrung in die Metaphysik*, Tuebingen, ed. Max Niemeyer, 1953, pág. 11.

⁷ Op. cit., pág. 27.

⁸ *Ibid.*

3) A physis compreende a totalidade de tudo o que é. Ela pode ser apreendida em tudo o que acontece: na aurora, no crescimento das plantas, no nascimento de animais e homens. E aqui convém chamar a atenção para um desvio em que facilmente incorre o homem contemporâneo. Posto que a nossa compreensão do conceito de natureza é muito mais estreito do que a grega, o perigo consiste em julgar a physis como se os pré-socráticos a compreendessem a partir daquilo que nós hoje entendemos por natureza; neste sentido, se comprometeria a o primevo pensamento grego com uma espécie de naturalismo. Em verdade, a physis não designa precipuamente aquilo que nós, hoje, compreendemos por natureza, estendendo-se, secundariamente ao extranatural. Para os pré-socráticos, já de saída, o conceito de physis é o mais amplo e radical possível, compreendendo em si tudo o que existe. Não se compreende o psíquico, por exemplo, a partir do modo de ser da natureza em seu sentido atual, como não se entende aos deuses a partir de nosso conceito mais parco de natureza. À physis pertencem o céu e a terra, a pedra e a planta, o animal e o homem, o acontecer humano como obra do homem e dos deuses, e, sobretudo, pertencem à physis os próprios deuses⁹. Devido a esta amplitude e radicalidade, a palavra physis designa outra coisa que o nosso conceito de natureza. Vale dizer que na base do conceito de physis não está a nossa experiência da natureza, pois a physis possibilita ao homem uma experiência totalmente outra que a que nós temos frente à natureza. Assim, a physis compreende a totalidade daquilo que é; além dela nada há que possa merecer a investigação humana. Por isto, pensar o todo do real a partir da physis não implica em "naturalizar" todos os entes ou restringir-se a este ou aquele ente natural. Pensar o todo do real a partir da physis é pensar a partir daquilo que determina a realidade e a totalidade do ente. 13

Estas parecem ser as notas fundamentais da physis, possibilitadoras da "física" pré-socrática. Pensando a physis, o filósofo pré-socrático pensa o ser, e a partir da physis pode então aceder a uma compreensão da totalidade do real: do cosmos, dos deuses e das coisas particulares, do homem e da verdade, do movimento e da mudança, do animado e do inanimado, do comportamento humano e da sabedoria, da política e da justiça. 14

⁹ Veja-se Martin Heidegger, op. cit., pág. 11.

Não deixa de causar surpresa a intensidade crescente do interesse que se vem manifestando pelo pensamento pré-socrático. De Nietzsche a Heidegger, as interpretações se sucedem, e a obra dos fundadores da filosofia ocidental, embora dela só conheçamos fragmentos, surge com um viço inesperado e consegue abrir perspectivas novas para a compreensão da problemática filosófica. De láta, até há bem pouco tempo eram os pré-socráticos considerados filósofos "menores", relegados à posição secundária de simples precursores: Platão e Aristóteles impunham-se como a medida que determinava qualquer acesso ao pensamento que os antecedeu. Mas o imenso e inesgotável trabalho de redescoberta, que vem sendo realizado em nossos dias, abrigou a situar os critérios de interpretação em outras bases; podemos mesmo afirmar que o denominador comum das pesquisas contemporâneas consiste em libertar a filosofia dos pré-socráticos, da milenar tutela platônico-aristotélica; consiste em tentar elucidá-los escutando o que dizem os próprios fragmentos, evitando-se visualizá-los através de conceitos de evidente formação ulterior, e que lhes roubam a sua dimensão mais própria e original.

15

Libertar os pré-socráticos de doutrinas que os condenaram ao esquecimento lá é um trabalho árduo; mas ainda mais difícil é compreender a linguagem dos pais da filosofia ocidental. Os vinte e cinco séculos que nos separam deles, tornaram a sua obra distante e aparentemente estranha às preocupações do pensamento de hoje. Comparados à moderna terminologia filosófica, expressam-se de um modo não, raro enigmático freqüentemente acusado de antifilosófico; o fato de que muitos deles foram poetas de que se expressavam numa linguagem que o rigor moderno tacha de arbitrária, de que recorriam até mesmo aos mitos - são, razões que, segundo certos autores, "inferiorizam" a condição filosófica dos pré-socráticos. E a tais dificuldades e preconceitos, cresce-se um grave azar histórico: de nenhum deles conhecemos a obra completa; o esforço dos pesquisadores conseguiu colher tão-só frases incompletas e citações esparsas em um grande número de autores antigos - de Platão e Aristóteles até os primitivos padres da Igreja. 15

Mas a despeito destas dificuldades e das desvantagens de ordem material, como duvidar da transcendental importância da coleção de fragmentos que vieram até nós? Realmente, como ignorar a sibilina densidade dos pensamentos de um Parmênides ou de um Heraclito? Como permanecer alheio à profundidade que esconde o único fragmento de Anaximandro que conhecemos e que pode ser considerado a mais antigo texto filosófico ocidental? O pensamento pré-socrático oferece momentos que devem ser considerados como um dos pontos culminantes da História da Filosofia. Longe de poderem ser empalidecidos sob o epíteto de precursores, encontramos em sua fragmentada obra os fundamentos que determinaram o próprio curso do pensamento ocidental. Neste sentido, ao contrário de serem distantes e estranhas, conservam a sua atualidade através da sinuosa e ingrata memória do homem. 15

ADVERTÊNCIA SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO: Com a presente tradução dos fragmentos dos mais antigos filósofos gregos pretendemos preencher uma lacuna das letras filosóficas em língua portuguesa. 17

Em nosso trabalho de tradução respeitamos o texto tal como foi estabelecido pela monumental edição de Diels (*Die Fragmente der Vorsokratiker*, Hermann Diels e Walther Kranz, 8a. edição, 3 vols., Berlim, 1956), e não tomamos conhecimento das divergências e das controvertidas correções feitas por outros especialistas. A presente edição contém a totalidade dos fragmentos reconhecidos por Diels como autênticos (excluímos os sofistas e alguns autores secundários, de escasso interesse filosófico, como Epicarmo de Crasto e Íon de Quios); conservamos a numeração adotada por Diels. 17

Além disso, acrescentamos aos fragmentos de cada pensador uma breve seleção da respectiva . doxografia (a numeração é nossa); procuramos escolher, no vasta material coligido por Diels, o mínimo indispensável para dar de cada filósofo uma visão a mais ampla possível e que possa, ao mesmo tempo, servir ao iniciante como introdução ao respectivo filósofo. Evidentemente, não se deve esquecer que os doxógrafos, embora forneçam informações importantes, não "completam" a doutrina dos fragmentos dos próprios pré-socráticos; muitas vezes, interpretam as teorias que expõem obedecendo a critérios que ia não pertencem aos pré-socráticos. Em verdade, os chamados doxógrafos constituem um valioso capítulo da história das interpretações sofridas pelos primeiros filósofos gregos, e por isto, não devem ser aceitos pacificamente, sem espírito crítico. A nossa seleção, necessariamente incompleta, não trata de reconstruir, através dos doxógrafos, uma doutrina unitária; ela busca, modestamente, oferecer alguns textos que permitam um estudo mais crítico do pensamento pré-socrático. 17

As breves observações que antecedem os fragmentos de cada filósofo não pretendem, é claro, ser um resumo da respectiva doutrina, são apenas algumas informações sobre a vida e a obra, que talvez ofereçam alguma utilidade ao iniciante. 18

Devemos lembrar ainda as singulares dificuldades que acarreta uma tradução deste gênero. Para nenhum outro caso da literatura filosófica vale de um modo tão violento a assertiva de que toda tradução é necessariamente uma interpretação. As divergências existentes entre os maiores tradutores permitiram-nos ti glosar de um modo mais crítico o nosso trabalho de tradução. 18

Finalmente, queremos expressar a nossa especial gratidão ao filólogo Professor Heinrich Bunse, da Universidade do Rio Grande da Sul, que se prontificou, com o entusiasmo que o distingue, a revisar o nosso trabalho; de seu profundo conhecimento da língua grega resultou um diálogo que torna o Prof. Bunse partícipe dos possíveis méritos do labor que agora oferecemos ao público. C. A. B. 18

TALES DE MILETO: Mileto era a mais importante cidade da Jônia. Berço dos epos homéricos, tornara-se famosa pela atividade comercial de seus navegadores, que percorriam quase toda a bacia do Mediterrâneo. Nela encontramos os mais antigas filósofos pré-socráticos, Tales, Anaximandro e Anaxímenes. 22

Sobre a vida de Tales, pouco se sabe. Um feito notável a previsão feita pelo filósofo do eclipse total do sol de 28 de maio o de 585 a. C. - permitiu estabelecer, como datas prováveis o ano de 624 a. C. para o seu nascimento e 547 a.C. para a sua morte. Parece ter tido ascendência fenícia, e, em data incerta, empreendeu uma viagem ao Egito. Participou ativamente da vida política e militar de sua cidade. 22

De suas idéias quase nada é conhecido, e é pouco provável que tenha escrito um livro. Aristóteles chama-o de fundador da Filosofia, e lembra a sua doutrina de que a água e o elemento primordial de todas as coisas, e que a terra flutua sobre a água. Atribui-se a Tales a afirmação de que "todas as coisas estão cheias de deuses", o que talvez possa ser associado à idéia de que o ímã tem vida, porque move o ferro. Além disto, elaborou uma teoria para explicar as inundações do Nilo, e atribui-se a Tales a solução de diversos problemas geométricos. 22

DOXOGRAFIA¹⁰: 1 - Tales afirmava que a terra flutua sobre a água Mover-se-ia como um navio; e quando se diz que ela treme, em verdade flutuaria em consequência do movimento da água (Sêneca, aí. Quaest. III, 14). 22

¹⁰ Não se conhece nenhum fragmento de Tales.

- 2 - Outros julgavam que a terra repousa sobre a água Esta é a mais antiga doutrina por nós conhecida e teria sido defendida por Tales de Mileto. (Arist., De Coelo B 13, 294a 28). 23
- 3 - A maior parte dos filósofos antigos concebia somente princípios materiais como origem de todas as coisas (...). Tales, o criador de semelhante filosofia, diz que a água e o princípio de todas as coisas (por esta razão afirmava também que a terra repousa sobre a água (Arist., Metaph., 1, 3). 23
- 4 - Entre os que afirmam um único princípio móvel por Aristóteles chamados propriamente de físicos -, uns consideram-no LIMITADO, assim, Tales de Mileto, filho de Examias e Hipo - que parece ter sido ateu. Dizem a água e o princípio. As aparências sensíveis os conduziram a esta conclusão; porque aquilo que é quente necessita de umidade para viver, e o que é morto seca, e todos os germes são úmidos, e todo alimento é cheio de suco; ora, é natural que cada coisa se nutra daquilo de que provém; a água e o princípio da natureza úmida, que mantém todas as coisas; e assim Concluíram que a água e o princípio de tudo e declararam que a terra repousa sobre a água (Simplicius, Phys. 23, 21). 23
- 5 - Tales e sua escola: o cosmos e um. (Aet., II, 1, 2). 23
- 6 - Parece que também Tales se conta entre aqueles que, segundo se diz, supuseram a alma como algo móvel, assim como sustentava também que a pedra magnética possui uma alma porque move o ferro. (Arist., De Anima 1, 2). 23
- 7 - E alguns sustentam que a alma está misturada com o universo; talvez por isto chegou Tales a opinião de que todas as coisas estão cheias de deuses. (Arist., De Anima 1, 5). 23
- 8 - Tales: a inteligência do cosmos e o deus; porque o universo é animado e cheio de deuses; o úmido elementar está penetrado do poder divino, que o põe em movimento. (Aet. 1, 7, 11). 23
- 9 - Tales de Mileto, o primeiro a indagar estes problemas, disse que a água é a origem das coisas e que deus é aquela inteligência que tudo faz da água (Cícero, De Deorum Nat., 1, 10, 25). 23

ANAXIMANDRO DE MILETO: Discípulo e sucessor de Tales, Anaximandro desenvolve a seu modo as doutrinas do mestre. Natural de Mileto, supõe-se que tenha vivido de 547 a 610 a. C. De sua vida nada é conhecido. Parece ter sido o primeiro a publicar escritos de ordem filosófica; escreveu em prosa. 24

A maioria dos autores tem como certo que Anaximandro usou a palavra arké (origem, princípio), não tendo prevalecido as críticas formuladas a este respeito por Burnet. O princípio de todas as Coisas é o ilimitado (apeiron). O seu fragmento refere-se a uma unidade primordial, da qual nascem todas as coisas e à qual retornam todas as coisas. Anaximandro recusa-se a ver a origem do real em um elemento particular; todas as coisas são limitadas, e o limitado não pode ser, sem injustiça, a origem . das coisas; deve haver, por isto, um princípio que lhes seja anterior e que permita compreender tudo o que é limitado. Do ilimitado surgem inúmeros mundos, e estabelece-se a multiplicidade; a gênese das coisas a partir do ilimitado é explicada através da separação dos contrários como quente e frio, seco e úmido) em consequência do movimento eterno; ciclicamente, o que está separado volta a integrar-se à unidade primordial, restabelecendo-se a justiça. Com a doutrina do ilimitado, Anaximandro pretende corrigir Tales, embora a água continue a desempenhar um papel importante em sua doutrina. Assim, afirma que a água cobria no início toda a Terra, que os seres vi . vos surgiram do mar e que o homem deriva dos peixes.

FRAGMENTOS: 1 - todas as coisas se dissipam onde tiveram a sua gênese, conforme a necessidade; pois pagam umas as outras castigo e expiação pela injustiça, conforme a determinação do tempo. 25

2 - O ilimitado é eterno. 25

3 - O ilimitado é imortal e indissolúvel. 25

DOXOGRAFIA: 1 - Entre os que defendem um único princípio móvel e ilimitado, Anaximandro, filho de Praxíades, de Mileto, e discípulo e sucessor de Tales, diz que o ilimitado é o princípio e elemento das coisas, tendo sido o primeiro a empregar a palavra princípio. Afirma que é, não a água ou algum dos outros assim chamados elementos, mas unia outra natureza diferente, ilimitada, da qual seriam formados todos os céus e os cosmos naqueles contidos. todas as coisas se dissipam onde tiveram a sua gênese conforme a culpabilidade; pois pagam umas as outras castigo e expiação pela injustiça, conforme a determinação do tempo." É evidente que Anaximandro, ao observar a transformação recíproca dos quatro elementos, não quis tomar um destes como substrato, mas um outro diferente. (Simpl., Phys. 24, 13). 25

2 - Tudo ou é princípio ou procede de um princípio; ora, não lia princípio do ilimitado, pois se tivesse seria limitado. No mais, por ser princípio, deve ser não engendrado e indissolúvel. Porque necessariamente tudo o que é gerado, chega a um fim, e há um termo a toda dissolução. Por isto, como dizemos, não tem princípio, mas ele próprio parece ser o princípio das outras coisas, e abraçá-las e governá-las todas, como afirmam todos aqueles que não admitem outras causas além do ilimitado, como por exemplo, a Inteligência ou a Amizade. E é a divindade: imortal e imperecível, como o querem Anaximandro e a maioria dos fisiólogos. (Arist., Phys. III, 4, 203b). 25

3 - O ilimitado é eterno e não envelhece. E abraça todos os cosmos. (Hipp. I, 6, 1). 25

6. Anaximandro, companheiro de Tales, dizia que o ilimitado é totalmente responsável pela gênese e pela dissolução do universo (...). Afirmava ainda que a dissolução e, muito antes, a gênese, aconteciam repetindo-se tudo isso desde um tempo ilimitado. (Pseudoplut., Strom. 2). 25

7. O movimento é eterno e com ele surgem os céus. (Hipp. 1. 6, 2). 26
8. Anaximandro não explica a gênese pela mudança do elemento primordial, mas pela separação dos contrários em consequência do movimento eterno. (Simpl., Phys. 24, 13). 26
9. Contrários são quente e frio, seco e úmido, e os outros. (Simpl., Phys. 150, 24). 26
10. Anaximandro afirma que, por ocasião da gênese deste cosmos, a força criadora do princípio eterno separou-se do calor e do frio, formando-se uma esfera deste fogo ao redor do ar que envolve a Terra, assim como a casca em torno da árvore. Quando esta se rompeu, dividindo-se em diversos círculos, formaram-se o sol, a lua e as estrelas. (Pseudoplut., Strom. 2). 26
11. (. ..) ele também construiu uma esfera. (Diog. Laert. II, 2). 26
12. O sol está situado acima de tudo; em segundo lugar está a lua; e mais abaixo as estrelas fixas e os planetas. (Aet. II, 15, 6). 26
13. Há os que afirmam, como Anaximandro entre os antigos, que a Terra, em virtude de sua igualdade, permanece fixa em seu lugar. Pois, o que está situado no centro e a igual distância dos extremos, não se pode mover para cima ou para baixo ou para os lados. Impossível é também que se mova, ao mesmo tempo, em direções contrárias. Acha-se, portanto, necessariamente em repouso. (Arist., De Coelo, II, 13, 295b). 26
14. Entre os filósofos que admitiam um número infinito de mundos, afirmava ainda Anaximandro estarem muito distanciados uns dos outros. (Aet. II, 1, 8). 26
15. Anaximandro: os primeiros animais nasceram do úmido circunvoltos por uma casca espinhosa; com o progredir do tempo, subiram ao seco e rompendo-se a casca, mudaram de forma de vida. (Aet., V, 19, 4). 26
16. Diz ainda que, no princípio, o homem nasceu de animais de outra espécie, porque, enquanto os outros animais logo aprendem a nutrir-se por si mesmos, o homem necessita de um longo período de lactação; por esta razão, não teria podido sobreviver, em sua origem, tivesse sido assim como e agora. (Pseudoplut., Strom. 2). 26

17. Opina que, originalmente desenvolveram-se os homens no interior dos peixes, e após terem sido nutridos - assim como os tubarões -, e adquirido a capacidade de proteger-se, foram expelidos e arrolados à terra. (Plut., Symp, VIII, 8, 4).
27
18. Anaxímenes, Anaximandro, Anaxágoras e Arquelau afirmavam que a natureza da alma é semelhante ao vento. (Aet. IV, 3, 2).
27

ANAXIMENES DE MILETO: Anaxímenes nasceu, provavelmente, no ano 585 a.C., e sabe-se que morreu durante a 63a. Olimpíada, isto é, entre 528 e 525 a.C. De sua vida nada mais é conhecido. 28

O ar, segundo Anaxímenes, é o elemento originante de todas as coisas; elemento vivo, que constitui as coisas através de condensação ou rarefação. Assim, o fogo é ar rarefeito, e pela condensação progressiva formam-se o vento, as nuvens, a água a terra e finalmente a pedra. Anaxímenes foi o primeiro a afirmar que a Lua recebe a sua luz do Sol. 28

FRAGMENTO: 1 - Como nossa alma, que é ar, nos governa e sustém, assim também o sopro e o ar abraçam todo o cosmos.¹¹ 28

DOXOGRAFIA: 1 - Anaxímenes de Mileto, filho de Euristrato, considerou o ar como princípio das coisas; todas as coisas dele provêm e todas as coisas nele se dissipam. Como nossa alma, que é ar, nos governa e sustém, assim também o sopro e o ar abraçam todo o cosmos. (Aet. 1, 3, 4). 28

2 - Anaxímenes, companheiro de Anaximandro, afirma, como este uma única matéria ilimitada como substrato; não indeterminada, como Anaximandro, mas determinada, chamando-a de ar: diferencia-se pela rarefação ou pela condensação segundo a substância (Simpl., 'Phys. 24, 26). 28

¹¹ Este é o único fragmento conhecido de Anaxímenes, embora não haja certeza de sua autenticidade.

3 - Do ar dizia que nascem todas as coisas existentes, as que foram e as que serão, os deuses e as coisas divinas (hip., Ref. 1, 7). 29

4 - Quando o ar esta igualmente distribuído é invisível. manifesta a sua existência através do frio e do calor, da umidade e do movimento. E esta sempre em movimento. Pois o que muda, não poderia mudar se não fosse movido (Hip. I, 7, 2). 29

5 - (...) nem afirmo que o homem é totalmente ar, como Anaxímenes (Gal. in Hip. d. nat. h. XV 25 K). 29

6 - Outros dizem que , a alma é ar, como Anaxímenes e alguns estóicos (Filop., de anima 9, 9). 29

7 - Quando o ar se rarefaz, torna-se fogo; e quando se condensa, vento; com maior condensação, nuvem; se for mais forte, água; se mais forte ainda, terra; e com sua extrema condensação, transforma-se o ar em pedra (Hip. I, 7, 3). 29

8 - Afirma que, pela condensação do ar, formou-se pela primeira vez a Terra, sendo completamente plana. Por isto, compreende-se, flutua ela sobre o ar (Pseudoplut., Strom. 3). 29

9 - As estrelas surgiram da Terra, ao destacar-se desta a umidade ascendente; com a rarefação da umidade, surgiu o fogo; e do fogo, que se elevava, constituíram-se as estrelas (Hipol., Ref. I, 7, 6). 29

10 - As estrelas estão fixas como pregos na abóbada cristalina do céu (Aet. II, 14, 3). 29

11 - Existem outros corpos semelhantes a Terra na região das estrelas que giram em torno destas (Hip. I, 7, 5). 29

12 - O céu e a circunvolução mais afastada da Terra (Aet., II, 11, 1). 29

XENÓFANES DE COLÓFON: Um dos mais longevos filósofos pré-socráticos, Xenófanes, nasceu entre 580 e 577 a.C. e continuava escrevendo aos 92 anos de idade,- deve, por isto, ter morrido por volta de 460 a.C. Rapsodo, declamava os seus versos em todas as cidades da Grécia. Abandonou sua cidade natal, Cólofon, aos vinte e cinco anos, e não se fixou em nenhum outro lugar, embora parece que se tenha demorado algum tempo na Eléia e em algumas cidades da Sicília. Escreveu exclusivamente em versos, e tornou-se famoso tanto por seus ataques aos poetas e filósofos, como também por suas próprias doutrinas filosóficas. 30

O elemento primordial é a terra (conf. frag. 27). O frag. 29 fala em terra e água, referindo-se, porém, à gênese do homem, como esclarece o frag. 33. A partir do elemento terra, Xenófanes desenvolve a sua cosmologia. Mas foi a sua teologia que lhe deu um lugar de destaque. Combate acirradamente a concepção antropomórfica dos deuses, e defende um Deus único, distinto do homem, não-gerado, eterno, imóvel, puro pensamento e que age através de seu pensamento. Os intérpretes costumam ver em Xenófanes um antecessor de Parmênides. 30

FRAGMENTOS: 1 - Pois agora o chão já esta purificado, e as mãos e taças de todos os convivas; um nos impõe coroas de flores trançadas, outro oferece em uma concha essências perfumadas. O cântaro transborda de alegria, e, nas ânforas, ainda há outro vinho, suave, que exala um perfume de ânforas e promete não acabar jamais. Entre os convivas o incenso desprende sua fragrância. sagrada; também não falta a água fresca, doce e pura. E não longe, pães dourados, e uma veneranda mesa curva-se sob o peso do queijo e do mel untuoso. No centro ergue-se um altar coberto de flores, e cantos enchem a casa, e alegria festiva. No início devem homens piedosos cantar um hino ao deus com palavras de bom augúrio e castos discursos. Após as libações e as preces pedindo a força de agir corretamente - pois isto é o que mais importa - não é excesso beber sem desprezar os limites, a fim de poder voltar para casa sem auxílio, a não ser quando se é demasiado velho. Entre os homens merece um elogio especial aquele que, após ter bebido, puder expressar-se em nobres pensamentos sobre a virtude, tanto quanto lhe permitirem sua memória e seu coração, deixando de lado os combates dos titãs, dos gigantes e dos centauros -- ' fábulas inventadas pelos antigos -, e as querelas dos cidadãos, pois nada dão de útil; nobre é preocupar-se sempre com os deuses. 30

2 - Se um homem sai vitorioso nas corridas ou no pentatlo em Olímpia, onde se encontra o recinto sagrado_ de Zeus, junto as fontes do Pisa; se vencesse na luta ou na prática do rude pugilato, ou ainda na terrível prova que se sol chamar de "pancracion", seria mais glorioso (que antes) para os seus concidadãos, receberia assento de honra, largamente visível, sua nutrição por conta da cidade e uma dádiva preciosa. Se vencedor na corrida

de carros, receberia também todas estas (honras); mas mesmo assim não teria o meu valor. Pois o nosso saber vale muito mais do que o vigor dos homens e dos cavalos. Tudo isso e um mau costume, e não é justo preferir a força ao vigor do saber. Não e a presença na cidade de um bom pugilista, nem a de um homem apto a triunfar no pentatlo ou na luta, ou pela velocidade dos pés a mais estimada entre todas as provas atléticas dos homens, que faria a cidade ficar em melhor ordem. Bem pequeno seria o proveito da cidade -se alguém, nas margens do Pisa, conquistasse a vitória nos jogos; pois isto não enche os celeiros da cidade. 31

3 - (Os colofonenses) aprenderam dos lídios maneiras delicadas e prejudiciais; e enquanto ainda estavam livres da odiosa tirania, iam a praça pública vestidos de púrpura, em numero não menor de mil, cheios de presunção, vaidosos de seus belos cabelos, impregnados do odor de perfumes artificiais. 31

5 - Também ao misturar na taça, ninguém derramaria primeiro o vinho mas a água, e sobre esta o vinho. 31

6 - Pois mandaste uma perna de cabrito e recebeste em troca a gorda perna de um boi, honroso prêmio para um homem cuja fama atingira toda a Hélade e, enquanto existir o gênero dos cantos helênicos, nunca perecera. 32

7 - Agora falarei novamente de outro assunto e indicarei o caminho. 32

E conta-se que passava Pitágoras, ao ser castigado um pequeno cão; sentiu piedade e pronunciou as seguintes palavras: "Pára de bater. Pois é a alma de um amigo meu, que reconheci ao ouvir os seus gemidos." 32

8 - Sessenta e sete anos já passaram desde que minha inquietação passeia em terras helênicas; e após meu nascimento vinte e cinco anos já haviam passado, se bem me lembro da verdade. 32

9 - Bem mais fraco do que um velho. 32

Sátiras 32

10 - Como todos, desde o inicio, aprenderam de Homero (...).

11 - Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses tudo o que para os homens e opróbrio e vergonha: roubo, adultério e fraudes recíprocas. 32

12 - Como contavam dos deuses muitíssimas ações contrarias as leis: roubo, adultério e fraudes recíprocas. 32

14 - Mas os mortais imaginam que os deuses são engendrados, tem vestimentas, voz e forma semelhantes a eles. 32

15 - Tivessem os bois, os cavalos e os leões mãos, e pudessem, com elas, pintar e produzir obras como os homens, os cavalos pintariam figuras de deuses semelhantes a cavalos, e os bois semelhantes a bois, cada (espécie animal) reproduzindo a sua própria forma. 32

16 - Os etíopes dizem que os seus deuses são negros e de nariz chato, os trácios dizem que têm olhos azuis e cabelos vermelhos. 32

17 - Em torno da firme casa, encontram-se ramos de pinheiro. 32

18 - Os deuses não revelaram desde o início todas as coisas aos mortais, mas estes, procurando, encontraram com o tempo o melhor. 32

Paródia 33

22 - É próximo ao fogo, durante O inverno, que, alongados sobre macio leito, o ventre bem nutrido, bebendo doce vinho e mastigando grão-de-bico, devemos fazer tais perguntas: quem és e de onde vens? Que idade tens, meu caro! Que idade contavas quando chegou o medo? 33

Da Natureza 33

23 - Um único deus, o maior entre deuses e homens, nem na figura, nem no pensamento semelhante aos mortais. 33

24 - Todo inteiro vê, todo inteiro entende, todo inteiro Ouve. 33

25 - E sem esforço move tudo com a força do seu pensamento. 33

26 - Permanece sempre imóvel no mesmo lugar; e não lhe convém mover-se de um lugar para outro. 33

27 - Pois tudo sai da terra e tudo volta à terra. 33

28 - Este limite superior da terra é o que vemos aos nossos pés, de encontro ao ar; o inferior, porém, estende-se ao infinito. 33

29 - Tudo o que nasce e cresce é terra e água. 33

30 - O mar e fonte da água, fonte do vento. Pois nem das nuvens (surgiria a força do sopro do vento) sem o mar imenso; nem o curso das águas, nem as chuvas celestes; no mar imenso nascem as nuvens, os ventos e os rios. 33

31 - O Sol balançando-se sobre a Terra e esquentando-a. 33

32 - O que chamam de íris, não é mais do que uma nuvem segundo sua natureza, púrpura, escarlate e verde-amarela. 33

33 - Nascemos todos da terra e da água. 33

34 - Pois homem algum viu e não haverá quem possa ver a verdade acerca dos deuses e de todas as coisas das quais eu falo; pois mesmo se alguém conseguisse expressar-se com toda exatidão possível, ele próprio não se aperceberia disto. A opinião reina em tudo. 33

35 - Considerai todas estas coisas como meras opiniões, tendo aparência de verdade (...). 33

36 - Tudo o que se manifestou a vista dos mortais (...). 34

37 - E em certas cavernas goteja a água, (...). 34

38 - Se Deus não tivesse feito o dourado mel, os homens julgariam os figos muito mais doces (do que são). 34

DOXOGRAFIA 34

1 - O mundo é não gerado, eterno, incorruptível. (Aetius, II, 4, 11). 34

2 - Entre nós, os eleatas, desde Xenófanés e mesmo de tempos anteriores, explica-se como uma unidade o que se chama o Todo e expõe-se neste sentido os seus mitos. (Platão, Soph.) 242d). 34

3 - Xenófanés, o fundador da escola eleata, afirmava a unidade do Todo, de forma esférica e limitada, não engendrada, eterna e imóvel. (Theod. IV, 5, in Aetius). 34

4 - Xenófanés, contudo, o primeiro expoente da doutrina da unidade, (pois Parmênides teria sido seu discípulo) (...), observando o universo todo, dizia que a unidade é Deus. (Arist., Metaph. I, 5, 986b). 34

5 - Xenófanés afirmou, imperturbado pelas representações humanas, a divindade como homogênea, imóvel, afastada de todo sofrimento, mais espiritual do que o espírito. (Timon, fr. 60). 34

6 - A natureza de Deus seria esférica e em nada semelhante aos homens. Todo inteiro vê, todo inteiro ouve. Não respira. E é todo espírito e sabedoria e eterno. (Diog. IX, 19). 34

7 - Se a divindade é a mais forte de todas as coisas, só pode ser uma única (...), pois se houvesse dois ou mais deuses, não poderia ser o mais forte e o melhor de tudo. Portanto só pode haver uma divindade. (Pseudoarist., de Melisso, Xenoph. Gorg., 3, 3). 34

8 - (...) pois um deus não pode dominar os outros. (Pseudoplut., Strom. 4). 34

9 - Xenófanés foi o primeiro a declarar a contingência de todas as coisas e a definir a alma como um sopro. (Diog. IX, 19). 34

HERACLITO DE ÉFESO 35

As datas do nascimento e da morte de Heraclito são desconhecidas. Sabe-se, porém, que atingiu o acme de sua existência na época da 69ª Olimpíada, entre 504 e 500 a. C. Isto é suficiente para situá-lo uma geração após Xenófanés, ao qual se opôs, e uma geração antes de Parmênides, o seu principal opositor. De sua vida, pouco se conhece; supõe-se que tenha pertencido à aristocracia de Éfeso e que seus antepassados foram os fundadores da cidade. Mas parece que Heraclito abdicou dos seus direitos de participar do governo da cidade. Chamavam-no de orgulhoso, pois desprezava seus concidadãos e levava uma vida à parte. Cognominado -de "obscura", relata-se que teria depositado o seu livro no templo de Ártemis, mas esta e as muitas lendas que se contam sobre a sua vida, não têm fundamento histórico. 35

Aspectos fundamentais da doutrina: 35

1. A afirmação da unidade fundamental de todas as coisas: frags. 10, 50, 89, 103. 35

2. Todas as coisas estão em movimento: frags. 12, 49a, 88. 35

3. O movimento se processa através de contrários: frags. 8, 10, 23, 48, 51, 52, 53, 54, 62, 65, 67, 76, 80, 88, 126. 35

4. O fogo é gerador do processo cósmico: frags. 30, 31, 60, 90. 35

5. O Logos C compreendida como inteligência divina que governa o real: frags. I, 2, 16, 30, 32, 41, 64, 67, 93, 94, 102, 108, 112, 113, 114, 115. 35

6. A sabedoria humana liga-se ao Logos: frags. 19, 23, 34, 35, 45, 72, 101, 108, 112, 113, 115, 116. 35
7. O conhecimento sensível é enganador e deve ser superado pela razão: frags. 7, 9, 78, 101a, 107, 123.36
- FRAGMENTOS 36**
- 1 - Este Logos, os homens, antes ou depois de o haverem ouvido, jamais o compreendem. Ainda que tudo aconteça conforme este Logos, parece não terem experiência experimentando-se em tais palavras e obras, como eu as exponho, distinguindo e explicando a natureza de cada coisa. Os outros homens ignoram o que fazem em estado de vigília, assim como esquecem o que fazem durante o sono. 36
- 2 - Por isso, o comum deve ser seguido. Mas, a despeito de o Logos ser comum a todos, o vulgo vive como se cada um tivesse um entendimento particular.36
- 3 - (O Sol tem) a largura de um pé humano. 36
- 4 - Se a felicidade consistisse nos prazeres do corpo, deveríamos proclamar felizes os bois, quando encontram ervilhas para comer. 36
- 5 - Em vão procuram purificar-se, manchando-se com novo sangue de vítimas, como se, sujos com lama, quisessem lavar-se com lama. E louco seria considerado se alguém o descobrisse agindo assim. Dirigem também suas orações a estátuas como se fosse possível conversar com edifícios, ignorando o que são os deuses e os heróis. 36
- 6 - (O Sol é) novo todos os dias. 36
- 7 - Se todas as coisas se tornassem fumaça, conhecer-se-ia com as narinas. 36
- 8 - Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia. 36
- 9 - Os asnos prefeririam a palha ao ouro. 36
- 10 - Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e de todas as coisas, um, e de um, todas as coisas. 36
- 11 - Tudo o que rasteja é custodiado pelos golpes (divinos). 36
- 12 - Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas. Mas também almas são exaladas do úmido. 36
- 13 - (Os porcos) alegram-se na lama (mais do que na água limpa). 37
- 14 - (A quem profetiza Heraclito?) Aos noctívagos, aos magos, às bacantes, às ménades e aos mistas. (A estes ameaça com o castigo após a morte, a estes profetiza o fogo). Pois o que os homens chamam mistérios (...). 37
- 15 - Não fossem para Dionísio as pompas organizadas com cantos fálicos, seriam os atos mais vergonhosos; o mesmo -e, contudo, Hades e Dionísio, pelo qual deliram e festejam as Lenéas. 37
- 16 - Quem se poderá esconder da (luz) que nunca se deita?37
- 17 - Muitos não entendem estas coisas,, mesmo as encontrando em seu caminho, e não as entendem quando ensinados; mas pensam saber. 37
- 18 - Se não tiveres esperança, não encontraras o inesperado, pois não é contradição e é inacessível. 37
- 19 - Homens que não sabem nem escutar nem falar.37
- 20 - (Heraclito parece considerar o nascimento uma infelicidade ao dizer:) Desde que nasceram querem viver e sofrer sua sorte mortal - ou antes descansar -, e deixam filhos para haver outras sortes mortais. 37
- 21 - Morto é tudo o que nós vemos acordados; sonho, tudo o que vemos dormindo. 37
- 22 - Os que procuram ouro, cavam em muita terra e pouco encontram. 37
- 23 - Não houvesse isto (a injustiça) ignorariam o próprio nome de justiça. 37
- 24 - Deuses e homens honram os caídos em combate. 37
- 25 - Quanto maior for a morte, maiores os destinos. 37
- 26 - O homem, na noite, acende a si mesmo uma luz, quando a lua dos seus olhos se apaga. Vivo, toca na morte, quando adormecido; acordado, toca os que dormem. 37
- 27 - O que aguarda os homens após a morte, não é nem o que esperam nem o que imaginam. 37
- 28 - Apenas probabilidade é o que o mais estimado conhece e guarda. Mas a justiça saberá ocupar-se dos que tramam mentiras e de seus testemunhos. 37
- 29 - Uma coisa preferem os melhores a tudo: a glória eterna às coisas perecíveis; mas a massa empanturra-se como o gado. 38

- 30 - Este mundo, igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo, acendendo-se e apagando-se conforme a medida. 38
- 31 - As transformações do fogo: primeiro o mar; e a metade do mar é terra, a outra metade um vento quente. A terra diluiu-se em mar, e esta recebe a sua medida segundo a mesma lei, tal como era antes de se tornar terra. 38
- 32 - O Uno, o único, sábio, recusa e aceita ser chamado pelo nome de Zeus. 38
- 33 - Lei C também obedecer à vontade de um só. 38
- 34 - Também quando ouvem não compreendem, são como mudos. Justificam o provérbio: presentes, estão ausentes. 38
- 35 - De muitas coisas devem homens amantes da sabedoria estar avisados. 38
- 36 - Para as almas, morrer é transformar-se em água, para a água, morrer e transformar-se em terra. Da terra, contudo, forma-se a água, e da água, a alma. 38
- 37 - Porcos banham-se na lama pássaros no pó e na cinza. 38
- 38 - (Tales, segundo alguns), foi o primeiro a pesquisar os astros... (Também Heraclito e Demócrito são disto testemunhas). 38
- 39 - Em Priene viveu Bias, filho de Teutanes, cuja fama e maior que a dos outros. 38
- 40 - A polimatia não instrui a inteligência. Não fosse assim, teria instruído Hesíodo o Pitágoras, Xenófanos e Hecateu. 38
- 41 - Só uma coisa é sábia: conhecer o pensamento que governa tudo através de tudo. 38
- 42 - Homero deveria ser expulso dos jogos públicos e ser castigado. Também Arquíloco. 38
- 43 - Melhor apagar a desmedida que um incêndio. 38
- 44 - O povo deve lutar por sua lei como pelas muralhas. 38
- 45 - Mesmo percorrendo todos os caminhos, jamais encontraras os limites da alma, tão profundo é o seu Logos. 38
- 46 - (Chamava a) presunção, doença sagrada, (e a vista, enganadora). 39
- 47 - Não devemos julgar apressadamente as grandes coisas. 39
- 48 - O arco tem por nome a vida, e por obra a morte. 39
- 49 - Um vale aos meus olhos dez mil, se é o melhor. 39
- 49a - Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos. 39
- 50 - (Heraclito afirma a unidade de todas as coisas: do separado e do não separado, do gerado e do não gerado, do mortal e do imortal, da palavra (logos) e do eterno, do pai e do filho, de Deus e da justiça). É sábio que os que ouviram, não a mim, mas as minhas palavras (logos), reconheçam que todas as coisas são um. 39
- 51 - (Eles) não compreendem como, separando-se, podem harmonizar-se: harmonia de forças contrárias, como o arco e a lira. 39
- 52 -, O tempo C uma criança que brinca, movendo as pedras do jogo para lá e para cá; governo de criança. 39
- 53 - A guerra é o pai de todas as coisas e de todas o rei; de uns fez; deuses, de outros, homens; de uns, escravos, de outros, homens livres. 39
- 54 - A harmonia invisível e mais forte que a visível. 39
- 55 - Prefiro tudo aquilo que se pode ver, ouvir e entender. 39
- 56 - Os homens se enganam no conhecimento das coisas visíveis, como Homero, o mais sábio, dos helenos. Pois também aquele enganavam os jovens, quando catavam piolhos e diziam: tudo o que vimos e pegamos, nós abandonamos; tudo o que não vimos nem pegamos, levamos conosco. 39
- 57 - A maioria tem por mestre Hesíodo Estão convictos ser o que mais sabe - ele, que nem sabia distinguir o dia da noite. Pois e uma e a mesma coisa. 39
- 58 - (Bem e mal são uma e a mesma coisa). Os médicos cortam, queimam, (torturam de todos os modos os doentes, exigem) um salário, ainda que nada mereçam, fazendo(lhes) um bem semelhante (a doença). 39
- 59 - O caminho da espiral sem fim é reto e curvo, e um e o mesmo. 39
- 60 - O caminho para baixo e o caminho para cima e um e o Mesmo. 40
- 61 - O mar: a água mais pura e a mais abominável: aos peixes, potável e saudável; aos homens, impotável e prejudicial. 40
- 62 - Imortais, mortais; mortais, imortais. A vida destes é a morte daqueles e a vida daqueles a morte destes 40

- 63 - Diante dele (Deus), levantam-se, e despertam vigias dos vivos e dos mortos. 40
- 64 - O relâmpago governa o universo. 40
- 65 - (Fogo:) carência e abundância. 40
- 66 - Pois tudo o fogo, aproximando-se, julgara (e condenara). 40
- 67 - Deus e dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome. Mas toma formas variadas, assim como o fogo, quando misturado com essências, toma o nome segundo O perfume de cada uma delas. 40
- 67a - Assim como a aranha, instalada no centro de sua tela, sente quando uma mosca rompe algum fio (da teia) e por isso acorre rapidamente, quase aflita pelo rompimento do fio, assim a alma do homem, ferida alguma parte do corpo, apressadamente acode, quase indignada pela lesão do corpo, ao qual está ligada firme e harmoniosamente. 40
- 70 - (Dizia que as opiniões dos homens são) jogos de crianças. 40
- 71 - (Devemos lembrar-nos também do homem) que esquece para onde leva o caminho. 40
- 72 - sobre o Logos, com o qual estão em constante relação (e que governa todas as coisas), estão em desacordo, e as coisas que encontram todos os dias lhes parecem estranhas. 40
- 73 - Não se deve agir nem falar como os que dormem. 40
- 75 - Os adormecidos, (chama Heraclito, creio eu,) operários e colaboradores nos acontecimentos do cosmos. 40
- 76 - O fogo vive a morte da terra e o ar vive a morte do fogo; a água vive a morte do ar e a terra a da água. 40
- 77 - Tornar-se úmidas, para as almas, é prazer ou morte. (O prazer 'consiste no início da vida. E em outro lugar diz:) Nós vivemos a morte delas (das almas) e elas vivem a nossa morte. 40
- 78 - O espírito do homem não tem conhecimentos, mas o divino tem. 41
- 79 - O homem e infantil frente a divindade, assim como a criança frente ao homem. 41
- 80 - É necessário saber que a guerra é o comum; e a justiça, discórdia; e que tudo acontece segundo discórdia e necessidade. 41
- 81 - Pitágoras, ancestral dos charlatães. 41
- 82 - O mais belo símio é feio comparado ao homem. 41
- 83 - O mais sábio, dos homens, comparado a Deus, parecer-se-á a um símio, em sabedoria, beleza e todo o resto. 41
- 84a - Movendo-se, descansa (o fogo etéreo do corpo humano). 41
- 84b - É cansativo servir e obedecer aos mesmos (senhores). 41
- 85 - Lutar contra os desejos é difícil. Pois o que exige, compra da alma. 41
- 86 - (Grande parte do divino) subtrai-se ao conhecimento, por falta de confiança. 41
- 87 - Um homem tolo assusta-se a cada palavra. 41
- 88 - Em nos, manifesta-se sempre uma e a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente. 41
- 89 - Para aqueles que estão em estado de vigília, há um mundo único, e comum. 41
- 90 - O fogo se transforma em todas as coisas e todas as coisas se transformam em fogo, assim como se trocam as mercadorias por ouro e o ouro por mercadorias. 41
- 91 - Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. Dispersa-se e reúne-se; avança e se retira. 41
- 92 - A Sibila, que, com boca delirante, pronuncia palavras ásperas secas e sem artifícios, (fazendo-as ressoar durante mil anos). Pois o Deus a inspira. 41
- 93 - O senhor, cujo oráculo esta em Delfos, não fala nem esconde: ele indica. 41
- 94 - O Sol não ultrapassara os seus limites; se isto acontecer, as Eríneas, auxiliares da Justiça, saberão descobri-lo. 41
- 95 - Melhor é dissimular sua ignorância. (Isto é difícil. no desenfreio e ao beber). 42
- 96 - Os cadáveres deveriam ser lançados fora como estrume. 42
- 97 - Os cães ladram àqueles que não conhecem. 42
- 98 - As almas aspiram o aroma no Hades. 42
- 99 - Não houvesse o Sol, seria noite, a despeito das demais estrelas. 42
- 100 - (...) o tempo próprio, que traz todas as coisas. 42
- 101 - Eu me procurei a mim próprio. 42
- 101a - Os olhos são testemunhos mais agudos que os ouvidos. 42

- 102 - Para Deus tudo e belo e bom e justo; os homens, contudo, julgam umas coisas injustas e outras justas. 42
- 103 - Na circunferência, o princípio e o fim se confundem. 42
- 104 - Qual e o seu espírito ou o seu entendimento? Acreditam nos cantores de rua e seu mestre e a massa, pois isto ri não sabem: "A maioria é ma e poucos são os bons." 42
- 106 - (Heraclito censura Hesíodo por considerar uns dias bons e outros maus). Por ignorar que a natureza de cada dia e uma e a mesma. 42
- 107 - Maus testemunhos para os homens são os olhos e os ouvidos, se suas almas são bárbaras 42
- 108 - De quantos ouvi as palavras, nenhum chegou a compreender que a sabedoria e distinta de todas as coisas. 42
- 110 - Não seria melhor para os homens, se lhes acontecesse tudo o que desejam. 42
- 111 - A doença torna a saúde agradável; o mal, o bem; a fome, a saciedade; a fadiga, o repouso. 42
- 112 - O bem pensar e a mais alta virtude; e a sabedoria consiste em dizer a verdade e em agir conforme a natureza, ouvindo a sua voz., 42
- 113 - O pensamento e comum a todos. 42
- 114 - Os que falam com inteligência devem apoiar-se sobre o comum a todos, como uma cidade sobre as suas leis, e mesmo muito mais. Pois todas as leis humanas nutrem-se de uma única lei divina. Esta domina, tanto quanto quer; basta a todos (e a tudo) e ainda os ultrapassa. 42
- 115 - À alma pertence o Logos, que se aumenta a si próprio. 43
- 116 - A todos os homens e permitido o conhecimento de si mesmos e o pensamento correto. 43
- 117 - O homem ébrio titubeia e se deixa conduzir por uma criança, sem saber para onde vai; pois úmida está a sua alma. 43
- 118 - Brilho seco: alma mais sábia e melhor. 43
- 119 - O caráter é o destino (daimon) de cada homem. 43
- 120 - Términos da aurora e da noite: a Ursa e, ao lado oposto a Ursa, o Guardião do Zeus, resplandecente. 43
- 121 - Os efésios deveriam todos enforçar-se, e suas crianças deveriam abandonar a cidade, pois expulsaram a Hermodoro, o mais valoroso dentre eles, dizendo: ninguém dentre nós deve ser o mais valoroso; senão, (que viva) em outro lugar e com outros." 43
- 123 - A natureza ama esconder-se. 43
- 124 - A mais bela harmonia cósmica e semelhante a um monte de coisas atiradas. 43
- 125 - Mesmo uma bebida se decompõe, se não for agitada. 43
- 125a - Que vossa riqueza, efésios, jamais se esgote, para que se manifeste a vossa maldade. 43
- 126 - O frio torna-se quente, o quente frio, o úmido seco e o seco úmido 43
- DOXOGRAFIA 43**
- 1 - A sua obra tem por objeto, de uma maneira geral, a natureza: divide-se em três livros, que tratam do Universo, do Estado e da Religião. (Diog. Laert. IX, 5). 43
- 2 - Eis as suas teorias. Tudo foi feito pelo fogo e tudo se dissipa no fogo. Tudo esta submetido ao destino. E o movimento determina toda a harmonia do mundo. Tudo esta cheio de espíritos e de demônios. Falou de todas as coisas que contem o mundo e disse que o Sol tem exatamente o tamanho que se vê. Ele disse ainda: "Mesmo percorrendo todos os caminhos, jamais encontrarás os limites da alma, tão profundo é o seu Logos." A crença é para ele, uma doença sagrada e a visão uma mentira. Por vezes em seu livro, exprime-se de maneira tão clara e luminosa, que mesmo o espírito mais obscuro pode compreendê-lo facilmente e seguir o argumento de seu espírito. A concisão e a riqueza de sua palavra são inimitáveis. 43
- Eis como expõe suas teorias em cada parte de seu livro. O fogo C um elemento e tudo se faz pelas transformações do fogo, quer por rarefação, quer por condensação. Contudo, nada explica com suficiente clareza assim diz que tudo se faz pela oposição dos contrários, e que o todo fluí como um rio. O Universo, segundo ele, é limitado, e há só um

cosmos, nascido do fogo e que voltara ao fogo após certos períodos, eternamente, É o destino que assim quer. 44

Entre os contrários, a luta que leva a formação do mundo, chama-se guerra e desentendimento; e a combustão, chama-se concórdia e paz. O movimento para cima e para baixo forma o mundo da seguinte maneira: o fogo, condensando-se, torna-se líquido, fazendo-se água, a água, condensando-se, se transforma em terra, e este é o movimento para baixo. Por outro lado, em sentido inverso, a terra se funde e se torna água, e dela se forma todo o resto, pois relaciona quase tudo à evaporação do mar. E assim se faz o movimento para cima. Há, portanto, evaporações vindas da terra e do mar, das quais urnas são claras e puras e outras obscuras. O fogo tira a sua substância das primeiras, a água, das segundas. Quanto ao que circunda (o ar), ele não explica a sua natureza. Diz, contudo, haver alvéolos na abóbada côncava virados Para nós. Nestes alvéolos reúnem-se as emanações claras, formando assim as luzes que são as estrelas. A luz do Sol e a mais brilhante e a mais quente. Com efeito, os outros astros estão mais distantes da Terra, e isto torna o seu brilho menos vivo e menos quente; a Lua, enfim, está demasiado próxima a Terra para poder encontrar-se em um lugar puro. Ao contrario do Sol, situado em lugar brilhante e puro, em unia distancia a nossa medida. Por isto, e mais quente e tem mais brilho. Os eclipses do Sol e da Lua se produzem quando os alvéolos estão voltados para cima. As fases mensais da Lua são consequência de um pequeno movimento de seu alvéolo sobre si próprio. O dia, a noite, os meses, as estações, os anos, as chuvas, os ventos, etc., são produto dos diferentes tipos de evaporação. Assim, urna evaporação brilhante, acesa no circulo do Sol, faz o dia, a evaporação contraria, a noite. O calor nascido da luz produz o verão, e a umidade, nascida das trevas e acumulada, o inverno. Heraclito da as causas de todos os outros fenômenos por razões semelhantes. Não explica, contudo, a natureza da Terra, assim como não explica os alvéolos. Estas eram as suas teorias. (Diog. Laert. IX, 7-11).

3 - O Sol é um fogo inteligente, vindo do mar. (Aet. II, 20, 16). 45

4 - E Heraclito censura o poeta por ter dito: "Cesse a discórdia entre os deuses e entre os homens!" Pois Uso poderia haver harmonia na música se não houvesse sons graves e agudos, assim corno não poderia haver animais sem o macho e a fêmea, os quais são contrários (Arist., Eudem. Eth. VII, I, 1235a 25), 45

5 - Heraclito liga, conforme. os estoícos, a nossa razão corri a razão divina, que rege e modera as coisas deste mundo: devido à sua união inseparável chega a conhecer as decisões da razão uni -versa(e, enquanto dormem as almas, anuncia-lhes, com a ajuda dos sentidos, o futuro. Disto surgem as imagens de lugares desconhecidos, e figuras de homens, tanto vivos como mortos. Fala também do emprego das adivinhações e diz dignos homens terem sido admoestados pelas forças divinas. (Calcid. e. 251). 45

6 - Conta-se ter dito 'Heraclito a estranhos que o queriam visitar e espantaram-se ao vê-lo aquecer-se junto ao fogo: podeis entrar, aqui também moram deuses. (Arist., De part. anim. I, 5, 645a 17). 45

7 - Heraclito diz que o fogo periódico e eterno (é Deus). O destino e a lei universal (Logos), e forma as coisas em consequência do movimente dos contrários. Tudo obedece ao destino, e ele, C idêntico a necessidade. (Aet. I, 7, 22). 45

8 - Heraclito diz, que a alma do mundo é a exalação de sua umidade; a alma dos seres vivos vem da exalação exterior e de sua própria, sendo homogênea (a alma do mundo). (Aet. IV, 3, 12). 45

9 - (Heraclito diz ser a alma imortal), pois após sua separação do corpo volta a alma universal, ao homogêneo. (Aet. IV, 7, 2), 45

10 - Heraclito explica a alma como uma centelha da substância estelar. (Macrob. S. Scip. 14, 19). 45

11 - Admitindo que o homem e dotado de duas possibilidades para o conhecimento da verdade, a percepção sensível e a razão, afirmava Heraclito, assim como os físicos anteriormente. citados, serem duvidosos os conhecimentos adquiridos pela percepção sensível; considerava a razão, por outro lado, como critério da verdade Refuta a percepção sensível ao dizer: "Más testemunhas para os homens são os olhos e os ouvidos se suas almas são bárbaras", o que é como se tivesse dito: "São as almas bárbaras que confiam na percepção sensível, desprovida de razão." Explica a razão como critério da verdade, mas não qualquer razão indiferentemente, e sim a comum e divina. Elucido o que com isto quer dizer. Pois este filósofo sustenta que é dotado de razão e

apto de pensamento o que nos cerca (...). Esta razão divina, conforme Heraclito, nós a aspiramos, tornando-nos assim aptos ao pensamento, inconscientemente quando dormimos, conscientemente quando acordados. Pois, fechando-se as aberturas de nossos órgãos sensíveis durante o sono, desliga-se o espírito em nós de sua relação com o que nos cerca; só permanece a relação através do respirar, como uma espécie de raiz. Assim, devido a esta separação, perde (o espírito) a força do pensamento, que antes possuía. Durante a vigília, ao contrário, estende-se novamente através das aberturas de nossos órgãos sensíveis, como por uma janela, para fora, entrando em relação com o que nos cerca e reassumindo sua possibilidade de pensamento. Da mesma forma como o carvão se transforma em brasa quando aproximado do fogo, e apaga-se quando dele afastado, assim também a parte daquilo que nos cerca, residente como hóspede em nossos corpos, perde quase sua racionalidade, em consequência da separação; mas torna-se semelhante a razão universal, pela relação estabelecida através da maioria das aberturas (de nossos órgãos sensíveis). Esta razão comum e divina, pela participação da qual nos tornamos racionais, conforme Heraclito, é o critério da verdade. Por isto, o comum a todos é digno de fé (pois é compreendido pelo Logos comum e divino); aquilo que, ao contrário, se restringe a um só, não é digno de fé, por razões inversas. (...) tudo fazemos e pensamos graças a nossa participação do Logos divino (...). Este ponto de vista, porém, não é mais que a correta explicação do governo do todo universal. Em consequência, conhecemos a verdade, na medida de nossa lembrança aquela participação; quando pensamos por nós mesmos, incidimos em erro. - Assim sustenta Heraclito¹ a razão comum como critério e o compreendido por todos como digno de fé, pois julgado pela razão comum; e o pensamento de uma única pessoa, corno falso. (Sextus Empir. VII, 126 ss.) 45

12 - Diz-se considerar Heraclito a satisfação como finalidade da vida humana. (Clem. Strom. II, 130). 46

PITÁGORAS DE SAMOS 47

O que se conhece da figura de Pitágoras pertence mais ao mundo da lenda que à realidade. Atingiu o acme de sua existência em 530 a.C. Pessoa de difícil acesso, fundou uma escola para iniciados, e defendia uma doutrina mais religiosa que filosófica. A doutrina era considerada secreta, e a transgressão desta norma acarretava excomunhão; tal teria sido o castigo de Hípasos. Já por esta razão tem-se por certo que Pitágoras, não deixou obra escrita, e o conhecimento de sua doutrina coloca problemas insolúveis, pois só mais tarde, no tempo de Platão, começaram a surgir os primeiros escritos importantes. O que se conhece de seu pensamento e baseado nestas fontes posteriores, não sendo possível, em consequência, ir muito além da conjectura. Embora não haja certeza, é provável que tenha estado no Egito e na Babilônia, viagens fundamentais para o desenvolvimento de sua doutrina esotérica. Mas importante para este desenvolvimento foi o surto de primitivas crenças gregas, que se verificou em sua época. 47

Parece que o ponto central de sua doutrina religiosa é a crença na transmigração das almas, aliada a uma forma de vida altamente ascética. Este ascetismo liga-se basicamente ao problema do sacrifício de seres vivos e à alimentação. Mas não Hades nenhuma certeza sobre o conteúdo e a extensão destes elementos. Também é difícil estabelecer os aspectos da doutrina atribuíveis ao próprio Pitágoras e distingui-los dos que foram elaborados pelos seus discípulos. Em três pontos, contudo, parece que não pode haver dúvida: 1) a idéia de que o Número e o primeiro princípio; o Número e suas relações ou "harmonias" são os elementos de todas as coisas; o estudo da Número reflete-se também no comportamento humano. 2) A forma dualista da teoria dos opostos, de tão largas consequências para todo o pensamento pré-socrático, também pode ser atribuída a Pitágoras. 3) A descoberta de verdades de ordem matemática, sobretudo do famoso teorema que lhe é atribuído. 47

DOXOGRAFIA¹² 48

1 - Pitágoras, filho de Mnesarco, praticou a investigação mais do que os outros homens, e tendo escolhido estes escritos (por ele, estudados), extraiu deles a sua própria sabedoria: polimatia, falsa arte. (Atribuído a Heraclito, frag. 129). 48

2 - A polimatia não instrui a inteligência Não fosse assim, teria instruído Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu. (Heraclito, frag. 40). 48

¹² Não existem fragmentos.

3 - E vivia entre eles um homem de extraordinário saber, dono da maior riqueza de pensamento e altamente versado em toda espécie de obras sábias. Pois quando se elevava com todas as forças do pensamento, via com facilidade cada uma das coisas em suas dez e vinte vidas humanas. (Empédocles, frag. 129). 48

4 - O que Pitágoras, dizia a seus discípulos, ninguém pode saber com segurança, pois nem o silêncio era casual entre eles. Contudo, eram especialmente conhecidas, conforme o juízo de todos, as seguintes doutrinas: 1) a que afirma ser a alma imortal; 2) que transmigra de uma a outra espécie animal; 3) que dentro de certos períodos, o que ia aconteceu uma vez, torna a acontecer, e nada é absolutamente novo, e 4) que é necessário julgar que todos os seres animados estão unidos por laços de parentesco. De fato, parece ter sido Pitágoras, quem introduziu por primeira vez estas crenças na Grécia. (Porphyr. & Pyth., 19). 48

5 - E conta-se que passava Pitágoras, ao ser castigado um pequeno cão; sentiu piedade e pronunciou as seguintes palavras: "Pára de bater. Pois é a alma de um amigo meu, que reconheci ao ouvir os seus gemidos." (Xenof., frag. 7). 48

DOXOGRAFIA SOBRE HÍPASO DE METAPONTO¹³ 49

1 - Hípaso de Metaponto e Heraclito de ÉFESO também admitem um único todo movido e limitado; diziam que o fogo é o princípio primeiro e que todas as coisas, por rarefação e condensação, saem do fogo e nele voltam a dissipar-se, julgando que esta é a única substância suposta pelas coisas. (Simpl., Phys. 23, 33). 49

DOXOGRAFIA SOBRE PITAGÓRICOS ANÔNIMOS 49

1 - Também a afirmação de que uma harmonia é engendrada pelo movimento dos astros, como sons produzidos sinfonicamente, foi apresentada com elegância e penetração por quem a disse, sem atingir, contudo, a verdade. Alguns pensadores deduzem que necessariamente o movimento de corpos tão grandes deve produzir um som. Pois isto ia acontece com corpos sobre esta Terra, embora não tão grandes e transportados por movimentos de menor velocidade. Assim, a enorme velocidade do sol e da lua e de astros em tão grande número e tamanho, deve necessariamente produzir sons prodigiosos. Admitem isto e também que a (diversa) distancia (dos astros de seu ponto central) corresponde as relações numéricas da harmonia musical. E como resultasse absurdo que não ouvimos este som, explica que o ouvimos desde o nascimento, e em conseqüência falta o contraste com o silêncio necessário para que o possamos perceber. Pois a distinção do som e a do silêncio estão reciprocamente condicionadas, acontecendo-nos o que acontece aos ferreiros que, por habito, já não ouvem as batidas de seu martelo. (Arist., De Coelo II, 9, 290b). 49

2 - Enquanto a maior parte afirma que a Terra esta colocada no centro, os itálicos chamados pitagóricos, dizem o contrario: asseveram que o fogo ocupa o lugar central; a Terra, sendo um dos astros, move-se circularmente em torno do centro, produzindo assim noite e dia. Constroem outra Terra, contraposta a esta, que chamam de antiterra, buscando suas hipóteses e causas, não nas manifestações celestes, mas na subordinação destas a certas teorias e opiniões suas, tentando combiná-las harmonicamente. Também a muitos outros pensadores parecia desnecessário atribuir a Terra a posição central, deduzindo esta convicção, não dos fenômenos e sim de puros raciocínios. Julgam que o mais excelente deve ocupar o lugar mais excelente; e que o fogo é mais excelente que a terra, o limite mais excelente do que o espaço intermediário, sendo que limites são o extremo e o centro. (Arist., De Coelo II, 13, 293a).49

3 - Os assim chamados pitagóricos, tendo-se dedicado às matemáticas foram os primeiros a fazê-las progredir. Dominando-as, chegaram à convicção de que o princípio das matemáticas é o princípio de todas as coisas. E como os números são, por natureza, os primeiros entre estes princípios, julgando também encontrar nos números muitas semelhanças com seres e fenômenos, mais do que no fogo, na terra e na água, afirmavam a identidade de determinada propriedade numérica com a justiça, uma outra com a alma e o espírito, outra ainda com a oportunidade, e assim todas as coisas estariam em relações semelhantes; observando também as relações e leis dos números com as harmonias musicais parecendo-lhes, por outro lado, toda a natureza modelada segundo os números, sendo estes os princípios da natureza, supuseram que os elementos dos números são os elementos de todas as coisas e que todo o universo e

¹³ Não existem fragmentos.

harmonia e número. E recolheram e ordenaram todas as concordâncias que encontravam nos números e harmonias corria as manifestações e partes do universo, assim como com a ordem total. (Arist., *Metaph. I, 5, 985b*). 50

4 - A doutrina dos pitagóricos parece descansar sobre os mesmos princípios. Alguns deles declaram a alma composta da poeira do ar e outros do movimento desta. Formaram esta idéia devido ao constante movimento em que se encontra (a poeira), mesmo na completa calma do vento. & (Arist., *De An. I, 2, 404a*). 50

5 - (...) procuram apenas esclarecer a essência da alma; sobre o corpo que deve contê-la nada dizem, como se fosse possível conforme o mito pitagórico, fazer qualquer alma entrar em qualquer corpo. (Arist., *De An. I, 3, 407b*). 50

6 - Por isto explicam muitos filósofos a alma como harmonia (dos opostos do corpo); outros afirmam que ela possui harmonia. (Arist., *Polit. VIII, 5, 1340b*).¹⁴

ALCMEÃO DE CRÓTON 51

Nascido em Cróton, o mais importante centro pitagórico, Alcmeão é dos principais discípulos de Pitágoras. Foi jovem quando seu mestre já era avançado em anos; deve por isto ter atingido o acme de sua existência no início do século V a.C. Há autores que afirmam não ter pertencido propriamente à escola pitagórica, mas mesmo, aceita tal hipótese, é certo que recebeu dela uma grande influência. Seu interesse principal dirigia-se à Medicina, de que resultou a sua doutrina sobre o problema dos sentidos e da percepção. Aristóteles descreve a sua teoria dos opostos (veja-se a doxografia). 51

FRAGMENTOS 51

1 - Alcmeão de Cróton, filho de Peirithoos, disse o seguinte, a Brotino, Leão e Bátilo: Das coisas invisíveis e das mortais só os deuses têm um conhecimento certo; aos homens, só conjecturar é permitido. 51

2 - Os homens morrem porque não podem unir o princípio ao fim. 51

2a - O homem distingue-se dos demais (seres) por ser o único, que compreende, pois todos os outros percebem, mas não compreendem. 51

5 - Mais fácil é proteger-se de um homem inimigo do que de um amigo. 51

DOXOGRAFIA 51

1 - Outros desta mesma escola afirmam a existência de dez princípios, que enunciam em uma série de pares correspondentes: limite e ilimitado, ímpar e par, unidade e pluralidade, direito e esquerdo, masculino e feminino, repouso e movimento, reto e torto, luz e sombra, bom e mau, quadrado e oblongo. Alcmeão de Cróton parece ter especulado neste sentido, seja tenha ele, derivado esta teoria dos pitagóricos, ou estes dele. Pois foi jovem quando Pitágoras envelhecia, mas mostrou-se semelhante nisto: afirma que a multiplicidade das coisas humanas pode -ser reduzida a pares: mas os contrários mencionados não são, como no caso dos pitagóricos, por ele, definidos com precisão, e sim escolhidos é ao acaso, como branco e preto, doce e amargo, bom e mau, grande e pequeno. Alcmeão, portanto, não se expressou claramente sobre os outros contrários, ao passo que os pitagóricos diziam precisamente quantos são os contrários e quais. De ambas autoridades (de Alcmeão e dos pitagóricos) podemos concluir que os contrários são primeiros princípios das coisas. (Arist., *Metaph. I, 5, 986a*). 51

2 - Uma concepção semelhante sobre a alma parece ter tido também Alcmeão. Ele afirma sua imortalidade, por sua semelhança com o (ser) imortal. E isto porque concebe a alma em eterno movimento. E todos os seres divinos movem-se eternamente: Lua, Sol, estrelas. e todo o céu. (Arist., *De An. I, 2, 405a*). 52

PARMÊNIDES DE ELÉIA 53

Pouco se sabe sobre a vida de Parmênides. Alguns autores colocam o acme de sua existência no ano 500 a.C.; outros, em 475 a. C. Natural de Eléia, na sul da Itália, parece ter pertencido a uma família rica e de alta posição social. Supõe-se que em Eléia tenha conhecido Xenófanes. Segundo a tradição, seus primeiros contatos filosóficos foram com a escola pitagórica, especialmente com Ameinias. 53

O poema de Parmênides nos oferece - ao lado dos fragmentos de Heraclito - a doutrina mais profunda de todo o pensamento pré-socrático. Mas é também a de mais difícil interpretação. O poema divide-se em três partes: o prólogo, o caminho da verdade e o caminho da opinião. 53

¹⁴ Pitagóricos são também Filolau, Arquitas e, possivelmente, Alcmeão. Veja-se, mais adiante, a coleção de fragmentos destes pensadores.

No prólogo (frag. 1), o filósofo é conduzido à presença da deusa, que lhe promete a revelação da verdade. A deusa, portanto, é quem fala. No fim do prólogo, o poema distingue "o coração inabalável da verdade bem redonda", das "opiniões dos mortais", o que permite distinguir as duas partes subsequentes da doutrina. 53

A doutrina do, caminho da verdade estende-se do frag. 2 até quase o fim do frag. 8. já no frag. 2, o filósofo distingue dois caminhos de investigação, o do ser e o do não-ser, sendo que o primeiro é a caminho da certeza, pois conduz à verdade, e o segundo permanece imperscrutável para o homem. Trata-se, pois, de pensar o ser. E o núcleo da doutrina parmenídica está na sua afirmação de que pensar e ser é o mesmo (frag. 3). No frag. 8, Parmênides. define o ser e encontra nele a medida do pensar. 53

A terceira parte do poema começa no penúltimo parágrafo do frag. 8 ("Com isto ponho fim ao discurso digno de fé que, te dirijo" ...), e ocupa-se do caminho da opinião. Aqui, Parmênides . desenvolve a sua cosmologia. Desde a antigüidade discute-se o modo como estas duas partes do poema possam ser conciliadas. 53

FRAGMENTOS 54

1 - Os cavalos que me conduzem levaram-me tão longe quanto meu coração poderia desejar, pois as deusas guiaram-me, através de todas as cidades, pelo caminho famoso que conduz o homem que sabe. Por este caminho fui levado; pois por ele, me conduziam os prudentes cavalos que puxavam meu carro, e as moças indicavam o caminho. 54

O eixo, incandescendo-se na maça - pois em ambos os lados era movido pelas rodas girantes, emitia sons estridentes de flauta, quando as filhas do sol, abandonando as moradas da noite, corriam a luz, rejeitando com as mãos os véus que lhes cobriam as cabeças. 54

Lá estão as portas que abrem sobre os caminhos da noite e do dia, entre a verga, ao alto, e em baixo, uma soleira de pedra. As portas mesmas, as etéreas, são de grandes batentes; a justiça, deusa dos muitos rigores, detém as chaves de duplo uso. A ela falavam com doces palavras as moças, persuadindo-a habilmente a abrir-lhes os ferrolhos trancados. As portas abriam largamente, girando em sentido oposto os seus batentes guarnecidos de bronze, ajustados em cavilhas e chavetas; e através das portas, sobre o grande caminho, as moças guiavam o carro e os cavalos. 54

A deusa acolheu-me afável tomou-me a direita em sua mão e dirigiu-me a palavra nestes termos: Oh! jovem, a ti, acompanhado por aurigas imortais, a ti, conduzido por estes cavalos a nossa morada, eu saúdo. Não foi um mau destino que te colocou sobre este caminho (longe das sendas mortais), mas a justiça e o direito, Pois debes saber tudo, tanto o coração inabalável. da verdade bem redonda, como as opiniões dos mortais, em que não há certeza. Contudo, também isto aprenderás: como a diversidade das aparências deve revelar uma presença que merece ser recebida, penetrando tudo totalmente. 54

2 - E agora vou falar; e tu, escuta as minhas palavras e guarda-as bem, pois vou dizer-te dos únicos caminhos de investigação concebíveis. O primeiro (diz) que (o ser) é e que o não-ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz ' verdade. o segundo, que não e, é, e que o não-ser é necessário esta via, digo-te, é imperscrutável; pois não podes conhecer aquilo que não - isto e impossível -, nem expressá-lo em palavra. 54

3 Pois pensar e ser é o mesmo. 55

4 Contempla como, pelo espírito, o ausente, com certeza, se torna presente; pois ele, não separará o ser de sua conexão ao ser, nem para desmembrar-se - se em uma dispersão universal e total segundo a sua ordem, nem para reunir-se. 55

5 - Pouco me importa por onde eu comece, pois para lá sempre voltarei novamente. 55

6 - Necessário é dizer e pensar que só o ser e; pois o ser é, e o nada, ao contrario, nada e: afirmação que bem debes considerar. Desta via de investigação, eu te afasto; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois C a ausência de meios que move, em seu peito, o seu espírito, errante. Deixam-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa, para a qual o ser e o não-ser é considerado o mesmo e não o mesmo, e para a qual em tudo há uma via contraditória. 55

7 - jamais se conseguira provar que o não-ser é; afasta, portanto, o teu pensamento desta via de investigação, e nem te deixes arrastar a ela pela múltipla experiência do hábito,

nem governar pelo olho sem visão, pelo ouvido ensurdecedor ou pela língua; mas com a razão decide da muito controvertida tese, que te revelou minha palavra. 55

8 - Resta-nos assim um único, caminho: o ser e, Neste caminho há grande numero de indícios: não sendo gerado, e também imperecível; possui, com efeito, uma estrutura inteira, inabalável. e sem meta; jamais foi nem será pois e, no instante presente, todo inteiro, uno, contínuo, o. Que geração se lhe poderia encontrar? Como, de onde cresceria? Não te permitirei dizer. nem pensar o seu crescer do não-ser. Pois não é possível dizer nem pensar que o não-ser é. Se viesse do nada, qual necessidade teria provocado seu surgimento mais cedo ou mais tarde? Assim pois, e necessário ser absolutamente ou não ser. E jamais a força da convicção concedera que do não-ser possa surgir outra coisa. Por isto, a deusa da justiça não admite, por um afrouxamento de suas cadeias, que nasça ou que pereça, mas mantêm-no firme. A decisão sobre este ponto recai sobre a seguinte afirmativa: ou é ou não é. Decidida esta, portanto, a necessidade de abandonar o primeiro caminho, impensável e inominável (não é o caminho da verdade); o outro, ao contrário, é presença e verdade. Como poderia perecer o que é? Como poderia ser gerado? Pois se gerado, não e, e também não é, se devera existir algum dia. Assim, o gerar se apaga e o perecimento se esquece. 55

Também não é divisível, pois é completamente idêntico. E não poderia ser acrescido, o que impediria a sua coesão, nem diminuído; muito mais, C pleno de ser; por isto, é todo contínuo, porque o ser é contíguo ao ser. 56

Por outro lado, imóvel nos limites de seus poderosos liames, é sem começo e sem fim; pois geração e destruição foram afastadas para longe, repudiadas pela verdadeira convicção. Permanecendo idêntico e em um mesmo estado, descansa em si próprio, sempre imutavelmente fixo e no mesmo lugar; pois a poderosa necessidade o mantém nos liames de seus limites, que o cercam por todos os lados, porque o ser deve ter um limite; corri feito, nada lhe falta; fosse sem limite, faltar-lhe-ia tudo. 56

O mesmo é pensar e o pensamento de que o ser e, pois jamais encontraras o pensamento sem o ser, no qual é expressado. Nada e nada poderá ser fora do ser, pois Moira o encadeou de tal modo que seja completo e imóvel. Em consequência será (apenas) nome tudo o que os mortais designaram, persuadidos de que fosse verdade: geração e morte, ser e não-ser, mudança de lugar e modificação do brilho das cores.

56

Porque dotado de um ultimo limite, e completo em todos os lados, comparável a massa de uma esfera bem redonda, equilibrada desde seu centro em todas as direções; não poderia ser maior ou menor aqui ou ali. Pois nada poderia impedi-lo de ser homogêneo, nem aquilo que e não e tal que possa ter aqui mais ser do que lá, porque e completamente integro; igual a si mesmo em todas as suas partes, encontra-se de maneira idêntica em seus limites. 56

Com isto ponho fim ao discurso digno de fé que te dirijo e as minhas reflexões sobre a verdade; e a partir deste ponto aprende a conhecer as opiniões dos mortais, escutando a ordem enganadora de minhas palavras. 56

Eles convieram em nomear duas formas, uma das quais não deveria sê-lo neste ponto enganaram-se; separaram, opondo-as, as formas, atribuindo-lhes sinais que as divorciam urnas das outras: de um lado, o fogo etéreo da chama, suave e muito leve, idêntico a si mesmo em todas as partes, mas não idêntico ao outro; e de outro lado, esta outra que tomaram em si mesma, a noite obscura, pesada e espessa estrutura. Participo-te toda esta ordem aparente do mundo, a fim de que não te deixes vencer pelo pensamento de nenhum mortal. 57

9 - Após terem sido todas (as coisas) denominadas luz e noite, e aquilo que está de acordo com a sua força ter sido atribuído como nome a todas as coisas, tudo, concomitantemente tem ente, está pleno de luz e de noite invisível, uma e outra em igualdade; pois nada existe que não participe de um ou de outro. 57

10 - Conheceras a essência do éter e todas as constelações no éter, e a ação consumidora dos puros e lípidos raios do sol, e de onde provêm; e aprenderás a circulação e a essência da lua arredondada; conhecerás também o céu circundante, de onde surgiu e como a necessidade que o dirige o constrange a manter os limites dos astros. 57

11 - (...) como a Terra e o Sol e a Lua e o éter universal e a celeste via-láctea e o Olimpo mais extremo E também como a cálida força das estrelas. começaram a existir. 57

12 - Os (anéis) mais estreitos estão cheios de fogo sem mistura; os (seguintes) estão cheios da noite, mas entre ambos está projetada a parte de fogo; no centro destes (anéis) esta a divindade que tudo governa; pois em tudo ela é o princípio do cruel nascimento e da união, enviando o feminino a unir-se com o masculino, corno, ao contrario, o masculino com o feminino. 57

13 - Em primeiro lugar criou (a divindade do nascimento ou do amor), entre todos os deuses, a Eros (...). 57

14 - (A Lua:) Brilhante durante a noite, luz estranha errante em torno a Terra. 57

15 - (A Lua:) Sempre olhando para os raios do Sol. 57

15a - (A Terra:) Enraizada na água. 57

16 - Assim como cada um detém uma mistura própria ao movimento pródigo de seus membros, assim o espírito se apresenta no homem. Pois é em cada um e em todos os homens aquilo que pensa, as propriedades internas dos membros: e o pensamento predomina. 57

17 - À direita os moços, a esquerda as moças. 58

18 - Quando mulher e homem misturam as sementes do amor, a força, quando em equilíbrio, forma nas veias, de sangues diferentes, corpos bem constituídos. Mas se, ao misturarem-se as sementes, as forças permanecem em luta e não produzem uma união no corpo que resulte da mistura, aflagirão funestamente a vida nascente por duplicidade de sexo. 58

19 - Assim, segundo a opinião, estas coisas vieram a luz e cada uma os homens atribuíram um nome que lhes é próprio. 58

DOXOGRAFIA 58

1 - Contra Parmênides, os mesmos métodos podem ser empregados nos raciocínios que se lhe opõem, se há os que lhe são particulares; e a refutação se formula assim: por um lado, as premissas são falsas, por outro, a conclusão não é válida. As premissas são falsas porque tomam o ser em sentido absoluto, quando as suas acepções são múltiplas; a conclusão não é válida, porque se tomam como dados únicos as coisas brancas, o ser sendo significado pelo branco, as coisas brancas não serão menos multiplicidade e não unidade. Pois nem pela continuidade nem pela definição será o branco uno. É preciso distinguir, em seus conceitos, o branco e seu sujeito, sem que isto nos obrigue a colocar, fora do objeto branco, algo de separado, porque não é como coisas separadas, mas pelo conceito, que o branco e o eu sujeito são diferentes. O que não foi compreendido por Parmênides. (Arist., Phys. I, 3, 186a). 58

2 - Parmênides foi o primeiro a demonstrar a esfericidade da Terra e sua posição no centro do mundo. Segundo ele, existem dois elementos: o fogo e a terra. O primeiro elemento é criador, o segundo C matéria. Os homens nasceram da terra. Trazem em si o calor e o frio, que entram na composição de todas as coisas. O espírito e a alma são para ele uma única e a mesma coisa... Há dois tipos de filosofia, uma se refere a verdade e a outra à opinião. (Diog. IX). 58

3 - Parmênides e Melisso suprimem a gênese e a destruição, pois consideram o universo imutável. (Aet. I, 24, 1). 59

4 - O imóvel, o limitado e o esferóide é Deus. (Aet. I, 7, 26). 59

5 - Parmênides e Demócrito: Tudo acontece por necessidade; uma e a mesma coisa são fatalidade, justiça, providência, autor do mundo. (Aet. I, 25, 3). 59

6 - Parmênides se opõe a Empédocles: diz que os países do norte engendraram os machos, que participam mais do denso, ao passo que os países do sul deram nascimento as fêmeas, nas quais . predomina . em o subtil. (Aet. V, 7, 2). 59

ZENÃO DE ELÉIA 60

Atingiu o acme de sua existência entre 464 e 461 a.C. Foi, com certeza, discípulo de Parmênides. Morreu numa conspiração contra o tirano Nearcos de Eléia: descoberto e submetido a torturas, deveria revelar o nome de seus comparsas; a recusa custou-lhe a vida. 60

Parece que o seu livro foi escrito na juventude. Defensor apaixonado da doutrina de Parmênides. defende-a contra os seus opositores. espírito, polêmico, introduz um novo método: em vez de refutar diretamente a posição dos adversários, aceita-a aparentemente para mostrar então suas contradições. Se o múltipla e suas implicações forem aceitos, a contradição das conseqüências mostra-se em toda a sua força, por uma

redução ao absurdo, Parece que Zenão elaborou quarenta destas deduções, o que fez; Aristóteles chamá-lo de fundador da dialética. 60

FRAGMENTOS 60

1 - Se o que existe não tivesse grandeza não existiria. Mas se existe, cada (parte) terá necessariamente certa grandeza e certa espessura e uma deverá estar a certa distância de outra. E o mesmo pode ser dito para a que estiver frente a ela. Também esta terá grandeza e outra (parte) estará frente a ela. O mesmo se pode dizer uma vez e repeti-lo sempre. Pois nenhuma parte dele será o limite extremo, e nunca estará uma sem relação com a outra. Se, portanto, as coisas existem em multiplicidade, deverão ser concomitantemente grandes e pequenas: pequenas até não possuírem grandeza e grandes até o ilimitado. 60

2 - (Em seu livro, rico em demonstrações, mostra que quem admite a multiplicidade, cai em contradição. -Uma destas demonstrações é a seguinte. Quer mostrar que, se há multiplicidade, esta deve ser grande e pequena, grande até o ilimitado, e pequena, queria até o nada. E com isto tenta dizer que Lima coisa, destituída de grandeza, de espessura e de massa, não poderia existir.) Pois se acrescentada a uma outra coisa (assim se expressa), não a aumentaria em nada. Porque se uma grandeza igual a nada for acrescentada (a uma outra), esta não poderia resultar aumentada. E o acrescentado seria (igual a) nada. Quando, ao contrário, pela subtração de uma grandeza de outra coisa, esta não se tornar menor, e, por outro lado, quando adicionada a outra coisa, esta não se tornar maior, faz-se evidente que o adicionado, como o subtraído, nada é. 60

3 - (Zenão escreve, ao mostrar que a multiplicidade traz em si a contradição do limitado e do ilimitado em coisas idênticas, o seguinte:) Se existem muitas (coisas), então deverão existir, necessariamente, tantas quantas existem, nem mais, nem menos. E se existem tantas quantas são, deverão ser limitadas (em número). 61

Se existem muitas (coisas) são (numericamente) ilimitadas. Pois há sempre entre elas outras, e entre estas ainda outras. E assim são elas ilimitadas. 61

4 - (Zenão nega o movimento quando afirma:) O móvel não se move nem no espaço no qual se encontra, nem naquele no qual não se encontra. 61

DOXOGRAFIA 61

1 - Não sabemos todos que o Palamedes eleático discutia com tal arte que aos ouvintes as mesmas coisas pareciam semelhantes e dessemelhantes, unas e múltiplas, em repouso e em movimento? (Plat., Fedro 261d). 61

2 - Sim, Sócrates, respondeu Zenão, ainda não compreendeste o verdadeiro significado de meus escritos... Estes escritos intentam apoiar as teses de Parmênides contra os que pretendem ridicularizá-lo, pois, dizem, se tudo é um, derivar-se-ia multidão de conseqüências ridículas de sua tese, contraditórias a ela. Estes escritos respondem, pois, aos que afirmam a multiplicidade das coisas, refutando as suas objeções; querem mostrar que a hipótese deles seria ainda mais ridícula se existisse a multiplicidade do que a de existir a unidade. (Plat., Parm. 128b) 61

3 - Sócrates pediu-lhe que lesse a primeira proposição do primeiro capítulo. Isto feito, disse: "O que queres dizer, Zenão? Que, se os seres são múltiplos, uma e a mesma coisa deve ser semelhante e dessemelhante? Ora, isto é impossível, pois o dessemelhante não pode ser semelhante, nem o semelhante dessemelhante. Não é isto o que queres dizer?" - "Sim", respondeu Zenão. "Se é impossível que o dessemelhante seja semelhante e o semelhante dessemelhante, impossível também é a multiplicidade, pois se existisse, incorreria em contradição. A finalidade de teus argumentos não é precisamente de provar, contra a opinião comum, a inexistência da multiplicidade? Não pensas que cada um dos teus argumentos é uma prova, crendo possuíres assim tantos argumentos quantas provas tenhas apresentado sobre a inexistência da multiplicidade? É isto o que queres dizer, ou sou eu quem não te compreende bem?" "Não", disse Zenão, "ao contrário, bem compreendeste a intenção de meu livro." (Plat., Parm. 127 D-E)

62

4 - Eudemo diz. Zenão, discípulo de Parmênides, procurava provar a impossibilidade da multiplicidade das coisas. Fazia isto baseado no argumento de que nenhuma das coisas é uma unidade, mas que a multiplicidade é uma sorna de unidades. (Simpl., Phys. 97, 13)

62

5 - Se a unidade absoluta fosse indivisível, pelo axioma de Zenão nada seria. Pois aquilo que, quando acrescentado, não torna maior um objeto, e quando subtraído não o torna

menor, não pertence, diz ele, as coisas existentes; evidentemente por julgar grandeza espacial tudo o que existe. E se grandeza espacial, então C corpóreo, pois o corpóreo, existe em todas as dimensões. (Arist., *Metaph.*, III, 4, 1001b, 7) 62

6 - Por outro lado, a dificuldade apresentada por Zenão, dizendo que se o lugar e alguma coisa, deve estar em alguma coisa, não C de difícil solução. Pois nada impede esteja o primeiro lugar em outra coisa, não, contudo, como naquele lugar (...) (Arist., *Phys.* IV, 3, 210b 22) 62

7 - A dificuldade de Zenão exige ser discutida; pois se todo ser ocupa um lugar, é evidente que haverá um lugar do lugar, e assim ao infinito. (Arist., *Phys.* IV, I, 209a 23) 62

8 - Há quatro argumentos de Zenão sobre o movimento, fonte de dificuldades para quem os quiser resolver. No primeiro, a impossibilidade do movimento é deduzida do seguinte modo: o móvel transportado deve atingir primeiro a metade antes de atingir o termo (. . .). 63

O segundo chama-se de Aquiles. É o seguinte: o mais lento em uma corrida jamais será alcançado pelo mais rápido; pois este o perseguidor, deverá primeiro atingir o ponto de onde partiu o fugitivo e assim o lento estará sempre mais adiantado. É o mesmo raciocínio que o da dicotomia: a única diferença está em que, se a grandeza sucessivamente acrescentada estiver bem dividida, ela não o será em dois. Conclui-se do argumento que o mais lento não será alcançado pelo mais rápido; e isto pela mesma razão da dicotomia: nos dois casos conclui-se pela impossibilidade em atingir o limite, estando a grandeza dividida de uma ou outra maneira; mas, neste, acrescenta-se que mesmo este herói em velocidade não poderá alcançar, em sua perseguição, o mais lento (...). 63

Estes são dois dos argumentos. O terceiro (...) pretende que a flecha, em seu vôo esteja imóvel. Deriva-se da suposição de um tempo composto de instantes; recusada esta hipótese, cessa o silogismo. 63

O quarto baseia-se no movimento em sentido contrario de massas iguais, em um estádio, ao longo de outras massas iguais, umas a partir do fim do estádio, outras do meio, em velocidades iguais; pretende-se na conclusão que a metade do tempo seja igual ao seu dobro. O paralogismo consiste em aceitar que uma grandeza igual move-se, com igual velocidade, em um tempo igual, quer seja ao longo do que e movido, quer ao longo do que esta em repouso. Isto, contudo, é um erro. (Arist., *Phys.* VI, 9, 239b) 63

MELISSO DE SAMOS 64

Melisso atingiu o acme de sua vida na 84a. Olimpíada, em 444/441 a.C. De sua vida sabe-se apenas que comandou a esquadra de Samos que derrotou os atenienses em 440 a.C., derrota que seria a em breve vingada por Péricles. De seu poema *Sobre o Ser*, conhecemos apenas escassos fragmentos que mostram o seu autor empenhado em defender e desdobrar de modo pessoal o pensamento de Parmênides. 64

FRAGMENTOS 64

1 - Sempre foi o que foi e sempre será pois tivesse sido gerado, antes de ser gerado necessariamente ente nada seria. Mas se nada era, nada poderia ter sido gerado do nada. 64

2 - Não tendo sido gerado, é, sempre foi e sempre será não tem início e não tem fim: é ilimitado. Pois tivesse sido gerado, teria um início (se gerado, deveria ter um início) e um fim (se gerado, deveria chegar a um fim); se, ao contrario, não começou nem chegou a um fim, sempre foi e sempre será não tem início nem fim. Pois, o que não é o todo, é impossível que seja sempre. 64

3 - Mas, assim Corno Sempre é, deve ser também de grandeza ilimitada. 64

4 - Nada do que tem início e fim e eterno ou ilimitado. 64

5 - Não fosse um, deveria estar limitado por outro. 64

6 - Mas se fosse ilimitado seria um. Se fossem dois, não poderiam ser ilimitados, pois limitar-se-iam reciprocamente. 64

7 - Assim C eterno, ilimitado, uno e homogêneo. Não poderia perecer, nem tornar-se maior, nem transformar-se, nem sofrer dor ou pena. Sofresse algumas destas coisas, ia não seria mais um. Sofresse alteração, o ser necessariamente não poderia ser homogêneo, pois deveria perecer o que era e nascer o que não era. Mesmo modificando-se, em dez mil anos, em um cabelo, pereceria todo na totalidade do tempo. Mas também não pode sofrer transformação. Pois a ordem (cosmos) anterior não perece

e a que ainda não e, não e gerada. Já que nada se acrescenta, nem se perde, nem se torna outro, como poderia a transformação ser parte do ser? Pois se tornasse outro, então seria transformado. Também não sofre dor. Porque não seria todo, sofreria dor; pois algo que sofre a dor, não poderia ser sempre e não possuiria a mesma força do sadio. Se sofreria dor, também não seria homogêneo; pois sofreria pela ausência ou pelo acréscimo de algo e ia não seria homogêneo. O sadio não poderia sofrer dor; pois pereceria o sadio e o que C, e gerar-se-ia o que não é. E para o sofrimento da pena o mesmo raciocínio é válido. 64

Também não há nada vazio. Pois o vazio nada e, e o que nada é, não pode ser. E não se move. Não tem lugar onde mover-se, pois é pleno. Existisse o vazio, mover-se-ia para o vazio. Mas como não há o vazio, não tem lugar para onde mover-se. E não poderia ser denso ou raro. Pois o raro não poderia ser pleno como o denso, sendo ia na sua origem mais vazio do que o denso. A seguinte distinção deve ser feita entre o pleno e o não pleno: se toma alguma coisa ou a acolhe em si, não e pleno; se nada toma e nada acolhe, e pleno. Necessariamente deve ser pleno, se não é vazio. Se e pleno, não se move.

64

8 - Este argumento é a maior prova de que é somente um. Mas há também outras provas e são as seguintes. Houvesse multiplicidade, deveriam todas (coisas) ser assim como digo do um, Porque se a terra, a água, o ar, o fogo, o ferro, o ouro, uns vivos, outros mortos, e o preto e o branco e as demais coisas, quantas os homens dizem existir verdadeiramente, se estas coisas são, e se nós vemos e ouvimos corretamente, é necessário que cada coisa seja tal como nos apareceu pela primeira vez, sem mudar nem transformar-se, que seja sempre tal como e. Contudo, afirmamos ver, ouvir e entender corretamente; mas o calor nos parece frio e o frio quente, o duro parece tornar-se macio e o macio duro, e o vivo morrer e nascer do não-vivo, e todas estas coisas se transformarem e o que era e agora e não todas se assemelhar; o ferro, a despeito de sua dureza, gastar-se pelo contato com o dedo, e assim também o ouro, a pedra e todas as coisas que parecem fortes; e a água, gerar a terra e as pedras. Disto se conclui não vemos nem conhecermos os seres Não Hades pois, concordância nisto. Ainda que afirmemos a existência de muitas coisas, eternas, dotadas de forma e solidez, parece-nos que todas se transformam e mudam pelo que vemos cada vez, evidente, portanto, que não vemos corretamente, nem que corretamente parecem existir aquelas muitas coisas. Pois, se de fato fossem, não mudariam, e cada urna seria tal como aparece, Nada e melhor do que o que é verdadeiramente. Quando algo muda, o que e perece e gera-se o que não é. Portanto, se existisse a multiplicidade, deveria ser assim como o um. 65

9 - Se C, deve ser um. Se é um, não deve possuir corpo. Tivesse espessura, também teria partes e não seria mais um. 66

10 - Se o ser se divide, move-se. E se se move, cessa o seu ser. 66

DOXOGRAFIA 66

1 - Melisso, filho de Itageno, foi discípulo de Parmênides, mas não conservou intacta a doutrina do mestre. Dizia que o cosmos C ilimitado, ao passo que os outros o haviam dito limitado. (Aet. II, 1, 2) 66

2 - Me Melisso e Zenão: O um e o todo é Deus; o um e eterno e ilimitado. (Aet. I, 7, 27)

66

3 - Melisso,... também excitava a admiração de seus concidadãos por suas virtudes particulares. Em suas teorias dizia que o universo é ilimitado, imóvel, imutável semelhante a si mesmo, uno e pleno. O movimento não existe, não é mais do que aparência. Dos deuses, dizia que não se deve dar explicação definitiva. Pois não se os pode conhecer. (Diog. IX, 24). 66

EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO 67

O acme da existência de Empédocles é situado por volta de 450 a.C. Tanto sua vida como sua doutrina tiveram enorme repercussão. Natural de Agrigento, membro de uma família influente, sabe-se que Empédocles participou ativamente na preservação da democracia em sua cidade natal e que recusou-se a assumir as funções de rei. A lenda de que terminou banido e que morreu como exilado no Peloponeso é possivelmente falsa. Outra lenda, de que se teria suicidado, jogando-se na cratera do Etna, também não tem fundamento histórico. Consta ainda que teria libertado uma cidade da malária, e que por isto os seus habitantes o homenageavam como a um deus; mas parece que este e outros relatos sobre a sua existência não passam de lendas. 67

De seus dois poemas, Sobre a Natureza e Purificações, numerosas fragmentos chegaram até nós, Supõe-se que, tenha sofrido forte influência dos eleatas e dos pitagóricos. O frag. 17 é o que melhor permite, compreender a sua doutrina; nele refere-se ao processo de geração e corrupção, e apresenta as suas teorias tingidas em perspectivas parmenídicadas. Hades quatro elementos originais, e estes elementos compõem a formação de todos os entes ' - fogo, terra, água, e ar (sobre os elementos: frags. 6, 8, 9, 11, 12,13, 14, 17, 26, 62, 96, 98). Estes elementos e todo o processo do real são determinados pelas forças do Amor e do ódio, que regem, ciclicamente, o cosmos sobre o Amor e o ódio: frags. 16, 17, 20, 21, 22, 30, 35, 59). Coerente com estas opiniões e de grande repercussão é também a explicação que dá Empédocles ao conhecimento e ao processo do pensamento (conforme os frags. 2, 3, 84, 105, 106, 107, 108, 109). 67

FRAGMENTOS 68

Sobre a Natureza 68

1 - E tu, escuta, Pausânias, filho de Anquitos, o sábio. 68

2 - Pois estreitamente limitadas são as forças de que são dotados os membros dos homens; e numerosos são os males que caem sobre eles. entorpecendo os pensamentos. E em sua vida vêem apenas fraca parte da vida, e, condenados a morte próxima, são levados e dissipam-se como a fumaça no alto. Cada um convencido tão-só daquilo que encontrou ao azar de seus muitos e incertos caminhos, embora se vanglorie de ter encontrado o todo. A tal ponto são estas coisas difíceis de serem vistas ou ouvidas ou apreendidas pelo espírito, Tu, porém, saberás, pois dos outros te separaste - mas não mais do que permite a inteligência do espírito mortal. 68

3 - Mas, oh! deuses, afastai de minha língua a loucura destes (homens) e deixai uma pura fonte correr de lábios santificados! E a ti, festejada musa, virgem de alvos braços, suplico que me faças entender o Permitido aos homens efêmeros! E que conduzas e guies, (da morada) da santidade, o dócil carro. E as flores da honra e da gloria de mãos mortais não te dominarão a ponto de erguê-las e recebê-las, a fim de que fales, com resolução, mais do que permite a sagrada ordem, e que ganhes assim assento nas alturas da sabedoria. E agora, considera com todos os teus sentidos como cada coisa e clara. E não dê maior confiança ao olhar do que a que corresponde ao ouvido; e não estimes o ruidoso ouvido acima das claras instruções da língua e não recuses confiança as outras partes do teu corpo, pelas quais lia acesso a inteligência; conhece cada coisa como C manifesta. 68

4 - É próprio dos espíritos baixos desconfiar dos mais fortes. Conhece, como ordenam os seguros ensinamentos dos lábios de nossa musa, após a palavra ter passado pelo crivo do teu interior. 68

5 - (...) guardar dentro de teu silencioso coração. 68

6 - Ouve primeiro das quatro raízes de todas as coisas: Zeus brilhante, Hera vivificante, e Aidoneus e Nestis, que deixa correr de suas lágrimas fonte terrena. 68

7 - (Elementos) incriados. 68

8 - Ainda outra coisa te direi. Não há nascimento para nenhuma das coisas mortais, como não há fim na morte funesta, mas somente composição e dissociação dos elementos compostos: nascimento não é mais do que um nome usado pelos homens. 69

9 - Quando (os elementos) se compõem e chegam ao éter sob a forma de homem, de animais selvagens, de árvores ou de pássaros então se diz terem sido gerados; e quando se separam, fala-se em morte dolorosa. O que C justo não dizem; contudo, eu também falo deste modo, seguindo o costume. 69

10 - Morte vingadora. 69

11 - Os insensatos! Seus esforços são destituídos de longos pensamentos pois crêem que pode ser gerado o que não era ou que alguma coisa possa perecer totalmente e ser destruída. 69

12 - É impossível, que algo possa ser gerado do que não e, e jamais se realizou nem se ouviu dizer que o que e seja exterminado; o que é, sempre estará lá, onde foi colocado por cada um. 69

13 - E no Todo, nada Hades de vazio ou de supérfluo. 69

14 - No Todo não há vazio. Donde poderia provir o que se lhe acrescentasse? 69

15 - jamais um homem sábio, vaticinaria do seu coração tais coisas: enquanto vivem o que chamam de vida, são, e sofrem mal e bem; mas antes de os mortais terem sido formados e após dissolvidos, nada seriam. 69

16 - Assim como (o Amor e o ódio) eram antes, assim também serão mais tarde, e jamais, creio eu, ficara vazio destes dois o tempo infinito.

17 - Duas coisas quero dizer; as vezes, do múltiplo cresce o uno para um único, ser; outras, ao contrario, divide-se o uno na multiplicidade. Dupla e a gênese das coisas mortais, duplo também seu desaparecimento. Pois uma gera e destrói a união de todos (elementos); a outra, (apenas) surgida, se dissipa, quando aqueles (os elementos) se separam. E esta constante mudança jamais cessa: as vezes todas as coisas unem-se pelo amor, outras, separam-se novamente (os elementos) na discórdia do ódio. Como a unidade aprendeu a nascer do múltiplo e, pela sua separação, constituir-se novamente em múltiplo assim geram-se as coisas e a vida não lhes é imutável; na medida, contudo, em que a sua constante mudança não encontra termo, subsistem eternamente imóveis durante o ciclo. 69

Escuta as minhas palavras! Pois o estudo te fortalece o entendimento. Corno já disse antes, ao expor o objetivo de minha doutrina, duas coisas quero anunciar. As vezes do múltiplo cresce o uno para um único ser; outras, ao contrário, divide-se o uno na multiplicidade: fogo e água e terra e do ar a infinita altura; e separado deles o ódio funesto, igualmente forte em toda parte, e o Amor entre eles. igual em comprimento e largura. Contempla-o com o teu espírito, e não permaneças sentado, com olhos pasmos. A ele, julgam-no os mortais enraizado em seus membros, e com ele nutrem pensamentos de amor e realizam obras de união; enlevo chamam-no, e Afrodite. E nenhum dos homens mortais sabe que ele, se move circularmente entre eles (os elementos). Quanto a ti, escuta a seqüência sem equívocos de meu discurso. Pois todos aqueles (elementos e forças são de igual força e idade quanto a sua origem, embora cada um deles tenha missões diversas, sua natureza particular, predominando, ora um, ora outro, no ciclo do tempo. Fora disto nada se acrescenta e nada deixa de existir. Pois tivessem perecido até seu termo já não existiriam. E o que poderia aumentar este Todo e donde poderia vir? Como poderiam perecer, pois nada é deles vazio? Não, somente eles. são, e circulando uns 1 través dos outros, tornam-se ora isto ora aquilo, e assim para sempre os Mesmos.

70

18 - Amor. 70

19 - Amor envolvente. 70

20 - Esta (luta das duas forças e manifesta na massa dos membros humanos: as vezes unem-se pelo Amor todos os membros, que atingiram a corporeidade, na culminância da vida florescente; outras, divididos pela cruel força da Discórdia erram separados nas margens da vida. Assim também com as arvores e peixes das águas, com os animais selvagens das montanhas e os pássaros mergulhões levados por suas asas. 70

21 - Contempla agora o testemunho de minhas primeiras palavras, e vê se cometi omissão relativa a forma (dos elementos) no que disse antes: considera o sol, que tudo ilumina e aquece, e todas as coisas imortais (astros), banhadas no calor e na brilhante claridade; considera a chuva' sempre sombria e fresca, e a terra, da qual irrompe o fundamento e o sólido. Tudo isto é separado e toma forma diversa pela Discórdia; mas unem-se no Amor e almejam-se mutuamente. Pois deles (elementos) provieram todas as coisas, o que era, o que é, e o que será arvores e homens, assim como mulheres, animais, pássaros e peixes nutridos pela água, e também deuses, de longa vida, cumulados de honras. Pois são sempre os mesmos (os quatro elementos), mas, circulando uns através dos outros, tornam-se coisas diversas; tão grandes modificações traz a sua mistura. 70

22 - Pois unidos em concórdia estão todos estes (elementos) com as suas partes; o Sol radiante, assim como a Terra, o céu e o mar, largamente dispersos no mundo mortal. E assim também bem, tudo o que melhor se corresponde na mistura, é semelhante e unido por Afrodite. Inimigo, ao contrario, e o que se mantém mais distanciado por origem, por mistura e por formas realizadas, completamente impossibilitado de união e muito lúgubre, sob o domínio do ódio que lhe deu nascimento. 71

23 - Assim como, quando pintores preparam com cores variadas quadros votivos, - homens bem entendidos em arte pela sua habilidade, - depois de tomarem com suas mãos venenos multicores e os misturarem harmonicamente, uns mais, outros menos, com eles. produzem figuras semelhantes a todas as coisas, formando árvores e homens e mulheres, feras e aves e peixes nutridos pela água, e também deuses, de vida longa, ricos em honras, assim o engano não vença o teu espírito e diga que há outra fonte das

- coisas mortais, quantas - inumeráveis - se tornaram manifestas; e saibas isto com certeza, pois ouviste a palavra da divindade.71
- 24 - Unindo os cimos uns aos outros, não seguir apenas um caminho do ensinamento (...) 71
- 25 - Belo e dizer mesmo duas vezes o que é necessário. 71
- 26 - Ora uns, ora outros, predominam (os elementos e forças no curso do ciclo, e desaparecem uns nos outros e crescem na alternância do destino. Pois somente estes (os elementos) são, e, circulando uns nos outros, tornam-se homens e outras espécies de animais, ora unindo-se pelo Amor em uma Só ordem, ora separando-se as coisas particulares na inimizade do ódio, até que, integrados na unidade total, sejam novamente submetidos. Como a unidade aprendeu a nascer do múltiplo e, pela sua separação, constituir-se em múltiplo, assim geram-se as coisas e a vida não lhes é imutável na medida, contudo, em que a sua constante mudança não encontra termo subsistem eternamente imóveis durante o ciclo.71
- 27 - Já não se distinguem nem os membros rápidos do sol, nem a força hirsuta da terra ou o mar. Assim esta custodiada a redonda Esfera, na prisão segura da Harmonia, alegre em sua solidão circular. 72
- 27a - Nem discórdia nem luta inconveniente em seus membros. 72
- 28 - Mas igual a si mesma em todos os lados e em todos infinita, a redonda Esfera, alegre em sua solidão circular. 72
- 29 - De seu dorso não se agitam dois ramos, nem tem pés, nem ágeis joelhos, nem partes genitais, mas era esférica, igual em todos os seus lados. 72
- 30 - Mas quando o ódio tornou-se grande nos membros (da Esfera?,, erguendo-se às honras, quando se cumpriu o tempo que lhes cabe (ao ódio e ao Amor) alternativamente, estipulado por poderoso juramento (...) 72
- 31 - Então todos os membros do Deus foram comovidos, uns após outros. 72
- 32 - A junta une os dois. 72
- 33 - Assim como quando a seiva da figueira coagula e liga o leite branco (...) 72
- 34 - Misturando a farinha com a água, 72
- 35 - Voltarei meus passos ao caminho que meus cantos já percorreram, fazendo novo discurso do meu discurso. Quando o ódio retirou-se ao mais profundo abismo do turbilhão, e o Amor atingiu o seu centro, todas as coisas uniram-se nele a fim de serem uma única, não em uma Só vez, mas voluntariamente unindo-se, uma daqui, outra de a E destas misturas, derramaram-se inúmeras raças de seres mortais. Muitas, contudo, alternando corri as que se misturavam, não se misturaram: todas aquelas que o ódio trazia suspensas, pois não se tinha ainda retirado inteiramente aos extremos limites do círculo. Permanecia ainda parcialmente no interior (dos membros), embora já, por outro lado, deles excluído. Na medida em que avançava, afluía um doce e imortal impulso de irrepreensível Amor. Logo se tornava mortal o que antes era imortal, e misturado o que antes não o era, na mudança dos caminhos. E destas misturas derramaram-se inúmeras raças de seres mortais, de formas variadas, em maravilhoso espetáculo. 72
- 36 - Enquanto estes se unem, o ódio retira-se aos confins da parte exterior. 73
- 37 - A Terra aumenta o seu próprio corpo e o éter aumenta o éter. 73
- 38 - Falar-te-ei agora dos primeiros (elementos) iguais em idade, fonte de todas as coisas que. nós agora contemplamos: a terra e o mar ondulado, o ar úmido e o éter Titã que abraça fortemente o círculo de todas as coisas. 73
- 39 - Fossem infinitos a profundidade da Terra e o vasto éter, como se depreende de vãs palavras de tantos mortais que não viram senão fraca parte do Todo (...) 73
- 40 - O Sol penetrante e a meiga Lua. 73
- 41 - Mas (o Sol) e concentrado e circula em volta do vasto céu. 73
- 42 - E ela (a Lua) interrompe os seus raios (do Sol), quando passa por ele, projetando sombra sobre a Terra, tão larga quanto a lua de brilhantes olhos. 73
- 43 Logo que a luz do Sol atingiu o largo círculo da Lua (...)73
- 44 (A luz do Sol) brilha sobre o Olimpo, com intrépido olhar. 73
- 45 Uma luz circular e estranha gira em torno da Terra. 73
- 46 (...) como gira a roda de um carro, a qual pelo extremo (...) 73
- 47 - Pois ela (a Lua) olha do outro lado para o círculo sagrado do senhor (Sol). 73
- 48 A Terra produz a noite, opondo-se aos raios do Sol. 73
- 49 Da noite solitária de olhos cegos (...) 73

- 50 E íris traz do mar o vento ou uma chuva abundante. 73
- 51 - (O fogo) irrompe para cima. 74
- 52 - Muitos fogos, contudo, queimam sob o solo. 74
- 53 - (O éter) unia-se (com os outros elementos) em seu curso, ora de uma maneira, e muitas vezes de outra. 74
- 54 - Mas o éter mergulha, com longas raízes, Terra adentro. 74
- 55 - O mar, suor da Terra. 74
- 56 - O sal solidificou-se sob os golpes dos raios do Sol. 74
- 57 - Dela (a Terra) nasceram muitas cabeças sem pescoço, braços nus erravam faltos de ombros, e olhos vagavam desprovidos de fronte. 74
- 58 - Membros vagavam solitários. 74
- 59 - Mas quando o Deus uniu-se ao Deus em maior proporção, estas coisas uniram-se ao azar dos encontros, e muitas outras coisas surgiram sucessivamente. 74
- 60 - (Criaturas de) andar arrastado e providas de inúmeras mãos. 74
- 61 - Cresceram muitas (criaturas) com duplo rosto e duplo peito, bovinos com face humana ou, ao contrário, homens com cabeça de boi, e seres misturados, aqui de homens, ali à maneira de mulheres, providos de órgãos sexuais umbrosos. 74
- 62 - E agora, escuta como o fogo, ao se separar, trouxe a luz a raça noturna dos pranteados homens e mulheres. Pois meu discurso não foge ao seu propósito nem é desprovido de saber. Primeiro nasceram formas inteiras da Terra, participantes tanto da água, como do fogo. A estas, o fogo fez subir para o alto, ao procurar unir-se ao seu igual (o fogo celeste); não mostravam ainda nem suas formas graciosas, nem voz, nem as partes sexuais próprias dos homens. 74
- 63 - Mas distinta e a origem dos membros (humanos): uma vem do homem (e a outra da mulher). 74
- 64 - Também dele aproximou-se o desejo que, pela visão, despertou a memória. 74
- 65 - Encontraram-se no seio puro. Em parte, tornam-se membros femininos, quando encontram o frio, (e em parte masculinos, quando encontram o calor). 74
- 66 - Nos prados fendidos de Afrodite. 74
- 67 - Pois em sua parte mais quente gera o ventre o masculino, e por isto, mais escuros, mais fortes e melhor Providos de pêlos são os homens. 75
- 68 - No décimo dia do oitavo mês produz-se a branca putrefação. 75
- 69 - De duplo nascimento. 75
- 70 - Pele de cordeiro. 75
- 71 - Mas se a tua certeza sobre estas coisas for ainda em algum ponto deficiente, de como poderiam ter surgido pela mistura da terra, da água, do ar e do fogo, tantas formas e cores de coisas mortais, como surgem das uniões feitas por Afrodite (...) 75
- 72 - Como as altas árvores e os peixes no mar 75
- 73 - Assim como então Cípris, depois de a ter umedecido na água, entregou a terra ao ágil fogo para firmá-la, esforçando-se diligentemente pelas formas (...) 75
- 74 - Conduzindo a raça sem voz dos peixes fecundos (...) 75
- 75 - Daqueles (animais) porem, cujo interior é denso e o exterior raro, e que receberam das mãos de Cípris tal aquosidade (...) 75
- 76 - Este (é o caso) das pesadas conchas dos habitantes da água, sobretudo dos caracóis e das tartarugas de carapaça dura como a pedra. Neles podes observar a terra na superfície da pele. 75
- 77-78 - Árvores sempre verdes e carregadas, florescem na superabundância das frutas, durante todo o ano, conforme o ar. 75
- 79 - E assim produzem ovos primeiramente as altas oliveiras (...) 75
- 80 - Por isto amadurecem tardiamente as romãs, e as maçãs são suculentas. 75
- 81 - Fermentada sob o córtice, a água, na madeira se transforma em vinho. 75
- 82 - O mesmo (são): cabelos e folhas, e das aves espessas penas, e escamas que nascem sobre fortes membros. 75
- 83 - Mas os espinhos do ouriço são agudos e eriçam-se sobre as suas costas. 75
- 84 - E assim como quando um homem que se propõe sair se mune, para atravessar a noite hibernal, de uma luz, chama viva de um fogo, acendendo lanternas protegidas de todos os ventos; estas rompem o sopro dos ventos uivantes e a luz projeta-se para fora por ser muito mais fina: assim também (quando da formação dos olhos) o fogo primitivo escondeu-se em membranas e finos tecidos, atrás das redondas meninas dos olhos,

- varadas de passagens maravilhosas. Afastam a água, profunda que as cerca, mas deixam passar o fogo por ser muito mais fino. 76
- 85 - Mas a meiga flama recebeu (na formação dos olhos) apenas fraca porção de terra. 76
- 86 - destes (elementos) formou a divina Afrodite os olhos infatigáveis. 76
- 87 - Afrodite que uniu (os elementos) com os laços do Amor (...) 76
- 88 - Os dois olhos produzem uma única visão. 76
- 89 - Sabendo que de tudo o que surgiu decorrem emanções. 76
- 90 - Assim o doce procura o doce, o amargo se precipita sobre o amargo, o azedo busca o azedo e o quente se une ao quente. 76
- 91 - (A água, une-se melhor ao vinho, mas com o azeite não quer (unir-se). 76
- 92 - Assim corno o cobre se mistura ao estanho 76
- 93 - Com. a cor de cochinha une-se o azul sabugo. 76
- 94 - E o negrume do fundo do rio é produzido pela sombra, A mesma coisa se vê nas cavernas subterrâneas 76
- 95 - Quando (os olhos) foram formados pelas mãos de Cípris. 76
- 96 -A Terra, para a sua alegria, recebeu em seu vasto crisol duas das oito partes da brilhante Nestis e quatro de Héfaistos. Formaram-se assim os ossos brancos, unidos com divina beleza pela força da harmonia. 76
- 97 - (...) a espinha dorsal 76
- 98 - E a Terra se encontrou em igualdade com estes: com Héfaistos, com a umidade -e com o resplandecente éter; tendo lançado ancoras nos portos perfeitos de Cípris, em proporção mais forte ou mais fraca; daí se formaram o sangue e as diferentes espécies de carne. 76
- 99 - (...) sino (...) ramo carnoso. 77
- 100 - Assim todas as coisas inspiram e expiram. Todos são providos de canais de carne, pobres de sangue, sobre toda a superfície do corpo; e em suas extremidades, a superfície extrema da pele é perfurada por muitos poros, de modo a reterem o sangue, permitindo contudo a livre passagem do ar. E quando o fino sangue se afasta (dos poros), penetra Neles impetuosamente o ar, para deles ser expirado novamente quando o sangue retorna; assim como quando uma menina brinca com uma clepsidra de brilhante cobre: enquanto conservar sua graciosa mão sobre a boca (da clepsidra) e mergulhá-la no macio corpo da água, prateada, não entrará água no vasilhame, pois o peso do ar comprimido contra os estreitos orifícios o impedira, até que (a moça) liberte a corrente de ar comprimida; então, deixa o ar um espaço vazio, que é ocupado em igual medida pela água, Assim também, quando a água encher por completo o corpo (da vasilha) de cobre, enquanto o pescoço e a boca permanecem bem fechados pela pele humana, - o ar exterior, que procura entrar, reprime a água, pela pressão em sua superfície, Junto à entrada da boca que deixa ouvir um sorri borbulhante, até que (a moça) a retire a sua mão; então, ao contrario do que acontecia antes, o ar se precipita ao interior, e um volume correspondente de água, escapa para lhe fazer lugar. Da mesma forma o tênue sangue, que percorre as velas, refluindo para o interior, precipita abundantemente a corrente de ar; mas quando, ao contrario, o sangue retorna, o ar e expirado em correspondente quantidade. 77
- 101 - (Os cães) farejando com o seu nariz as partes dos membros dos animais selvagens, quanto os seus pés deixaram na tenra relva. 77
- 102 - Assim todas as coisas receberam respiração e odor. 77
- 103 - Assim todos os seres por vontade da Fortuna, são dotados de inteligência (...) 77
- 104 - (...) e na medida em que os (corpos) mais leves uniram-se em sua queda. 77
- 105 - (O coração) nutrido no mar de sangue que corre em direções opostas, onde reside principalmente o que os homens chamam pensamento. Pois, para os homens, o sangue que lhes flui a volta do coração é o pensamento. 77
- 106 - O pensamento dos homens cresce em proporção aquilo que já existe. 78
- 107 - Pois destes (elementos) estão formadas harmonicamente todas as coisas, e por eles. os homens pensam, alegram-se e entristecem-se. 78
- 108 - Na medida em que (os homens) se tornam diferentes em sua natureza, sempre se modificam também os seus pensamentos. 78

109 - Pois com a terra vemos a terra, com a água, vemos a água, com o ar o divino ar, mas com o fogo o fogo destruidor; pelo amor vemos o amor e pelo triste ódio vemos o ódio. 78

109a - Emanações (...) no Olho como se fossem imagens. 78

110 - Se, apoiado em teu persistente espírito, contemplos com puras intenções estes (ensinamentos), tu os terás em abundância durante toda a tua vida, e por eles ganharas ainda muitas outras coisas; pois estes crescem por si mesmos no coração (do homem), conforme for a natureza de cada um. Mas se aspirares a coisas de outra natureza, conforme sói acontecer entre os homens, inúmeras miseráveis que lhes entorpecem a meditação, então serás abandonado na revolução do tempo, _por aspirares voltar à tua própria origem, pois saibas que todas as coisas tem inteligência e participam do pensamento. 78

111 - E conheceras quantos venenos existem como defesa contra o mal e a velhice, pois somente a ti revelarei todas estas coisas. Acalmaras a força dos ventos infatigáveis que se arremessam contra a Terra, destruindo com o seu sopro os campos; e por outro lado, se desejares, poderás dispor do seu sopro. Darás aos homens oportuna aridez após sombrias chuvas, mas também produziras, após as secas estivais, a queda de chuvas dos, céus, nutritivas para as plantas. Farás voltar do Hades a vida de um homem morto.

78

Purificações 78

112 - Amigos, que habitais a grande cidade, junto aos fulvos rochedos de Acragas, no alto da cidadela, amadores de nobres trabalhos, respeitáveis abrigos para os estrangeiros, homens inexperientes da maldade, eu vos saúdo! Eu, porém, caminho entre vos qual Deus imortal, e não mais como mortal, por todos honrado como me convém, coroado de guirlandas. floridas. Desde minha entrada nas florescentes cidades, sou honrado por homens e mulheres; seguem-me aos milhares, a fim de saber qual o caminho da riqueza; uns necessitando oráculos; outros, feridos por atrozes dores, Pedem uma palavra salvadora para as suas múltiplas doenças. 78

113 - Mas por que dedicar-me a estas coisas, como se fosse extraordinário ser mais do que os homens mortais e condenados ao perecimento ? 79

114 - Amigos, sei bem que há verdade nas palavras que vou pronunciar; mas ela é muito difícil. para os homens e a insistência da convicção sobre a alma é incomoda. 79

115 - Há um oráculo da Necessidade, decreto dos Deuses, antigo, eterno, selado com largos juramentos: se alguém manchou criminosamente suas mãos com sangue, ou, em conseqüência do ódio, cometeu perjúrio, - um destes demônios agraciados com longa vida, - deve errar três vezes dez mil anos, longe dos bem-aventurados, e nascer no curso do tempo sob todas as formas mortais, trocando um pesado caminho da vida por outro. Pois o ar poderoso empurra-os ao mar, o mar os cospe sobre a terra, a terra os projeta aos raios do incansável sol, e este os lança nos turbilhões do ar. Um os recebe de outro, mas todos os odeiam. A estes também, agora, pertence eu, um banido dos deuses, errante, por ter confiado no furioso ódio. 79

116 - Caris odeia a intolerável Necessidade. 79

117 - Pois eu Já fui moço, e moça, e planta, e pássaro, e um mudo peixe do mar. 79

118 - Chorei e me lamentei quando vi o estranho lugar. 79

119 - De que honras, de que grande felicidade (fui precipitado, e erro sobre a Terra) ! 79

120 - Chegamos sob esta caverna (...) 79

121 - (...) o triste lugar, onde a Morte e a Cólera, e a multidão dos outros males e doenças esgotantes, a podridão e o que dela flui, perambulam na obscuridade Sobre os campos de Ate. 79

112 - Lá estavam Ctônia e Héliope, cuja vista se estende ao longe, a Discórdia sangrenta e a Harmonia de olhar severo, a Beleza e a Feiúra, a Pressa e a Lentidão, 1 amável Verdade e a Incerteza de negros olhos. 80

123 - E o Crescimento e a Decrepitude, o Sono e a Vigília, o Movimento e o Repouso, o Esplendor coroado e a Baixeza, o Silêncio e a Loquacidade. 80

124 - Desgraça a ti, miserável raça dos mortais, duas vezes maldita: de tais lutas e de tais lamentos nasceste! 80

125 - De criaturas vivas fez; mortas, mudando as suas formas. 80

126 - (. . .) revestindo-as de um estranho manto de carne. 80

- 127 - Entre os animais, tornam-se leões, que habitam os montes e dormem sobre o chão; e loureiros entre as arvores ricas em folhas. 80
- 128 - (Eles) ainda não tinham Ares por Deus, nem Kidoimos, nem o rei Zeus, ou Cronos, ou Poseidon, mas apenas Cípris, a rainha (...) Procuravam suas graças com piedosos presentes votivos, pinturas de animais e bálsamos de subtil perfume, oferendas de mirra pura e incensos de doce odor, sobre o solo derramando louro mel consagrado. Mas o altar ainda não era aspergido com o sangue puro dos touros, pois era entre os homens o maior crime tirar a vida (aos animais) e comer os seus nobres membros. 80
- 129 - E vivia entre eles. um homem de extraordinário saber, dono da maior riqueza de pensamentos, e altamente versado em toda espécie de obras sabias. Pois quando elevava todas as suas forças de pensamento, via com facilidade cada uma das coisas em suas dez e vinte vidas humanas. 80
- 130 - Lá eram todos (os seres mansos e dóceis aos homens, os animais selvagens e os pássaros e ardia a chama da alegre cordialidade. 80
- 131 - Se for de teu agrado, musa imortal, por causa de um dos mortais tomar conhecimento de meus esforços poéticos, assiste, Calíope, ainda uma vez o suplicante, pois quero proferir uma boa doutrina sobre os deuses bem-aventurados. 80
- 132 - Bem-aventurado o homem que adquiriu o tesouro da sabedoria divina; desgraçado o que guarda uma opinião obscura sobre os deuses. 80
- 133 - Não nos é possível colocar (a divindade) ao alcance de nossos olhos ou de apanhá-la com as mãos, principais caminhos pelos quais a persuasão penetra o coração do homem. 81
- 134 - Pois o seu corpo (da divindade) não é provido de cabeça humana; dois braços não se erguem de seus ombros, nem tem pés, nem ágeis joelhos, nem partes cobertas de cabelos; é apenas um espírito; move-se, santo e sobre-humano, e atravessa todo o cosmos com rápidos pensamentos. 81
- 135 - Mas a lei valida para todos, estende-se pelo éter largamente difundido e pela imensurável luz do céu. 81
- 136 - Não cessareis este assassinato de funesto clamor? Não vedes que vos dilacerais uns aos outros na insensatez de vossos corações? 81
- 137 - E o pai ergue o seu próprio filho, que mudou de forma, e o mata, pronunciando ainda uma oração, o grande insensato! Os que querem sacrificar a vítima suplicante, porem, estão alterados; aquele, surdo aos seus gritos. após degolá-lo, prepara o abominável banquete em sua morada. Assim também o filho agarra o seu pai, e as crianças a sua mãe e, arrancando-lhes a vida, devoram apropriada carne. 81
- 138 - Extraíndo-lhes a vida com o bronze. 81
- 139 Desgraçado de mim, por não ter sido aniquilado mais cedo pelo dia impiedoso da morte, antes de que meus lábios pronunciassem o pensamento do horrível crime Já voracidade. 81
- 140 - Abster-se inteiramente das folhas do loureiro. 81
- 141 - Miseráveis, pobres miseráveis! Afastai vossas, mãos das favas. 81
- 142 - A este não acolhe nem o palácio, bem coberto, do Zeus portador da égide, nem o de Aides (...). 81
- 143 - Aurindo de cinco fontes rio bronze inflexível 81
- 144 - Desembaraçando-se dos erros, 81
- 145 - Errantes em graves pecados, jamais libertareis vosso coração dos miseráveis sofrimentos. 81
- 146 - (Eles) tornaram-se, finalmente, para os homens mortais, videntes, rapsodos, médicos e príncipes, erguendo-se então como deuses, cumulados de honras (...). 81
- 147 - (...) participando do mesmo lar dos outros imortais, companheiros de mesa, livres do sofrimento humano, imperecíveis. 81
- 148 - O invólucro terreno dos homens. 81
- DOXOGRAFIA 82**
- 1 - Empédocles admite como princípio quatro (elementos), acrescentando (à água, ar e fogo) a terra como quarto. Estes diz ele, são eternos e não foram gerados, mas unem-se em quantidade maior ou menor à unidade e dela separam-se novamente. (Arist., Metaph. I, 3, 984a). 82

2 - Empédocles aceita quatro elementos materiais (...), eternos e que mudam, em consequência de união ou separação, em quantidades maiores ou menores; os princípios propriamente ditos, contudo, são o Amor e o ódio, que põem aqueles em movimento. Pois os elementos devem ser postos constantemente em movimento: as vezes o Amor os une, outras o ódio os separa; assim, conforme Empédocles, Hades (em verdade) seis princípios (...). (Simpl., Phys. 25, 21). 82

3 - Também Empédocles afirma que nós e todos os corpos sobre a Terra estão formados, como diz Hipócrates, dos mesmos elementos, não de maneira misturada, mas em pequenas partículas contíguas, que se friccionam. (Galen. in Hip. nat. hom. XV, 32).

82

4 - (Empédocles, imagina es elementos formados de partículas menores, sendo que as menores constituem os elementos dos elementos. (Aet., I, 17, 3). 82

5 - Empédocles Anaxágoras, Demócrito, Epicuro e todos os que formam o mundo pela reunião de corpos subtis, introduzem composições e separações, mas não no sentido de gênese e destruição; pois não se produziram segundo mudanças qualitativas, e sim em consequência da quantidade por reunião. (Aet., I, 24, 2). 82

6 - Empédocles difere de seus predecessores por ter sido o primeiro a introduzir a divisão da causa; pois não diz ser uma só a causa do movimento, e sim duas forças contrárias. Além disto, foi o primeiro a afirmar que são quatro os elementos materiais, embora não os use como quatro e sim como dois somente; de um lado, o fogo em si próprio e, de outro lado, os elementos que lhe são opostos - terra, ar e água, -, como uma única natureza. Isto pode ser visto no estudo de seus escritos. (Arist., Metaph. I, 4, 985a).

82

7 - Sendo manifesto, contudo, o oposto do bom na natureza; não só a ordem e a beleza, mas também a desordem e o feio; e de que há mais coisas más do que boas, e de que a fealdade é mais freqüente do que a beleza, - um outro pensador introduziu o Amor e o ódio como princípios destas coisas. E seguindo-se o significado real das afirmações de Empédocles e não a sua obscura linguagem, concluir-se-á que o Amor e a causa do bem e o ódio a do mal. (Arist., Metaph., I, 4, 984b). 83

8 - Empédocles: o movimento e o repouso se realizam alternativamente; movem-se quando o Amor realiza a unidade do múltiplo, ou quando o ódio realiza o múltiplo a partir da unidade; estão em repouso nos tempos intermediários. (Arist., Phys. VIII, I, 250b).

83

9 - Empédocles afirma que o mundo esta atualmente sob o domínio do ódio, assim como esteve no do Amor. (Arist., De gen. et corr. II, 334a 5). 83

10 - deles diz Empédocles que os dois são imortais e não gerados, não tendo o seu ser tido inicio, com as seguintes palavras: "Assim como (o Amor e o ódio) eram antes, assim também serão mais tarde, e jamais, creio eu, ficara vazio destes dois o tempo infinito." (Hipp. VII, 29). 83

11 - O mundo parece segundo a predominância alternada do ódio e do Amor. (Aet. II, 4, 8). 83

12 - Empédocles sob o domínio do Amor unem-se todas as coisas em um único, todo, formando-se a Esfera. (Philop., De gen. et com. 19, 13). 83

13 - O mundo e um, mas não e o todo; e apenas uma pequena parte do todo e o resto e matéria inerte. (Aet. I, 5, 2). 83

14 - Há dois sóis: um, arquétipo, fogo que ocupa constantemente um dos dois hemisférios do mundo (...); outro, sol aparente, reflexo do primeiro (...). O Sol e um reflexo do fogo que contorna a Terra. (Aet. II, 20, 13). 83

15 - As arvores cresceram sobre a Terra antes dos animais, antes de o sol se ter destacado, antes de o dia e a noite se tornarem distintos. Conforme a proporção das misturas que as formam, adquirem a função do sexo masculino ou do feminino; erguem-se no ar e crescem graças ao calor da Terra, formando dela parte, assim como o embrião cresce no seio da mãe, do qual e parte. 83

As frutas são excedentes da água e do fogo nas plantas; as árvores dotadas de menos água, perdem as suas folhas quando da evaporação do verão; as de mais água permanecem verdes como o louro, a oliveira e a palma. As diferenças de gosto provêm da variedade de composição do solo que as nutre., do qual as plantas tiram diferentes homeomerias, como nas uvas; o bom vinho provém, não da diferença das vinhas, e sim da variedade dos terrenos. (Aet. V, 26, 4). 84

16 - Empédocles ensina que os animais e as plantas, em suas primeiras aparições, não surgiram completos; surgiram primeiro como partes separadas umas das outras. Em um segundo estágio, cresceram e uniram-se as partes, formando as figuras mais diversas. Em um terceiro, as dos corpos como totalidades. Em um quarto, não mais pela mistura dos elementos como terra e água, mas pela geração: em uns como consequência da rica alimentação, em outros pela atração da bela figura das mulheres ao matrimônio. (Aet. V, 19, 5). 84

17 - Parmênides, Empédocles, Demócrito: a inteligência e a alma são uma e a mesma coisa; não haveria ser vivo privado de razão. (Aet. IV, 5, 12) 84

18 - Para Empédocles, mudar nosso estado físico e mudar nosso pensamento: 'O pensamento dos homens cresce em proporção aquilo que Já existe.' (Arist., Metaph. 1009b 17) 84

19 - Por isto pensamos com o sangue. Pois neste estão os elementos melhor misturados. (Teophr., De Sensu, 10) 84

20 - E o conhecimento do igual se faz pelo igual. (Arist. Metaph. III, 4, 1000b). 84

21 - Dizia Empédocles que todos os seres são dotados de razão, não SO os animais, mas também as plantas. (S. Emp. adv. math. VIII, 286). 84

FILOLAU DE CRÓTON⁸⁵

Pitagórico, do sul da Itália, nascido em Cróton, Filolau floresceu na parte final do século V a.C. Foi discípulo de Lísias, um dos poucos que conseguiram fugir do massacre de Cróton. Defensor da tirania, parece que a defesa desta causa lhe custou a vida. Diz-se ainda que expôs em um livro a doutrina pitagórica, fato que dá a Filolau uma importância muito grande, pois os fragmentos que vieram até nós são os mais antigos escritos sobre a doutrina pitagórica. Este livro exerceu muita influência sobre o pensamento de Platão.

85

FRAGMENTOS 85

1 - A natureza foi ordenada, no cosmos, com (elementos) ilimitados e limitados, - tanto a totalidade do cosmos como todas as coisas nele (existentes). 85

2 - Necessariamente todas as coisas devem ser ou limitadas ou ilimitadas, ou tanto limitadas como ilimitadas. Tão-só ilimitadas ou limitadas não podem elas ser. Como, evidentemente, não constam só de (elementos) limitados ou ilimitados, torna-se evidente ter sido ordenado o cosmos e as coisas nele existentes de (elementos) limitados e ilimitados. O que confirma as observações dos fatos. Pois aquelas das coisas reais compostas de (elementos) limitados são limitadas; as compostas de (elementos) limitados e ilimitados são limitadas e ilimitadas; e aquelas compostas de (elementos) ilimitados aparecem como ilimitadas. 85

3 - Se tudo fosse ilimitado, em princípio não haveria nem mesmo objeto de conhecimento. 85

4 - E de fato, tudo o que se conhece tem número. Pois é impossível, pensar ou conhecer alguma coisa sem aquele. 86

5 - O número possui duas formas próprias: par e ímpar, e uma terceira forma resultante da mistura das outras duas, o par-ímpar; ambas as formas apresentam, contudo, muitas configurações, as quais cada coisa demonstra por si. 86

6 - As relações entre a natureza e a harmonia são as seguintes: a essência das coisas, que é eterna, e a própria natureza, admitem, não o conhecimento humano e sim o divino. E o nosso conhecimento das coisas seria totalmente impossível, se não existissem suas essências, das quais formou-se o cosmos, seja das limitadas, seja das ilimitadas. Como, contudo, estes (dois) princípios não são iguais nem aparentados, teria sido impossível formar com eles um cosmos, sem a concorrência da harmonia, donde quer que tenha esta surgido. O Igual e aparentado não exige a harmonia, mas o que não é igual nem aparentado, e desigualmente ordenado, necessita ser unido por tal harmonia que possa ser contido num cosmos. 86

A grandeza da harmonia (oitava 1: 2) compreende a Quarta (3: 4) e a quinta (2: 3), A quinta é maior do que a quarta por um tom (8:9). Pois da "hypate" (mi) até a "mese" (lá) há uma quarta; da "mese" até a "nete" (si), uma quinta; da "nete" até a "trite" (si), uma quarta; da "trite" até a "hypate", uma quinta. Entre "trite" (si) e "mese" (lá) há um tom. A quarta, contudo, esta na relação de 3: 4, a quinta de 2: 3, a oitava de 1: 2. Portanto, a oitava é composta de cinco tons e dois semitons, a quinta de três tons e um semitom, a quarta de dois tons e um semitom. 86

- 7 - O primeiro unido, a unidade, no centro da esfera chama-se fogo. 86
- 8 - O um (unidade) e o princípio de tudo. 86
- 9 - (...) da natureza e não através de leis (humanas). 86
- 10 - Harmonia e a unidade do misturado e a concordância das discordâncias. 86
- 11 - Devem-se julgar as obras e a essência do número pela potência do número dez (que esta na década). Pois ela é grande, completa tudo e causa tudo, princípio e guia da vida divina e celeste, como também da humana. Participa do poder do número dez (potência da década). Sem este todas as coisas seriam ilimitadas, incertas e obscuras. 86
- Pois a natureza do número da conhecimento, e guia e mestre para cada um, em tudo o que lhe é duvidoso e desconhecido. Se não fosse o número e a sua essência, nada das coisas seria manifesto a ninguém, nem em si mesmas, nem em suas relações com outras. Agora, porém, este torna todas as coisas, ao harmonizá-las na alma com a sensibilidade, cognoscíveis, harmonizando também as suas relações mútuas, de acordo com o "indicador", revestindo-as de corpos, distinguindo as relações de cada coisa das demais, sejam ilimitadas, sejam limitadas. 87
- Podes ver a natureza e a potência do número desenvolver a sua força não só nas coisas demoníacas e divinas, mas também em toda a parte, em todas as ações e palavras humanas, bem como no domínio da técnica e da música. 87
- Nem a natureza do número nem a harmonia abrigam em si a falsidade. Pois ela não lhes é própria. A falsidade e a inveja são próprias da natureza do ilimitado, do insensato e do irracional. 87
- A falsidade não se insinua de nenhum modo no número. Pois a falsidade é hostil e inimiga de sua natureza, ao contrário da verdade, conforme e congênita a natureza do número. 87
- 12 - Os corpos (elementos) da esfera do mundo são cinco; os (quatro) que estão na esfera: fogo, água, terra e ar; e, quinto, o envolvedor da esfera. 87
- 13 - (Há quatro princípios nos seres dotados de razão: cérebro, coração, umbigo e órgãos geradores). A cabeça (cérebro) (C o princípio) do entendimento, o coração o da alma e da sensibilidade, o umbigo o do enraizamento e do crescimento do embrião, os órgãos geradores o da seminação e criação. O cérebro, contudo, (indica) o princípio do homem, o coração o dos animais, o umbigo o das plantas, os órgãos geradores o de todos, pois tudo floresce e cresce das sementes. 87
- 14 - Asseveram os antigos teólogos e adivinhos que, por determinada expiação, a alma esta ligada ao corpo e sepultada nele como num túmulo. 87
- 16 - Por isto não dominamos (não estão abaixo de nós) certas representações e paixões, assim como também certos atos, decorrentes daquelas representações e reflexões. Como dizia Filolau, existem certos pensamentos mais fortes do que nós. 87
- DOXOGRAFIA 88**
- 1 - O pitagórico Filolau afirma o limitado e o ilimitado como princípio. (Aet. I, 3, 10). 88
- 2 - O pitagórico Filolau coloca o fogo no centro, em segundo lugar a antiterra, em terceiro a Terra habitada, oposta (aquela) e que gira concomitantemente com a antiterra. (Aet. III, 11, 3). 88
- 3 - Os outros filósofos doutrinam a permanência da Terra em repouso. Mas o pitagórico Filolau afirma a sua rotação em torno do fogo, e isto em um círculo oblíquo assim como o Sol e a Lua. (Aet. III, 13, 1). 88
- 4 - A Filolau parece que tudo acontece conforme a necessidade e a harmonia. Teria sido o primeiro a dizer que a Terra se move em círculo; outros atribuem isto a Hiketas de Siracusa. (Diog. VIII, 84, 85). 88
- 5 - Pitágoras, e Filolau explicam a alma como sendo uma harmonia. (Macrob. S. Scip. I, 14, 19). 88
- ARQUITAS DE TARENTO 89**
- Arquitas nasceu em Tarento e viveu na primeira metade do século I V a. C. Foi, portanto, um contemporâneo de Platão, e os dois encontraram-se no sul da Itália. Filiado à doutrina pitagórica, Arquitas foi* político, e dedicou-se às ciências da Matemática, da Mecânica e da Música. Numerosas obras lhe são atribuídas; com certeza, sabe-se que escreveu uma Ciência Matemática, uma Harmonia e, possivelmente, um livro sobre mecânica. Os poucos fragmentos que se conhecem ocupam-se sobretudo de problemas de Matemática e de Música. 89

1 - Excelentes conhecimentos parece-me terem adquirido os matemáticos não sendo estranho que pensem corretamente sobre as propriedades das coisas particulares. Pois tendo adquirido belos conhecimentos sobre a natureza do todo, naturalmente podiam atingir uma bela visão também das coisas particulares. Por isto transmitiram-nos também claros conhecimentos sobre a velocidade das estrelas. seu despontar e seu crepúsculo, sobre Geometria, números (Aritmética), sobre a doutrina das esferas e não menos sobre a Música. Com efeito, estas ciências parecem irmanadas. Pois ocupam-se das duas formas primeiras e irmanadas dos seres (numero e grandeza). Começaram meditando sobre a impossibilidade do SOM, quando não corresponder a um choque surgirá entre corpos. Um choque, contudo, afirmavam eles, só surgira quando (os corpos) em movimento se encontrarem vindos de lados opostos, e se baterem. aqueles (corpos), portanto, que se movem em direções opostas e se chocam (produzindo o ruído) ao encontrar-se; aqueles (corpos), contudo, que se movem em uma mesma direção, mas com velocidades diversas, produzem o ruído quando, alcançado - pelos que vêm atrás são feridos. Muitos destes (ruídos) não poderiam ser percebidos por nossa natureza, quer devido ao choque demasiado -fraco, quer devido ao grande afastamento de nós, e alguns devido à sua' força extraordinária. Pois os ruídos muito fortes não poderiam penetrar em nosso ouvido, como também nos vasilhames de boca estreita nada se consegue derramar, quando se quer derramar muito. Os (ruídos) que conseguem penetrar em nossos sentidos, parecem-nos agudos quando o choque vem a nós rápida e fortemente, e graves., quando lenta e fracamente. Pois se tomarmos uma vara e a movermos lenta e fracamente, produzir-se-á, com a batida, um som grave, mas se a movermos rápida e fortemente, um som agudo. Não só por este exemplo, mas também por outros, podemos sabê-lo: se, quando falamos ou cantamos, quisermos fazer soar algo de maneira alta e aguda, nós o conseguiremos com o emprego de uma respiração forte, (mas se quisermos falar de maneira silenciosa ou grave, devemos empregar uma respiração fraca). Isto pode ser exemplificado também com os projéteis. Os arremetidos com força, voam longe, e os sem força perto. Pois aos arremetidos com força, cede o ar mais, aos com menos, ao contrário, menos. E o mesmo pode ser dito dos tons: um tom produzido com respiração forte, soara com força e de modo agudo, mas se a respiração for fraca, soara de modo fraco e grave. Podemos ver também neste exemplo mais convincente, que o mesmo homem pode fazer-se ouvir, com voz alta, a grandes distancias, mas com voz baixa, nem mesmo na proximidade. 'Isto também com as flautas; se se precipita o ar expelido pela boca nos orifícios que estão perto da boca produz de si, em consequência da forte pressão, um som agudo, mas se (fizer pressão) sobre os afastados, um som mais grave. Disto conclui-se claramente que o movimento rápido produz um som agudo e o lento um grave. Mas também nos "rombos", movidos, nas cerimônias dos mistérios, se da o Mesmo: movidos lentamente, produzem um som grave, e, profundamente, um som agudo. Também a flauta rústica nos dá, quando se fecha a extremidade inferior e se sopra, um som grave; se, ao contrario, se soprar na sua metade ou em qualquer outro lugar, produzirá um som agudo. Pois o " mesmo ar precipita-se lentamente através de um espaço longo,, impetuosamente em um curto.

89

(Continua falando sobre a proporcionalidade do movimento das vozes e encerra a sua exposição com as seguintes palavras:) tornou-se claro para nós, através de muitos (exemplos) que os sons agudos movimentam-se mais rapidamente e os graves mais lentamente. 91

2 - Há três proporções na Música: a aritmética, a geométrica, e, em terceiro lugar, a contraposta, assim chamada harmonia. A aritmética, quando três termos manifestam analogicamente a seguinte diferença: o segundo supera tanto o primeiro, quanto o terceiro supera o segundo. E nesta analogia vê-se que a relação dos termos maiores é menor, e a dos menores e maior. A geométrica: quando o primeiro termo esta para o segundo, assim como o segundo esta para o terceiro. As maiores guardam a mesma relação que as menores. A contraposta, assim chamada proporção harmônica, quando (os termos) se comportam da seguinte maneira: quanto, da própria grandeza, o primeiro termo supera o segundo, tanto o médio supera o terceiro. Nesta analogia a relação ação dos termos maiores C maior, a dos menores, menor. 91

3 - Deve-se chegar ao conhecimento daquilo que se ignora aprendendo de um outro ou por pesquisa própria. O aprender se faz com um outro ou por meios estranhos; a investigação se faz por si mesmo ou com meios próprios Encontrar sem pesquisa é difícil e raro; quando se pesquisa, Contudo, torna-se acessível e fácil; e aquele que nada entende da investigação nada pode encontrar. 91

Quando se conseguiu encontrar a razão, esta aumenta a concórdia fazendo cessar a rebelião. Já não há lugar para a competição, pois reina a igualdade. Por seu intermédio podemos reconciliar-nos com nossas obrigações. Devido a ela, recebem os pobres dos poderosos e os ricos dão aos necessitados, pois ambos confiam em possuir mais tarde com igualdade. Regra e obstáculo dos injustos, faz desistir os que sabem raciocinar, antes de cometerem injustiça, convencendo-os de que não podem permanecer ocultos quando voltarem ao mesmo lugar, aos que não compreendem, revela-lhes a sua injustiça, impedindo-os de cometê-la. 91

4 - E a Aritmética tem, parece, predominância sobre as outras ciências como também sobre a Geometria, por poder demonstrar mais claramente o que quer. (Pois a Geometria prova, onde as outras ciências permanecem em dificuldade). E quando a Geometria falha, a Aritmética apresenta demonstrações, como também a exposição das formas, se e que existe uma ciência das formas. 92

ANAXÁGORAS DE CLAZOMENA 93

Anaxágoras nasceu, provavelmente, no ano 500 a.C. Natural de Clazomena, transferiu-se aos vinte anos para Atenas, cidade da qual foi banida alguns anos antes de sua morte, ocorrida em Lâmpsaco, no ano de 428 a.C. As razões de seu exílio devem-se à acusação de impiedade para com os deuses; teria fugido com o auxílio de Péricles, seu protetor e discípulo Escreveu um livro, e a seu desprendimento do mundo e sua concentração em problemas astronômicos tornaram-no famoso. A tradição que afirma ter sido ele discípulo de Anaxímenes é evidentemente falsa, embora tenha sofrido forte influencia deste filósofo. Seu mestre foi o pitagórico Mermótimos. 93

Contra os que afirmavam a , impossibilidade de pensar o múltiplo, Anaxágoras faz da multiplicidade o objeto privilegiado de seu pensamento, embora o ilimitado que caracteriza o múltiplo não possa ser representado (frag. 7). Anaxágoras procura explicar a natureza do múltiplo, dizendo que em cada coisa há uma porção de cada coisa (frag. 11). Exceção é a Espírito, que é ilimitado e autônomo; ao contrário das coisas, não é misturado com nada (frag. 12). 93

FRAGMENTOS 93

1 - Todas as coisas estavam juntas, ilimitadas em numero e pequenez; pois o pequeno era ilimitado. E enquanto todas as coisas estavam juntas, nenhuma delas podia ser reconhecida devido a sua pequenez. Pois o ar e o éter prevaleciam sobre todas as coisas, ambos ilimitados. Pois, no conjunto de todas as coisas, estas são as maiores, tanto em quantidade como em grandeza. 93

2 - Pois o ar e o éter separam-se da multiplicidade circundante, e este circundante é ilimitado em quantidade. 94

3 - No que e pequeno não lia um último grau de pequenez, mas sempre um menor; pois é impossível que o que é cesse de ser pela divisão. Mas também no grande há sempre um maior; e é igual em quantidade ao pequeno; em si mesma, cada coisa é grande e pequena. 94

4 - (...) Mas se isto é assim, deve-se aceitar que, em todas as coisas que se unem, estão contidas muitas coisas e de todos os tipos, e sementes de todas as coisas, dotadas, diversamente, de formas, cores e sabores. E que assim formaram-se também os homens e todos os seres vivos, dotados de alma. É que estes homens também habitam cidades e campos cultivados, como nós; e que tem Sol e Lua e o resto como nós; e que a terra lhes produz muitas coisas de diversos tipos, das quais recolhem as mais úteis em suas moradas para o seu uso. Isto é o que digo sobre a separação: estas coisas não aconteceram somente entre nós, mas também em outros lugares. 94

Antes, contudo, de se separarem, quando todas as coisas ainda estavam Juntas, nenhuma cor se podia distinguir, nem uma única Pois a mistura de todas as coisas o impedia, - do úmido e do seco, do quente e do frio, do luminoso e do escuro, assim como também pela muita terra que nela se encontrava e pelas sementes em quantidade infinita, sem semelhança umas com as outras. Pois também nas outras coisas, nenhuma é

semelhante às outras. E se isto e assim, devemos supor que todas as coisas estão no Todo. 94

5 - após terem sido estas coisas assim separadas, devemos reconhecer que todas as coisas juntas não são nem menos nem mais (pois é impossível que sejam mais do que todas e que todas são sempre iguais. 94

6 - E como há partes iguais do grande e do pequeno, todas as coisas podem conter todas as coisas. Também não podem estar separadas, pois todas as coisas participam de todas as coisas. Não sendo possível o Último grau de pequenez, não se podem separar, nem serem por si mesmas; também agora, como no início, devem estar todas juntas. E em todas as coisas muitas coisas estão contidas, e as coisas separadas existem em quantidade igual, tanto nas maiores como nas menores. 94

7 - Por isto não podemos, nem pela razão, nem pela ação, saber a quantidade das coisas separadas. 95

8 - As coisas neste cosmos não estão isoladas, nem separadas com machado umas das outras, nem o quente do frio, nem o frio do quente. 95

9 - (...) Como estas coisas giram e são separadas pela força e pela velocidade. E a força produz a velocidade. A sua velocidade, contudo, não se compara à velocidade de nenhuma das coisas que existem agora entre os homens, pois é muito mais rápida. 95

10 - Como poderia o cabelo vir daquilo que não é cabelo, e a carne daquilo que não é carne? 95

11 - Em cada coisa, há uma porção de cada coisa, exceto no Espírito; em algumas, contudo, também há Espírito. 95

12 - Todas as outras coisas participam de todas as coisas; o Espírito, contudo, e ilimitado e autônomo, com nada misturado, mas Só por si e para si. Pois se não fosse para si mesmo e se estivesse misturado com qualquer outra coisa, participaria de todas as coisas, desde que estivesse misturado a qualquer uma delas. Porque em todas as coisas há uma parte de todas as coisas, como foi dito por mim no que precede; e o que lhe estaria misturado impediria qualquer poder sobre toda coisa, assim como tem agora sendo só para si. Pois é a mais fina de todas as coisas e a mais pura e tem todo conhecimento de todas as coisas e a maior força E o Espírito tem poder sobre todas as coisas que tem alma, tanto as maiores como as menores. Também sobre toda a revolução tem o Espírito poder, e foi ele, quem deu o impulso a esta revolução. E esta revolução moveu-se em um pequeno começo agora estende-se mais e estender-se-á ainda mais. E todas as coisas que com ela se misturaram, se separaram e se distinguiram, são conhecidas pelo Espírito. E o Espírito ordenou todas as coisas, como deveriam ser e como eram e agora não são, e as que são e como serão; e também a esta revolução na qual se movem agora as estrelas. e o Sol e a Lua e o ar e o éter, que estão separados. E esta mesma revolução operou a separação. E do ralo separou-se o denso, o quente do frio, o luminoso do escuro, o seco do úmido E há muitas partes de muitas coisas. Mas nenhuma coisa e completamente separada ou distinta de nenhuma outra coisa, exceto o espírito, O espírito, e sempre o mesmo, tanto o maior como o menor. Ao passo que nenhuma outra coisa é semelhante a outra coisa, mas cada coisa singular é e era manifestamente aquilo que mais contem. 95

13 - E quando o espírito, começou o movimento, separou-se de tudo o que era posto em movimento; e tudo o que o espírito, pôs em movimento foi separado. E quando as coisas foram postas em movimento e separadas, a revolução separou-as ainda mais umas das outras. 96

14 - O espírito, que e eterno, e certamente também agora, lá, onde é toda outra coisa, na massa circundante, e naquilo que foi por separação unido a ela, e no separado. 96

15 - O denso e o úmido o frio e o escuro reuniram-se onde agora esta a Terra; o raro e o quente e o seco ergueram-se a vastidão do éter. 96

16 - Destas coisas, quando separadas, solidifica-se a terra. Pois a água se separa das nuvens, e a terra da água, da terra, as pedras são solidificadas pelo frio, e elas se projetam mais longe do que a água, 96

17 - Os Helenos não têm opinião correta do nascimento e da destruição. Pois nada nasce ou perece, mas há mistura e separação das coisas que são. E assim deveriam chamar corretamente o nascimento de mistura e a destruição de separação. 96

18 - O Sol empresta a Lua a sua luz. 96

19 - Chamamos arco-íris o reflexo do Sol nas nuvens. É um presságio de tempestade; porque a água que corre a volta da nuvem produz vento ou chuva. 96

21 - Devido a sua fraqueza (de nossos sentidos) não somos capazes de distinguir a verdade. 96

21a - Visão do que não se presságio as manifestações. 96

21b - (Em força e velocidade somos inferiores aos animais) pois usamos apenas nossa própria experiência, nossa memória, nossa sabedoria e nossa arte. 96

22 - O que se chama presságio de pássaro" C a clara do ovo. 96

DOXOGRAFIA 97

1 - Anaxágoras, filho de Hegesíbulo, de Clazomena, dizia que as homeomerias são o princípio de todas as coisas. Parecia-lhe inexplicável que alguma coisa pudesse vir do não-ser ou findar em não-ser. Pois nos nutrimos com alimentos de aparência simples e uniforme, como o pão e a água. Destes alimentos, nutrem-se cabelos, veias, artérias, carne, nervos, ossos e todas as outras partes. Forçoso nos é reconhecer que, no alimento que tomamos, existem todas as coisas, e que se podem desenvolver. Naquele alimento estão contidas partes geradoras de sangue, nervos, ossos e as demais partes que só são reconhecíveis pela razão. Pois não se deve reduzir tudo aos sentidos que nos mostram o pão e a água mas reconhecer pela razão que são compostos de partes. Por serem, para as coisas formadas, semelhantes estas partes contidas nos alimentos, chama-as de homeomerias, afirmando-as como princípio das coisas: as homeomerias como matéria e a inteligência que ordenou o universo como causa eficiente. Começa assim: Todas as coisas estavam juntas; a inteligência as separou e ordenou (...). ... :É mister aprová-lo, por ter acrescentado a matéria o artesão. (Aet. I, 3). 97

2 - As homeomerias tem todos os tipos de formas. (Aet. I, 14, 4). 97

3 - Segundo Anaxágoras e Demócrito, as misturas se fazem por justaposição dos elementos. (Aet. I, 17, 2) 97

4 - E não admite a existência nas coisas de um espaço vazio. (Lucr. I, 843). 97

5 - Os físicos que admitem um número ilimitado de elementos, como Anaxágoras e Demócrito, o à primeiro com as homeomerias e o segundo com a mistura de toda classe de sementes das figuras, admitem a existência do ilimitado, do qual fazem um contínuo por contato. E (Anaxágoras) pretende que toda parte é uma mistura como o todo, baseando-se no fato experimental de que as coisas vêm de outras coisas, indiferentemente. (Arist., Phys. 3, 4, 203a). 97

6 - Anaxágoras de Clazomena - mais jovem do que Empédocles, mas posterior a ele em suas atividades, - diz que os primeiros princípios são ilimitados em número. E explica que todas as substâncias de partes iguais homeomerias como a água e o fogo, são geradas e destruídas por combinação e separação; em outro sentido, nem são geradas, nem destruídas, mas persistem eternamente. (Arist. Metaph. I, 3, 984a). 97

7 - Quando alguém disse que o Espírito habita tanto os seres vivos, como também a natureza, e que ele é o autor do cosmos e de toda ordem, parecia um homem sóbrio em contraste com as vagas afirmações de seus predecessores. Sabemos com certeza que (Anaxágoras) adotou este ponto de vista, mas Hermótimo de Clazomena parece tê-lo defendido anteriormente, Estes pensadores adotaram um princípio nas coisas que é a causa da beleza e por ela comunica-se o movimento as coisas. (Arist., Metaph. I, 3, 984b). 98

8 - Anaxágoras tem razão em proclamar que o Espírito é impassível e sem mistura, porque faz dele um princípio do movimento: SO pode mover se não for movido; só pode dominar se for sem mistura. (Arist., Phys. VIII, 5, 256b). 98

9 - Se alguém inferisse que (Anaxágoras) admitiu dois princípios, estaria próximo da verdade... (Arist., Metaph. I, 8, 989a). 98

DIÓGENES DE APOLÔNIA 99

Da vida de Diógenes nada se sabe. Viveu na segunda metade do século V a.C. Contemporâneo de Anaxágoras, não poderia ter sido, como pretendem certos autores antigos, um discípulo de Anaximenes; sua doutrina, contudo, é um dos últimos prolongamentos da filosofia jônica. Sabe-se que escreveu diversas obras: Meteorologia, Da Natureza do Homem, um ataque aos sofistas e um livro Sobre a Ciência Natural; a esta última obra pertencem os fragmentos que vieram até nós. 99

Possivelmente contra Melisso, procura explicar a multiplicidade. E Diógenes o faz através -daquilo que os homens chamam de ar", que ele "toma por Deus, que atinge tudo, dispõe de tudo e está em tudo" (frag. 5). 99

FRAGMENTOS 99

1 - Quem começa um discurso, deve, parece-me, tomar um ponto de partida incontestável e exprimi-lo de maneira simples e digna. 99

2 - A minha maneira de ver, para tudo resumir, e que todas as coisas são diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo - terra, água ar e fogo e as outras coisas que se manifestam neste mundo -, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, diferente em sua natureza própria e se não permanecesse a mesma coisa em suas muitas mudanças e diferenciações, então não poderiam as coisas, de nenhuma maneira, misturar-se umas as outras, nem fazer bem ou mal urnas as outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir a existência, se todas as coisas não fossem compostas de modo a serem as mesmas. Todas as coisas nascem, através de diferenciações, de urna mesma coisa, ora em uma forma, ora em outra, retornando sempre a mesma coisa. 99

3 - Pois as coisas não poderiam estar divididas como estão, sem a inteligência, guardando as medidas de todas as coisas, do inverno e do verão, do dia e da noite, das chuvas, dos ventos e do bom tempo. E aquele que se der ao esforço de refletir, concluíra que todo o resto esta disposto da melhor maneira possível. 100

4 - Além destas, ainda as seguintes importantes provas. Os homens e os outros seres animados vivem da respiração do ar. E isto é para eles alma e inteligência, como será claramente mostrado neste escrito; porque, se lhes for retirado, morrem e sua inteligência se apaga, 100

5 - E a mim parece que possui inteligência aquilo que os homens chamam de ar, e que todas as coisas são governadas por ele e que tem poder sobre todas elas. Pois é este precisamente que eu tomo por Deus, que atinge tudo, dispõe de tudo e está em tudo. E nada há que dele não participe. Contudo, uma coisa não participa dele da mesma maneira como uma outra, pois há muitas diferenciações do próprio ar assim como da inteligência. E esta submetido a muitas diferenciações, ora mais quente, ora mais frio, mais seco ou mais úmido, mais tranqüilo ou em movimento mais rápido, e muitas outras diferenciações há nele e um número infinito em cores e sabores. E também a alma de todos os seres vivos é a mesma coisa: ar mais quente do que o que nos é exterior, no qual nos encontramos, mas muito mais frio do que o do Sol. Este calor não é o mesmo em nenhum dos seres vivos, como também não o é entre os homens: é diverso, mas não muito, somente o necessário para que permaneçam semelhantes. E não é possível tornarem-se as coisas diferenciadas semelhantes a outra, sem tornar-se o mesmo, Por ser, pois, a diferenciação multiforme, são também os seres multiformes e muitos, não sendo semelhantes nem em sua forma, nem em seu modo de vida, nem em sua inteligência. devido a multidão de diferenciações. Contudo, todos vivem, vêm e ouvem através do mesmo, e desta fonte também lhes advém sua inteligência. 100

6 - As veias no homem comportam-se. da seguinte maneira: há duas veias principais; estas estendem-se através do ventre junto a, a à esquerda, ambas para espinha dorsal, uma ' direita, outra as respectivas coxas, e, Para Cima, à cabeça junto as clavículas através do pescoço. Destas estendem-se veias através de todo o corpo, da direita para o lado direito, da esquerda para o lado esquerdo; duas particularmente grandes, na proximidade da espinha dorsal, atingem o coração, e duas outras, um pouco mais acima, através do peito, sob a cavidade axilar, atingem as mãos correspondentes; urna chama-se veia do baço, a outra veia hepática. Em suas extremidades, elas se subdividem: uma vai para o polegar, outra para a palma da mão, e destas, outras veias finas, com muitas ramificações, estendem-se para o resto da mão e para os dedos. (puas) outras, mais finas, estendem-se, a partir das veias anteriormente citadas, da direita ao fígado, da esquerda ao baço e aos rins. 100

As que atravessam as coxas, dividem-se na articulação e espalham-se por toda a coxa: a maior se estende ao lado posterior da coxa, tornando-se volumosa e visível; urna outra, um pouco menos volumosa do que aquela, estende-se ao interior da coxa. Depois, passando pelo joelho, atinge a canela e o pé, de modo semelhante ao das mãos,

estendendo-se até a planta do pé e aos dedos. Muitas outras veias finas separam-se (das principais) e espalham-se no ventre e na região das costelas. 101

As que se estendem até a cabeça através do pescoço, neste tornam-se fortemente visíveis. Onde terminam, dividem-se em muitas que se espalham pela cabeça: as que vêm da direita, para o lado esquerdo; as que vêm da esquerda, para o lado direito; ambas terminam junto as orelhas. 101

Junto à grossa veia, encontra-se, no pescoço, de cada lado, uma veia menor, a qual se une a maioria das que vêm da cabeça; e estas estendem-se através do pescoço para o interior e ambas ramificam-se, e, passando sob a omoplata, atingem as mãos. Junto a veia do baço e à veia hepática aparecem ainda outras menores, que são cortadas (para sangria) quando algo dói sob a pele; quando a dor reside no ventre, corta-se a veia do baço e a veia hepática. Há outras veias que se estendem destas sob os seios. Ainda outras que se estendem através da medula espinal até os testículos; elas são finas. Ainda outras estendem-se sob a pele e através da carne até os rins e terminam, nos homens em seus testículos, e nas mulheres, no útero. As primeiras veias, que vêm do ventre, são mais largas e depois tornam-se finas até entrecruzarem-se do lado direito para o esquerdo e deste para o direito. São chamadas veias seminais. No que se refere ao sangue, o mais denso é absorvido pelas partes mais carnosas; mas quando consegue ir além, para estes lugares (dos quais falamos acima), torna-se fino, quente e espumoso. 101

7 - E este mesmo é um corpo eterno e imortal, e destas coisas, urnas vêm a existência e outras sofrem destruição. 102

8 - E isto também me parece que é claro. Ele é grande e poderoso, eterno e imortal e de grande saber. 102

DOXOGRAFIA 102

1 - Estas eram as teorias de Diógenes de Apolônia: Há um elemento, o ar, mundos ilimitados e um vazio ilimitado. Segundo sua maior ou menor densidade, o ar gera os mundos. Nada sai do nada e nada volta ao nada. A Terra é esférica, situada no centro do mundo. Tomou sua massa do círculo de calor que a cerca, e a sua solidez do frio. (Diog. Laert. IX, 57). 102

2 - Diógenes dizia que o princípio das coisas é o ar ilimitado. (Aet. I, 3, 26). 102

3 - E Diógenes de Apolônia: que foi quase o último dos que se consagraram a estes estudos, também escreveu a maior parte de sua obra de uma maneira eclética, concordando em certos pontos com (Anaxágoras) e em outros com Leucipo. Ele também diz que a substância primordial do Universo é o Ar imóvel e eterno, do qual nasce a forma de cada outra coisa, por condensação, rarefação ou mudança de estado. (Simpl. Phys. 25, 1). 102

4 - Diógenes atribui, o pensamento e os sentidos, como também a vida, ao ar. E parece fazer assim pela ação de similares (...) (Teophr. De Sensu, 39). 102

LEUCIPO DE ABDERA 103

Provavelmente nascido em Abdera, Leucipo é a personalidade mais obscura de todos os pré-socráticos. Alguns autores antigos - e mesmo modernos, como é o caso de Erwin Rohde - duvidam até de sua existência. Mas Aristóteles refere-se a ele, associando-o freqüentemente a Demócrito. Sabe-se apenas que era mais velho que este e mais moço que Parmênides. Sua ascendência filosófica prende-se possivelmente a Melisso ou Zenão de Eléia. Segundo Aristóteles, Leucipo seria o criador da teoria dos átomos, doutrina posteriormente elaborada por Demócrito. Atribui-se-lhe um livro, A Grande Ordem do Mundo; o único fragmento conhecido de Leucipo derivaria de um capítulo deste livro, intitulado Sobre o Espírito. 103

FRAGMENTO 103

2 - Nada deriva do acaso, mas tudo de uma razão e sob a necessidade. 103

DOXOGRAFIA 103

1 - Leucipo foi discípulo de Zenão. Pensava que todas as coisas são ilimitadas, e que se transformam umas nas outras; o todo seria vazio e ocupado por corpos; os mundos se formariam quando estes corpos entrassem no vazio, misturando-se uns aos outros; do seu movimento e de sua aglomeração nasceria a natureza dos astros; o Sol se moveria em um círculo maior em volta da Lua; a Terra teria sido levada ao centro por um movimento de rotação, sendo semelhante a um tambor. Foi o primeiro a afirmar os átomos como princípio de todas as coisas. Em resumo, são estas as suas opiniões. calas

em detalhe: diz que o universo é ilimitado, corria uma parte cheia e a outra vazia, que chama de elementos. Os mundos que criam são ilimitados e desfazem-se nestes elementos. Os mundos se formam da seguinte maneira: muitos átomos de formas variadas reúnem-se no imenso vazio após a separação do ilimitado; uma vez unidos, formam um único turbilhão, e, ferindo-se e rolando em todos os sentidos, separam-se, unindo-se os semelhantes com os semelhantes. Incapazes de guardar seu equilíbrio devido a seu número, os átomos subtis dirigem-se ao vazio exterior, como se tivessem sido jogados, e o resto permanece no centro, une-se bem, solidifica-se e começa a formar uma estrutura esférica. Esta, primeiramente, é como uma membrana que contém átomos de todos os tipos. Estes movimentam-se devido a impulsos vindos do centro, formando mais uma delgada membrana no exterior, a qual prendem-se sempre novos átomos, em consequência do choque no turbilhão. E assim forma-se a Terra, permanecendo no centro os átomos que nele foram jogados, crescendo, por influência dos átomos externos, a parte que o cerca como uma membrana, e que, levada pelo turbilhão, prende a si tudo com que se choca. Destes átomos os que se agregam constituem uma estrutura, no início úmida e lamacenta, que seca e é levada pelo turbilhão do conjunto. Em seguida, ao se inflamar, dá nascimento aos astros. O Sol e o círculo mais externo e a Lua o mais vizinho da Terra, sendo os astros intermediários. E de uma maneira geral, todos os astros, devido a rapidez de seu movimento, se incendiam, e o Sol é incendiado pelos astros. A Lua tem apenas fraca parte de fogo (...). 103

Assim como há um nascimento do mundo, há também um desenvolvimento, um perecimento e uma ruína, segundo uma necessidade que Leucipo não elucidou muito bem. (Diog. Laert. IX, 30 ss.) 104

2 - Alguns filósofos, como Leucipo e Platão, afirmam uma ação eterna, pois dizem que o movimento é eterno. Mas por que e o que é este movimento, não dizem, como também não dizem a causa por que se move neste ou naquele sentido. (Arist., Metaph. XII, 6 1071b). 104

3 - Leucipo e Demócrito dizem que os átomos se movem chocando-se mutuamente e rechaçando-se uns aos outros, mas nada dizem de onde pode provir o princípio do movimento inerente a eles por natureza, a que o choque recíproco é um choque forçado e não por natureza, e o forçado é posterior ao natural. (Alex., in Metaph. & I, 47). 105

4 - Segundo Leucipo, a alma é feita de fogo. (Aet. IV, 3, 7). 105

5 - Leucipo e Demócrito, explicam a percepção e o pensamento como modificações do corpo. (Aet. IV, 8, 5). 105

6 - Leucipo, Demócrito e Epicuro são de opinião que a percepção sensível e o pensamento acontecem em consequência e imagens que nos vêm de fora. (Aet. IV, 8, 10). 105

7 - Leucipo, Demócrito, e Epicuro diziam que a visão decorre da penetração de pequenas imagens. (Aet. IV, 13, 1). 105

FRAGMENTOS 105

I. II. Escritos Éticos 105

Oc - SOBRE A VIDA APÓS A MORTE. 105

2 - "Tritogenéia". prudência. A inteligência nos traz três vantagens: bem pensar, bem falar e fazer o dever. 105

2c - SOBRE A VIDA TRANQUÍLA. 105

3 - Aquele que quiser viver em tranquilidade não se deve agitar demasiado, nem em sua vida particular, nem em sua vida coletiva; o que faz, não deve ir além de sua própria força e de sua natureza; e deve tornar cuidado para que quando vier a fortuna e tentar seduzi-lo, através de sua opinião, a desmedida, possa afastá-la e guardar somente aquilo que estiver de acordo com as suas forças. Pois a plenitude comedida e mais segura do que a desmedida. 105

4 - Pois o prazer e a dor são o limite do vantajoso e do desvantajoso. 105

III. IV. Escritos Físicos 106

4c- PEQUENO COSMOS. 106

5i - SOBRE A DIVERSIDADE DE FORMA (DOS átomos OU SOBRE AS FIGURAS. 106

6 - O homem deve reconhecer, segundo esta regra, que está afastado da realidade (verdade). 106

- 7 - Esta demonstração torna claro que, em realidade, nada sabemos de nada, mas a opinião de cada um consiste na afluência (dos átomos ou imagens da percepção).
106
- 8 - E no entanto, ver-se-á bem que não se pode chegar a saber o que cada coisa realmente é. 106
- 9 - Em verdade, nada aprendemos que seja infalível, mas somente o que nos vem através da disposição momentânea do nosso corpo e dos átomos que nos atingem ou se lhe opõem. 106
- 10 - Não apreendemos o que, na realidade, cada coisa é ou não é; demonstramos isto diversas vezes, 106
- 10b - SOBRE AS NORMAS DO PENSAMENTO, 106
- 11 - Há duas formas de conhecimento, urna autêntica e a outra obscura (inautêntica). À obscura pertencem todos os seguinte. a vista, o ouvido, o olfato, o gosto, o tato; a outra e autêntica, daquela completamente separada, Quando a obscura se revela incapaz de ver o menor, ou de ouvir, de cheirar, de degustar, de tocar, fazendo-se necessário levar a pesquisa ao que é mais sutil, cri ' tão toma-lhe o lugar a forma autêntica, dotada de um órgão de conhecimento mais fino. 106
- X. XI - Escritos Filológicos 106
- 15C - SOBRE RITMOS E HARMONIA. 106
- 16a - SOBRE POESIA. 106
- 18 - Tudo o que um poeta escrever com entusiasmo e Sob inspiração divina C certamente belo. 106
- 21 - Homero, que recebeu uma natureza divina, construiu um cosmos de versos variados.
106
- Fragmentos autênticos de escritos incertos 107
- 30 - Entre os homens pensantes, poucos erguem as mãos para aquele lugar que nos, helenos, agora chamamos de ar, dizendo: "Tudo delibera Zeus consigo e tudo sabe e dá e retira sobre todas as coisas." 107
- 31 - A Medicina cura os males do corpo, a sabedoria liberta a alma das paixões. 107
- 32 - A coabitação é uma pequena apoplexia. O homem sai do homem, desprende-se e separa-se dele como sob o efeito de um golpe. 107
- 33 - A natureza e a educação são algo semelhante. Porque a educação transforma o homem, mas através desta transformação, cria uma natureza. 107
- 34 - O homem, um microcosmos. 107
- DEMÓCRITO DE ABDERA 108
- Demócrito nasceu Provavelmente em 460 a.C. e morreu em 370 a.C., mas há muita incerteza em relação a esta.(datas. Foi o mais viajado das filósofos pré-socráticos, tendo visitado a Babilônia, o Egito e, segundo alguns autores, a Índia e a Etiópia. Depois, esteve também em Atenas. Discípulo de Leucipo e chefe de escola, escreveu numerosas obras, embora não haja certeza de serem todas de sua autoria. 108
- Demócrito desenvolve a teoria dos átomos de seu mestre. A realidade é composta de átomos e de vazio; a combinação das átomos, que são infinitos em número e imperceptivelmente pequenos, explica a formação de todos os fenômenos (sobre os átomos velam-se os frags. 125, 156, 164, 167). Pelos átomos DEMÓCRITO explica também a percepção e o conhecimento (frags. 6, 7, 8, 9, 10, 11, 69, 117, 125, 166). Grande parte dos fragmentos de Demócrito prende-se a problemas de ética, política e educação.
108
- FRAGMENTOS FILOSÓFICOS 108
- 35 - Se se ouvirem com entendimento estas minhas sentenças, muitas ações dignas de um homem excelente serão praticadas e muitas más ações serão evitadas. 108
- 37 - Escolher os bens da alma e escolher os bens divinos; contentar-se corri os bens do corpo e contentar-se com os bens humanos. 108
- 38 - Belo e conter o homem injusto; ou ao menos não participar de sua injustiça. 108
- 39 - Deve-se ser bom ou imitar o bom. 108
- 40 - Nem o corpo nem o dinheiro fazem o homem feliz, mas a retidão e a prudência.
109
- 41 - Evita os maus atos, não por temor, mas por dever. 109
- 42 - É grandioso pensar no dever quando se está em desgraça. 109
- 43 - Arrepende-se de seus atos vergonhosos é salvar a sua vida. 109

- 45 - aquele que comete injustiça, & mais desgraçado do que quem a sofre. 109
- 46 - Magnanimidade é suportar com calma a falta de tato. 109
- 47 - Sujeitar-se à lei, à autoridade e ao mais sábio pertence ao sentido da ordem. 109
- 48 - O homem bom não faz caso das censuras das más pessoas. 109
- 49 - Punível é deixar-se dominar por um homem inferior, 109
- 50 - Quem for completamente dominado pelas riquezas, não pode ser justo. 109
- 51 - Muitas vezes, para persuadir, vale mais a palavra do que o Ouro, 109
- 52 - É esforçar-se em vão pretender trazer entendimento a quem imagina possuir entendimento. 109
- 53 - Muitos que não aprenderam a razão, vivem segundo a razão. 109
- 53a - Muitos que cometem as mais vergonhosas ações, falam honestamente. 109
- 54 - Os insensatos tornam-se razoáveis pela desgraça. 109
- 55 - Deve-se aspirar a vigorosas obras e ações e não a palavras. 109
- 56 - Conhecer o belo e aspirar a ele supõe um dom inato por natureza. 109
- 57 - As boas qualidades dos animais mostram-se no vigor do corpo; as dos homens na excelência do caráter 109
- 58 - As esperanças dos que pensam corretamente são realizáveis; as dos insensatos irrealizáveis. 109
- 59 - Nem a Arte riem a Ciência são atingíveis sem o estudo. 109
- 60 - Melhor censurar os próprios erros do que os dos outros. 109
- 61 - Quando o caráter é bem equilibrado, a vida também é ordenada. 110
- 62 - Bom não é apenas não ser injusto, mas também não querer sê-lo. 110
- 63 - Elogiar as belas ações é belo; pois aprovar as mas e obra de um falso e enganador. 110
- 64 - Muitos que muito sabem não têm entendimento. 110
- 65 - Muito pensar e não muito saber e o importante. 110
- 66 - Melhor é pensar antes de agir do que arrepender-se depois. 110
- 67 - Não se deve confiar em todos, mas naquele que tem experiência. Pois aquilo é simplicidade, e o segundo sabedoria. 110
- 68 - O homem experimentado, e o inexperimentado, pode ser reconhecido não só pelo que ele faz, mas também pelo que ele quer. 110
- 69 - Para todos os homens, o bem e o verdadeiro são o mesmo; o agradável e uma coisa para uns e outra para outros. 110
- 70 - Desejar sem medida e coisa de criança e não de um homem. 110
- 71 - Prazeres intempestivos provocam desgosto. 110
- 72 - Desejar violentamente uma coisa, é tornar-se cego para o demais. 110
- 73 - O desejo é justificado quando aspira as belas coisas sem excesso. 110
- 74 - Recusar todo gozo que não comporte vantagens. 110
- 75 - Para os desprovidos de entendimento melhor é serem dominados do que dominar. 110
- 76 - Aos tolos ensina, não a palavra, mas a desgraça. 110
- 77 - Reputação e riqueza sem inteligência não são propriedades seguras. 110
- 78 - Adquirir riqueza não é inútil mas adquiri-la injustamente e a pior das coisas. 110
- 79 - Mau é imitar os maus e nem querer imitar os bons. 110
- 80 - Vergonhoso é dar-se muito trabalho com as coisas dos outros e ignorar as próprias. 110
- 81 - A eterna hesitação não deixa as ações atingirem a sua perfeição. 110
- 82 - Falsos e hipócritas são aqueles que tudo fazem com palavras, mas na realidade nada fazem. 111
- 83 - A ignorância do melhor e causa dos nossos erros. 111
- 84 - Aquele que age vergonhosamente deve envergonhar-se primeiramente diante de si mesmo. 111
- 85 - Quem se perde em discussões e tagarelices mostra-se incapaz para aprender o necessário 111
- 86 - É avidez falar de tudo e nada querer escutar. 111
- 87 - É preciso vigiar o mau, a fim de que não se aproveite de uma oportunidade. 111
- 88 - O invejoso se prejudica a si próprio como a um inimigo . 111
- 89 - Não é inimigo quem comete injustiça, mas quem a deseja. 111
- 90 - A inimizade dos parentes é muito pior do que a dos estranhos. 111

- 91 - Não suspeites de todo o mundo, mas sê acutelado e firme. 111
- 92 - Só se devem aceitar benefícios com a intenção de devolvê-los aumentados. 111
- 93 - Quando praticas um benefício acutela-te de que o beneficiado não seja uni pérfido e retribua o bem corri o mal. 111
- 94 - Pequenos benefícios prestados em momento oportuno são os maiores para quem os recebe.111
- 95 - Honras são de grande efeito para os que têm entendimento e compreendem quando são honrados. 111
- 96 - Benfeitor não é aquele que espera retribuição, mas aquele que se determina a bem fazer. 111
- 97 - Muitos que parecem amigos não o são; e muitos que não parecem sê-lo são. 111
- 98 - A amizade de um único homem compreensível e melhor que a de todos os que não têm entendimento. 111
- 99 - Não vale a pena viver quando não se tem um único bom amigo. 111
- 100 - Amigos experimentados não suportam muito tempo um caráter difícil. 111
- 101 - Multas pessoas afastam-se de seus amigos, quando estes caem da abundância na pobreza. 111
- 102 - Bela é em todas as coisas a boa medida; o excesso e a deficiência me desagradam. 112
- 103 - Quem a ninguém ama, a meu ver, por ninguém e arriado. 112
- 104 - Agradável e o ancião que sabe gracejar e pronunciar palavras serias. 112
- 105 - A beleza do corpo é animalesca se não for dignificada pelo entendimento. 112
- 106 - Encontrar um amigo na felicidade é fácil; mas ria desgraça é o mais difícil, 112
- 107 - Amigos são, não todos os que nos são aparentados, mas aqueles que concordam conosco naquilo que importa. 112
- 107a - Corno homens nos e digno não rir da desgraça dos homens, mas lastimá-la. 112
- 108 - Quem procura o bem, atinge-o só com dificuldades, o mal, contudo, atinge mesmo aquele que não o procura. 112
- 109 - Os que gostam de censurar não são feitos para a amizade. 112
- 110 - A mulher não se deve preocupar com a fala; pois isto é desprezível. 112
- 111 - Ser dominado por urna mulher é, para um homem, a mais extrema ofensa. 112
- 112 - Meditar sempre alguma coisa de belo e próprio de um espírito divino. 112
- 113 - aqueles que elogiam os insensatos causam-lhes grandes males. 112
- 114 - Melhor ser elogiado por outro do que por si próprio. 112
- 115 - Se não compreendes os elogios que te fazem, torna-os por lisonjas. 112
- 116 - Pois eu vim para Atenas, - e ninguém me conhece, 112
- 117 - Em realidade, porém, nada sabemos, pois no abismo' esta a verdade. 112
- 118 - (Demócrito dizia) preferir encontrar uma única (explicação pelas causas) a possuir o reino da Pérsia. 112
- 119 - Os homens fizeram do acaso uma imagem corno pretexto para a sua própria imprudência. Pois somente em casos excepcionais o acaso combate a imprudência: em geral, na vida, a perspicácia sensata põe-nos no caminho reto. 112
- 125 - (Demócrito, após exprimir a sua desconfiança nas Impressões dos sentidos na seguinte frase:) conforme a convenção das homens existem a cor, o doce, o amargo; em verdade, contudo, só existem os atamos e o vazio; (deixa falar os sentidos contra a razão:) Pobre razão! De nos tomaste argumentos e com eles queres nas derrubar. A vitória será tua desgraça. 113
- 126 - Todas (as lagartas), que em seu caminhar se movem de modo ondulante. 113
- 127 - Os homens sentem volúpia ao coçar-se, assim como quando amam. 113
- 143 - Tanta infelicidade, quanta se poderia Imaginar. 113
- 144 - A Música é urna arte jovem. Pois não foi a necessidade que a fez nascer, mas o supérfluo já existente.113
- 145 - A palavra, sobra da ação. 113
- 146 - O espírito habituado a tirar de si próprio os seus prazeres. 113
- 147 - Os porcos brincam no estrume.113
- 148 - No ventre materno forma-se primeiramente o umbigo como ancoradouro contra a ressaca e os caminhos transviados, amarra e gavinha para o fruto que se forma e nascera. 113

- 148 - (Se lançares os olhos para dentro de ti, encontrarás) uma despensa sortida e cheia de sofrimentos e um tesouro de males. 113
- 151 - No peixe comum não há espinha. 113
- 152 - Nenhum raio enviado por Zeus, que não guardasse o brilho do éter. 113
- 153 - É prejudicial querer agradar ao próximo. 113
- 154 - Nas coisas mais importantes somos discípulos dos animais; da aranha no tecer e remendar, da andorinha no construir, e das aves canoras, - o cisne e o rouxinol - no cantar; e tudo por imitação. 113
- 155 - Quando um cone é cortado paralelamente na base por um plano, como devem ser representadas as superfícies resultantes? Iguais ou desiguais? Se forem desiguais, tornarão o cone irregular, pois apresentará entradas e saliências escalonadas; se, ao contrário, forem iguais, os cortes (também) serão iguais e o cone oferecerá a aparência do cilindro, pois será composto de círculos iguais e não desiguais, o que é surpreendente. 113
- 155a - A esfera até certo ponto um ângulo. 114
- 156 - O nada existe tanto quanto o "alguma coisa". 114
- 157 - A arte política destes homens (como Parmênides, Melisso, etc.) deve ser estudada como sendo a mais alta e deve-se consagrar esforços dos quais os homens usufruam o grande e o admirável. 114
- 158 - Homens que, cada dia, têm pensamentos novos. 114
- 159 - Se o corpo instaurasse um processo contra a alma, devido às dores e aos maus tratos recebidos durante toda a vida, e se (Demócrito) fosse juiz na queixa, prazerosamente condenaria a alma, corri as seguintes razões: que ela destruiu o corpo pela sua negligência, o enfraquecia pela sua embriaguez, o corrompia e rasgava por volúpia. Da mesma maneira como responsabilizaria aquele que faz uso de um instrumento ou utensílio, deixando-o em mau estado. 114
- 160 - (A vida má, sem moderação, desprovida de entendimento e de respeito pelo sagrado) não é uma vida má, mas um morrer lentamente. 114
- 164 - Todos os seres vivos associam-se com seres vivos semelhantes; as pombas com as pombas, os grous com os grous, e assim com todos os animais. Também assim com as coisas inertes, como se pode ver ao joeirar as sementes ou nas rochas submetidas a ressaca. Pois, devido ao turbilhão provocado pela peneira, as lentilhas separam-se e unem-se as lentilhas, os grãos de cevada aos grãos de cevada, os grãos de trigo aos grãos de trigo. No outro caso, devido ao movimento da onda, as pedras alongadas rolam ao lugar onde estão as pedras alongadas, as redondas buscam as redondas, como se a semelhança que se encontra nestas coisas exercesse certa força de união. 114
- 165 - Isto eu afirmo sobre o Todo. - O homem e o que nós todos sabemos (...). 114
- 166 - (Demócrito diz que) certas imagens se aproximavam dos homens (exercendo estas um efeito às vezes bom e às vezes mau. Por isto desejava Ele) participar de imagens anunciadoras de felicidade. 114
- 167 - Um turbilhão de todos os tipos de formas separou-se do Todo. 114
- 168 - (Os discípulos de Demócrito chamavam os átomos de:) natureza. (No vazio são) projetados em todas as direções. 115
- 169 - Não procures tudo saber para não ignorar tudo. 115
- 170 - A felicidade e a infelicidade são propriedades da alma. 115
- 171 - A felicidade não reside nem em rebanhos nem em ouro: a alma é a morada do "daimon". 115
- 172 - As mesmas coisas que nos dão o bem, também nos podem dar o mal, mas deste tios podemos livrar. Por exemplo, a água profunda nos pode ser muito útil, mas também prejudicial, pois corre-se o perigo de um afogamento. Contra isto, encontrou-se apenas um caminho: aprender a nadar, 115
- 173 - Para o homem, os males nascem do bem, quando não se sabe dirigi-los nem suportá-los. Contudo, não é justo considerar tais coisas como males, pois, muito mais, são bens, e, se se quiser, pode-se utilizar o bem contra o mal. 115
- 174 - Quem se sente inclinado a praticar ações justas e conformes às leis, para ele é alegre, forte e livre de preocupações tanto o dia como a noite; mas quem não obedece a justiça e não faz o que deve fazer, a este tudo se torna desagradável, quando lembra o passado, e sofre o medo e se atormenta. 115

175 - Os deuses dão aos homens, em nossos dias como outrora, todos os bens. Somente o mau, prejudicial e perigoso recusam os deuses, em nossos dias como outrora, aos homens. Mas estes precipitam-se devido a cegueira de seu Espírito e a sua loucura.

115

176 - O acaso C magnânimo mas pouco seguro; a natureza, ao contrario, repousa sobre si própria E por isto, com sua força menor, porem mais segura, sai vitoriosa contra as promessas mais vastas da esperança. 115

177 - Nem a nobre palavra encobre a ma ação, nem C a boa ação prejudicada pela ma palavra. 115

178 - O pior que se pode ensinar à juventude e a leviandade. Pois e ela que provoca aqueles desejos que desenvolvem a perversidade. 115

179 - Se os meninos não são levados ao trabalho, não aprenderão nem a ler nem a escrever, nem música, nem esporte, nem o respeito, que o a principal condição de valor; pois é por estes exercícios que nasce o respeito. 115

180 - A educação é um ornamento para os felizes; para os desgraçados é um refugio.

116

181 - Melhor (educador) para a virtude mostrar-se-á aquele que usar o encorajamento e a palavra persuasiva, do que o que se servir da lei e da coerção. Pois quem evita o injusto apenas por temor a lei, provavelmente cometerá o mal em segredo; quem, ao contrario, for levado ao dever pela convicção, provavelmente não cometera o injusto nem em segredo nem abertamente, Por isto, quem agir corretamente com compreensão e entendimento, mostrar-se-á corajoso e correto de pensamento. 116

182 - Somente com esforço se aprendem no estudo as coisas nobres; as que não o são colhem-se por si e não exigem esforço. Pois mesmo contra a vontade forcem freqüentemente um (homem) a ser assim (...). 116

183 - Ocasionalmente encontra-se compreensão entre os jovens e incompreensão entre os velhos. Pois o tempo não ensina a pensar, mas sim a educação desde a infância e o dom da natureza. 116

184 - A convivência assídua com os maus acresce nossa propensão aos vícios. 116

185 - As esperanças dos homens educados valem mais do que as riquezas dos ignorantes, 116

186 - Acordo de pensamento engendra amizade. 116

187 - Convém ao homem dar maior atenção à alma do que ao corpo. Pois a excelência da alma corrige a fraqueza. do corpo; a força do corpo, contudo, sem a razão, é incapaz de melhorar a alma. 116

188 - Os limites do que e útil ou não, são o prazer e o desprazer. 116

189 - O melhor para o homem e viver com o máximo de alegria e o mínimo de tristeza. Isto acontece quando não se procura o prazer em coisas perecíveis. 116

190 - Sobre as más ações deve-se evitar mesmo a conversa. 116

191 - Pois para o homem, a tranqüilidade provem da moderação no prazer e da justa medida na vida. A deficiência c o excesso provocam mudanças e grandes movimentos na alma. As almas agitadas por grandes movimentos perdem o seu equilíbrio e a sua tranqüilidade, Deve-se, portanto, aplicar o Espírito ao possível e contentar-se com c, presente, sem dar demasiada atenção ao que se inveja e admira ou prender nisto o pensamento, deve-se, ao contrário, ter sob os olhos a vida dos miseráveis e atentar aos que sofrem; assim, a tua situação e as tuas posses parecerão grandes e invejáveis, e, cessando então de desejar mais, evitaras sofrer o mal tua alma. Pois quem admira os ricos e aqueles que outros homens louvam felizes, não desprendendo deles o seu pensamento de toda hora, ver-se-á forçado a empreender constantemente novos meios, fazendo renovadas tentativas levado pelo desejo de agir contra as proibições da lei. Por isto, não se deve cobiçar, mas contentar-se com o que se possui, comparando a nossa vida com a dos mais miseráveis, e, considerando os seus sofrimentos, julgar-se feliz por sofrer menos, Adotando esta maneira de pensar, viver-se-á mais tranqüilamente, evitando não poucas calamidades na vida: a inveja, a ambição, a inimizade. 117

192 - É fácil louvar e lastimar o que não se deve; ambos, contudo, são sinais de mau caráter 117

193 - A prudência consiste em guardar-se dá injustiça que nos ameaça; a insensibilidade, em não vingar-se da ofensa sofrida. 117

194 - As grandes alegrias provêm da contemplação das belas obras. 117

- 195 - Estátuas que, pela indumentária e pelo adorno, atraem a vista, mas são vazias de coração. 117
- 196 - O esquecimento de nossa maldade gera a temeridade. 117
- 197 - Os insensatos se formam pelas dádivas do acaso; os que estas conhecem, pelas dádivas da sabedoria. 117
- 198 - (Bem mais sensato do que o homem e o animal que, em sua necessidade, sabe quanto necessita. O homem, ao contrário, quando necessita, não o sabe. 117
- 199 - Insensatos são aqueles que odeiam a vida, iriam querer viver por temerem o Hades. 117
- 200 - Os insensatos vivem sem alegria na vida. 117
- 201 - Os insensatos aspiram a uma longa vida, sem tirar dela nenhuma alegria. 117
- 202 - Os insensatos aspiram ao ausente, e deixam passar o presente, embora mais vantajoso do que aquilo que lhes escapa. 117
- 203 - Homens que fogem da morte, correm atrás dela. 118
- 204 - Os insensatos, em toda a sua vida, não contentam ninguém. 118
- 205 - Os insensatos aspiram a vida por temerem a morte. 118
- 206 - Os insensatos, por temor da morte, querem envelhecer. 118
- 207 - Não se deve aspirar indiferentemente a todo o prazer, mas somente ao prazer do belo. 118
- 208 - O autodomínio do pai é o maior exemplo para os filhos. 118
- 209 - Para o estômago moderado, a noite nunca é curta. 118
- 210 - A fortuna prevê uma mesa muito rica, a moderação uma mesa suficiente. 118
- 211 - A moderação aumenta o gozo e acresce o prazer. 118
- 212 - Dormir durante o dia manifesta uma perturbação do corpo ou tormento ou preguiça ou má formação da alma. 118
- 213 - A virilidade torna pequenos os golpes do destino. 118
- 214 - Viril não é somente quem triunfa de seus inimigos, mas também dos prazeres. Alguns, contudo, são senhores de cidades, mas servos de mulheres. 118
- 215 - A glória (resultado) da justiça reside na segurança e intrepidez do juízo; o resultado da injustiça e o medo frente a desgraça. 118
- 216 - A sabedoria intrépida e do mais alto valor. 118
- 217 - Só os que odeiam a injustiça são amados pelos deuses. 118
- 218 - Riqueza adquirida ao preço da maldade apresenta mácula manifesta. 118
- 219 - Quando nosso apetite de riquezas é insaciável, torna-se muito pior do que a extrema pobreza. Pois maior o apetite, maior se torna a necessidade. 118
- 220 - Maus lucros trazem prejuízo a honra. 118
- 221 - A esperança em maus lucros é o início de nossa perda. 118
- 222 - Amontoar riquezas excessivas para os filhos e um pretexto à cobiça, que com isto põe a nu o caráter. 118
- 223 - O que o corpo reclama, encontramos-lo facilmente sem esforço e necessidade. Tudo o que exige esforço e necessidade, enchendo de dores a vida, não vem das exigências do corpo, mas de um espírito mal dirigido. 118
- 224 - Cobiçar mais do que possuímos, é perder o que já temos, à semelhança do cão (na fábula) de Esopo.
- 225 - Dizer a verdade e não perder-se em conversas é dever. 119
- 226 - Falar abertamente é a característica própria do espírito livre, e o perigo está em não saber o momento exato para fazê-lo. 119
- 227 - As pessoas parcimoniosas têm o destino das abelhas; trabalham como se devessem viver eternamente. 119
- 228 - Os filhos de pessoas medíocres, quando crescem na ignorância são como dançarinos que fazem seus saltos entre espadas. Se não conseguem colocar-se no local preciso onde devem por o pé, perecem; e é difícil cair no pois somente está livre. Assim também com aqueles: quando se afastam do constrangedor e mesquinho modelo paterno, geralmente sucumbem. 119
- 229 - A parcimônia e a fome são úteis, como também o são os gastos em tempo justo; decidi-lo é tarefa do competente. 119
- 230 - Uma vida sem festejos é um longo caminho sem hospedarias. 119
- 231 - Sábio é quem não se aflige com o que lhe falta e se alegra com o que possui.

- 232 - Entre os prazeres, o mais raro traz maior alegria. 119
- 233 - Transgredir a justa medida pode fazer da mais agradável a coisa mais desagradável.
119
- 234 - Saúde rogam os homens aos deuses em suas orações; não sabem, porém, que trazem em si mesmos a força para tal; e fazendo, pela intemperança, o contrario do que ela exige, tornam-se, . por sua cupidez, traidores da saúde. 119
- 235 - Os que procuram os prazeres no ventre, desrespeitando a justa medida, na mesa, na bebida e no amor, para estes são os prazeres curtos, durante o tempo em que comem ou bebem; os sofrimentos, porém, são numerosos. Pois o desejo das mesmas coisas renasce sem cessar, e uma vez atingido o que se propunham, desaparece o prazer rapidamente, sobrando-lhes pequeno gozo: e novamente impõe-se a necessidade de outras satisfações. 119
- 236 - Lutar contra o próprio coração e coisa difícil; mas é próprio do homem de bom senso conseguir a vitória. 119
- 237 - Todo desejo de luta é irracional; pois enquanto busca prejudicar o inimigo, esquece o seu próprio interesse. 119
- 238 - Termina em ma reputação pretender medir-se com o mais forte. 120
- 239 - Juramentos feitos ria necessidade não são cumpridos pelas pessoas baixas, uma vez desvencilhadas das dificuldades. 120
- 240 - O esforço voluntário torna-nos mais capazes de suportar o involuntário. 120
- 241 - Esforço ininterrupto torna-se mais suportável com o habito. 120
- 242 - Mais pessoas tornam-se boas pelo exercício do que pela natureza. 120
- 243 - Todo esforço é mais agradável do que o repouso quando atingimos a finalidade de nossos esforços ou quando sabemos que a atingiremos. Em cada decepção, contudo, torna-se o esforço igualmente penoso e aflitivo. 120
- 244 - Também quando estás Só nada deves dizer riem fazer que seja baixo. Aprendo a envergonhar-te mais frente a ti mesmo do que frente aos outros. 120
- 245 - Se os homens não se prejudicassem reciprocamente, as leis não impediriam que cada um vivesse conforme ao seu próprio gosto. Pois a inveja C o inicio da discórdia.
120
- 246 - Viver no estrangeiro ensina a auto-suficiência; pois pão de cevada e um leito de palha são os melhores remédios contra a fome e o cansaço. 120
- 247 - Para um homem sábio todas as terras são acessíveis; pois a pátria de urna alma virtuosa é o universo. 120
- 248 - A lei se propõe a melhorar a vida do homem; Só o consegue, porém, quando eles mesmos querem passar bem; pois só aos que lhe obedecem manifesta a sua própria excelência. 120
- 249 - A guerra civil é uma desgraça para os dois partidos; conduz vencedores e vencidos igualmente a perda. 120
- 250 - As grandes obras e as guerras só pela concórdia podem ser realizadas para as comunidades; de outra forma, e impossível. 120
- 251 - A pobreza em uma democracia é melhor do que a assim chamada felicidade no paço dos príncipes, assim como a herdade C melhor do que a escravidão. 120
- 252 - Os deveres para corri o interesse publico devem ser considerados como os maiores, a fim de que sejam bem executados; deve-se evitar a querela contra a equidade bem como atribuir-se a força contra o bem coletivo. Pois urna cidade " administrada e a maior proteção e nela tudo se encontra; se for sadia, tudo . sadio, e se perece, tudo perece com ela. 120
- 253 - Não é proveitoso aos honrados negligenciar os próprios negócios o ocupar-se daqueles dos outros. Pois então soem comprometer-se os seus, próprios. Quando, contudo, se quiser negligenciar os negócios públicos, forma-se uma reputação ma, mesmo sem o cometimento de roubo ou injustiça. Aquele que não é negligente nem comete injustiça periga cair em ma reputação e até em sofrimentos corpóreos. É inevitável cometer erros, mas não é fácil encontrar o perdão dos homens. 121
- 254 - ' Quando os cidadãos desonestos conseguem os postos de governo, - quanto mais indignos deles forem, tanto mais negligentes se tornam, crescendo em insensatez e atrevimento, 121
- 255 - Quando as pessoas de posse se decidem a ajudar e a fazer o bem já nisto exercem a piedade, não deixam os outros sós e praticam a fraternidade a ajuda mútua a

concordia entre os cidadãos e outras coisas boas, tantas que nem poderiam ser enumeradas. 121

256 - justiça quer dizer: fazer o que C necessário; injustiça: não fazer o que C necessário, esquivando-se. 121

257 - () corri certos animais, no que se refere a matar e não matar, o seguinte: aquele que matar os que fazem injustiça e os que querem fazer injustiça - quer dizer, os que prejudicam e querem prejudicar, fique impune. E mais vale, para o bem-estar geral, fazer isto do que não fazê-lo 121

259 - A morte se impõe, a todo preço, aqueles que, contra a justiça, trazem prejuízo. Quem fizer isto, assegurar-se-á maior tranqüilidade, justiça, confiança e posses em toda ordem (estatal). 121

259 - Assim como há (leis) escritas (por mim) contra animais e vermes nocivos, assim, julgo eu, dever-se-ia fazer também. contra os homens. Segundo as leis herdadas de nossos pais, e ria medida em que nenhuma disposição legal o proíba, dever-se-ia matar um inimigo publico em todo o Estado. Isto, porem, e proibido por santuários (ou) determinações sagradas, específicas a cada povo, e tratados o juramentos. 121

260 - Aquele que matar um ladrão ou um pirata, não deve ser castigado, tenha acontecido pela própria mão, ou por sua ordem, ou por decreto. 122

261 - Aos que sofrem injustiça se deve apoiar com forças vingativas e não permitir que aconteça. Pois esta e a conduta justa e boa; em caso contrario, age-se mal e injustamente. 122

262 - Também aqueles que cometem algo que mereça exílio ou prisão, ou aqueles que devem cumprir sentença, devem ser condenados e não libertos. Pois quem os liberta, contra as leis, julgando segundo ganho ou prazer, faz injustiça e isto deve roer-lhe o coração. 122

263 - Maximamente participa da justiça e da virtude aquele que distribui as maiores recompensas aos dignos. 122

264 - Não se deve temer mais aos outros do que a si próprio como não se deve praticar o mal sob pretexto de que ninguém ou a Humanidade inteira o saberá. Muito mais, e a nos próprios que devemos temer, e nada fazer de mal deve ser a lei da alma. 122

265 - Os homens recordam mais as suas falhas do que os seus sucessos. E isto e justo. Assim como não se deve elogiar quem restitui um bem confiado, deve-se censurar e castigar aquele que não o restitui, e isto vale também para os que -exercem função publica. Pois não foi eleito para agir mal, e sim bem. 122

266 - Não há meio, na ordem presente das coisas, de impedi-la que perpetre injustiça contra os magistrados, mesmo quando estes são muito probos. Não convém (que o magistrado seja responsável) a nenhum outro a não ser a si próprio ou que esteja, ele mesmo, sob o poder de outros (quando mudam anualmente os magistrados). Convém, pois, tomar disposições para que o homem integro, por mais severo que seja para com os culpados, não caia sob o poder deles; uma lei ou alguma outra coisa deve proteger o magistrado honesto que exerce a justiça. 122

267 - O governo pertence naturalmente ao mais forte. 268 - O temor engendra a bajulação e não a afeição. 122

269 - A coragem e o principio da ação, mas a fortuna e soberana do resultado. 122

270 - Utilizar os servos como membros do corpo, cada um para uma tarefa determinada. 122

272 - Quem tem sorte com o seu genro, encontra um filho; quem não tem sorte, perde também a sua filha. 123

273 - A mulher é muito mais propensa aos maus pensamentos que o homem. 123

274 - Falar pouco C ornamento para a mulher; a simplicidade no ornamento também e coisa bela. 123

275 - Educar crianças C inseguro. Quando C bem sucedida, foi cheia de lutas e preocupações; quando não e bem sucedida, a dor e inigualável. 123

276 - A procriação não me parece necessária. Pois vejo na posse dos filhos muito grandes perigos e muita aflição; pouca satisfação, o esta em mínima e fraca medida. 123

277 - Quem tiver necessidade de ter um filho, o, parece-me faz melhor adotando um de um amigo. Terá então um filho tal como o descia. Pois pode escolhê-lo, assim como o quer, pelas suas capacidades e disposições naturais. Segue-se dai uma grande

diferença, pois pode escolher-se o filho almejado entre muitos, tal como se precisa. O filho próprio ao contrario, traz consigo muitos perigos, pois se deve torná-lo assim como o fez a natureza. 123

278 - Os homens crêem ser uma necessidade imposta pela natureza preocupar-se com a descendência. Isto torna-se manifesto se se consideram os outros seres vivos. Pois todos trazem prole ao mundo, obedientes a natureza, sem atentar a utilidade. Uma vez nascidos, esforçam-se e criam-nos tão bem quanto podem, e, na infância, atemorizam-se com eles, e se afligem quando lhes acontece algo. Tal o instinto natural de todos os seres dotados de alma. Nos homens, contudo, já se formou certa crença de que podem tirar proveito de sua descendência. 123

279 - Entre os filhos deve-se, sempre que passível, distribuir as posses e cuidar para que nada pratiquem de insensato com aquilo que lhes cair nas mãos. Pois assim tornam-se muito mais econômicos com o dinheiro e zelosos na aquisição, rivalizando uns com os outros. Pois em comum não doem as despesas tanto como em particular; e os ganhos não alegram tanto, mas muito menos. 123

280 - É possível, sem gastar muito, educar os filhos e construir um muro protetor em torno de suas posses e de suas pessoas. 123

281 - Assim como das feridas o cancro é a pior doença, assim nas riquezas (...). 124

282 - O uso de riquezas, se acompanhado de entendimento, é útil e permite mostrar-se liberal e afável; sem entendimento, porém, torna-se uma carga para todos. 124

283 - Pobreza, riqueza: palavras que cobrem a privação e a abundância. Assim, não se pode chamar rico a quem sofre privação, nem pobre a quem não a sofre. 124

284 - Se não desejas muitas coisas, o pouco te parecerá muito. Pois pequenos desejos fazem a pobreza tão forte quanto a riqueza. 124

285 - Deve-se reconhecer que a vida humana é frágil de curta duração e assolada por muitos flagelos e dificuldades; assim, o homem preocupar-se-á em possuir moderadamente e medir-se-á a miséria conforme a necessidade. 124

286 - Feliz quem se der por satisfeito com posses moderadas; infeliz quem se contente com as grandes. 124

287 - A necessidade generalizada é pior do que a de um único; pois naquela não há esperança de socorro. 124

283 - Há doenças da casa e da vida, como há as do corpo, 124

289 - É insensatez não ceder as necessidades da vida. 124

290 - Expulsa pela razão o sofrimento incontrolável de uma alma paralisada pela dor. 124

291 - Suportar dignamente a pobreza é índice de controle de si próprio. 124

292 - As esperanças dos insensatos são desprovidas da razão. 124

293 - Pessoas as quais agradam as desgraças dos outros não compreendem que as vicissitudes da fortuna são comuns a todos; privam-se da alegria em sua própria casa. 124

294 - Força e beleza são os bens da juventude; a prudência a flor da velhice. 124

295 - O ancião ia foi jovem, e o jovem não sabe se chegara a ser ancião. Um bem realizado é melhor que um bem futuro e duvidoso. 124

296 - A velhice é a mutilação em todo o corpo; possuindo tudo, em tudo lhe falta alguma coisa. 124

297 - Algumas pessoas, que nada sabem sobre a decomposição reservada a natureza humana, mas que vivem na consciência de suas más ações, esforçam-se durante a sua existência, cheias de inquietação e temores, em imaginar fábulas mentirosas sobre o tempo após o fim. 125

DOXOGRAFIA 125

1 - Eis as teorias de Demócrito Na origem de todas as coisas estão os átomos e o vazio (tudo o mais não passa de suposição) . Os mundos são ilimitados, engendrados e perecíveis. Nada nasce do nada e nada volta ao nada. Os átomos são ilimitados em grandeza e numero, e são arrastados com o todo em um turbilhão. Assim nascem todos os compostos: o fogo, o ar, a água, a terra. Pois são conjuntos de átomos incorruptíveis e fixos devido a sua firmeza. O Sol e a Lua são compostos de massas semelhantes, simples e redondas; e a alma, da mesma forma, a qual é idêntica ao espírito Nos vemos pela projeção de imagens. Tudo se faz por necessidade; sendo o turbilhão causa da gênese de tudo, ele o chama de necessidade. O bem supremo é a felicidade ("euthymia"),

- muito diversa do prazer, ao contrario do que creram aqueles que não souberam compreende-la; consiste no repouso e quietude da alma, não perturbada por nenhum temor, superstição ou afecção. Chama esta atitude de diversos nomes, entre outros o de "bem-estar". As propriedades são convenção dos homens, ao passo que os átomos e o vazio existem segundo a natureza. Estas são as suas doutrinas. (Diog. Lart. IX). 125
- 2 - Os princípios são o cheio e o vazio. (Aet. I, 3, 16). 125
- 3 - Os átomos tem grandeza e forma, as quais Epicuro acrescenta o peso, porque os corpos, dizia ele, movem-se pela ..0 do peso. (Aet. I, 3, 18) 125
- 4 - Os átomos não são divisíveis, e não há divisão ate o ilimitado. (Aet. I, 16, 2). 125
- 5 - Demócrito afirmava como única espécie de movimento o impulso. (Aet. 1, 23, 3). 125
- 6 - Por necessidade entende Demócrito o choque, o movimento e o impulso da matéria. (Aet. I, 26, 2). 125
- 7 - Demócrito afirmava que o mundo perece, quando o maior domina o menor. (Aet. II, 4, 9). 126
- 8 - Demócrito pretende que os seres primeiros não se engendram uns dos outros; mas o corpo comum é Me diferente, em suas partes, em grandeza e figura. (Arist., Phys, III, 4, 203a). 126
- 9 - Em geral, admitir como, um princípio de explicação suficiente o fato de que algo é e acontece sempre assim, não é fazer uma suposição correta. Contudo, a isto reduz Demócrito as causas naturais: "porque assim aconteceu anteriormente"; e não crê dever procurar o princípio deste "sempre"; tem razão em tal ou tal caso, mas não se trata de todos. Com efeito, no triângulo os seus três ângulos são sempre iguais a dois retos, mas a causa de tal eternidade é outra; os principies, contudo, não tem, além de si próprios outra causa de sua eternidade, (Arist. Phys. VIII, 1, 262a). 126
- 10 - Afirmam que o movimento se da graças ao vazio; com efeito, segundo estes o movimento dos corpos naturais e elementares é um movimento local; porque o movimento devido ao vazio e um transporte, como em um lugar; quanto aos outros movimentos, nenhum pertence, pensam eles, aos corpos elementares, mas somente àqueles que deles , eles são formados; dizem que o crescimento, o perecimento e a alteração provêm da reunião e da separação dos corpos insecáveis. (Arist. Phys. VIII, 9, 265b). 126
- 11 - Para certos filósofos, o nosso céu e todos os mundos têm por causa o acaso; pois do acaso gera-se o turbilhão e o movimento que separa os elementos e constitui o universo na ordem na qual o vemos. Mas eis o que surpreende: por um lado, segundo eles, nem os animais nem as plantas existem ou são gerados pelo acaso, mas encontram a causa desta geração na natureza, na inteligência, ou em alguma coisa parecida (não e qualquer coisa que nasce, por obra do acaso, da semente de cada ser, mas desta, uma oliveira, e daquela, um homem); por outro lado, o céu e os mais divinos dos seres visíveis provem do acaso, não tendo nenhuma causa comparável a dos animais e das plantas. (Arist. Phys.: II, 4, 196a). 126
- 12 - Demócrito e Leucipo, tendo estabelecido as formas, derivam destas a mudança e a geração; pela reunião e pela separação, o nascimento e a destruição; pela ordenação e pela posição, a mudança. (Arist., De Gen. corr. I, 2, 316). 127
- 13 - E como os corpos diferem pelas formas, e são infinitas as formas, dizem que também os corpos simples são infinitos. (Arist., De Coelo, III, 4, 303). 127
- 14 - Assim como Leucipo, também Demócrito, seu discípulo, dizia que o cheio e o vazio são os princípios sendo um existente, e o outro não-existente. Pois os átomos são a matéria das coisas, e todo o resto se segue de suas diferenças. Estas são três: forma, movimento e ordem. (Simpl., Phys., 28, 15). 127
- 15 - Diz Demócrito que os átomos são imóveis por natureza, movendo-se tão-só por um impulso (Simpl., Phys. 42, 10). 127
- 16 - Demócrito tinha a opinião de que os átomos se movem eternamente em um espaço vazio. há inumeráveis mundos, que se distinguem pelo seu tamanho. (Hippol. I, 13, 2), 127
- 17 - Leucipo e Demócrito dizem que os átomos se movem chocando-se mutuamente, e rechaçando-se uns aos outros, mas nada dizem de onde pode provir o princípio do movimento inerente a eles por natureza, já que o choque reciproco e um choque forçado e não por natureza, e o forçado e posterior ao natural. (Alex., Metaph. I, 47), 127

- 18 - Que tudo acontece pelo destino, de tal forma que este destino traz consigo a força da necessidade. Esta opinião defendiam Demócrito, Heraclito, Empédocles e outros. (Cic., De Fato, 17, 39). 127
- 19 - Deus e o espírito no fogo esférico. (Aet. I, 7, 16). 127
- 20 - Demócrito crê que com o fogo restante no alto surgiram os deuses. (Tert. Ad Nat, II, 2). 127
- 21 - Alguns filósofos afirmavam que a alma é fogo; pois este e o mais subtil dos elementos e o que mais se aproxima do incorpóreo; além disto, o fogo move-se e movimentava outros corpos. Demócrito explicou também o fundamento destes dois atributos da alma. Alma e espírito diz ele, são urna e a mesma coisa, / 'os o indivisíveis, atribuindo coisa, e pertencem aos corpos primários atribuindo sua aptidão ao movimento, à sua subtileza e forma. E de todas são as mais movediças, constituindo estas tanto o fogo como o espírito (Arist., De Anima, 1, 2, 405a). 127
- 22 - O corpo é posto em movimento pela alma (Arist., De Anima, I, 5, 409a). 128
- 23 - Demócrito, Epicuro: a alma e dupla; tem uma parte racional, instalada no peito, e outra irracional, distribuída em toda a substância do corpo. (Aet. IV, 4, 6). 128
- 24 - Demócrito, Epicuro: a alma é perecível e desaparece com o corpo. (Aet. IV, 7, 4). 128
- 25 - Leucipo e Demócrito: explicam a percepção e o pensamento como modificações do corpo. (Aet. IV, 8, 5). 128
- 26 - Leucipo, Demócrito e Epicuro são de opinião que a percepção sensível e o pensamento acontecem em consequência de imagens que nos vêm de fora. (Aet. IV, 8, 10). 128
- 27 - Segundo Demócrito a visão se produz pela imagem sobre esta, contudo, tem uma opinião particular, porque não diz que se produz imediatamente sobre a pupila, mas o ar, entre o olho e o objeto visto, receberia uma conformação contraindo-se sob a ação do objeto visto e daquele que vê; pois todas as coisas emitem constantemente um certo eflúvio. Então este ar, tendo tomado uma forma sólida e uma cor diferente, forma a imagem nos olhos úmidos, pois o que é denso não a recebe, e o que é úmido a deixa penetrar. Os olhos úmidos, portanto, são melhores para ver do que os endurecidos; a membrana exterior -deve ser fina e tão densa quanto passível, e as partes interiores dos olhos muito porosas, sem carne espessa e densa, mas com uma umidade espessa e gordurosa; as veias nos olhos devem ser retas e vazias, de maneira a poderem tomar uma forma semelhante a imagem, pois cada coisa é sobretudo conhecida pela sua semelhante. (Teophr. De Cens., 50). 128
- 28 - No que se refere ao pensamento diz que nasce quando a alma se encontra em um complexo corpóreo proporcionado; se este se converte em mais quente ou mais frio, diz que também o pensamento muda. Por isto diz que os antigos entendiam o que e ter pensamentos variados. Assim, resulta claro que explica o pensamento pelo complexo do corpo. (Teophr. 72). 128
- 29 - Demócrito e a maior parte dos fisiológicos que falam das sensações, estabelecem algo de totalmente absurdo, pois reduzem todos os sentidos ao tato, a despeito de que seria bem claro, se assim fosse, que cada uma das outras sensações seria uma espécie de tato. (Arist., De Cens., 4, 442). 128
- 30 - Baseado no fato de que o mel é amargo para uns e doce para outros, ensinava Demócrito que não existe o amargo e o doce em si. (Sexta. Pyrrh. II, 63). 129
- 31 - Demócrito diz que em realidade não há cores. Pois o cheio e o vazio, os átomos são desprovidos de qualidades. Contudo, as composições dos átomos, conseqüentes de sua ordem, forma e de seu movimento, são coloridas. (Aet. I, 15, 8). 129